

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
David Vieira Carneiro

**MEDIAÇÃO E EaD: um estudo sobre as representações
dos atores da educação presencial e a distância**

Taubaté – SP

2018

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

David Vieira Carneiro

**MEDIAÇÃO E EaD: um estudo sobre as representações
dos atores da educação presencial e a distância**

Dissertação apresentada à Banca de Defesa como
requisito para obtenção do Título de Mestre pelo
Programa de Pós-graduação em Educação.

Área de Concentração: Formação Docente e
Construção do Conhecimento Profissional

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Ortiz Monteiro

Taubaté – SP

2018

DAVID VIEIRA CARNEIRO

Mediação e EaD: um estudo sobre as representações dos atores da educação presencial e a distância

Dissertação apresentada à Banca de Defesa como requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação.
Área de Concentração: Formação Docente e Construção do Conhecimento Profissional
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Ortiz Monteiro

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) Dr. (a) _____ Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) _____ Universidade _____

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) _____ Universidade _____

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) _____ Universidade _____

Assinatura _____

**Ficha Catalográfica elaborada pelo
SIBi – Sistema integrado de Bibliotecas – UNITAU**

C289u Carneiro, David Vieira

Mediação e EAD: um estudo sobre as representações dos atores da educação presencial e a distância. / David Vieira Carneiro . - 2018.

179f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Patrícia Diana Edith Belfont de Souza e Ortiz Monteiro, Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação.

1. Educação a Distância. 2. Representações Sociais. 3. Mediação. 4. Pedagogia. I. Título.

Para meu avô David que foi meu maior exemplo de pessoa e de vida.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa e companheira de vida, Leriana de Almeida, por todo esforço, apoio e paciência neste processo.

Aos meus familiares, Sara, Lucas, Sérgio e Vania, pelo carinho e força.

À minha filha, Olívia de Almeida Carneiro, pela alegria de viver que me proporciona todos os dias.

Aos professores do programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté, em especial, às professoras Suzana Ribeiro e Mariana Aranha.

Aos alunos e docentes que aceitaram contribuir para este estudo.

Às professoras Rita Tarcia e Juliana Bussollotti pela atenção e disposição para participar da banca de defesa.

À professora Patrícia Ortiz Monteiro pela orientação, paciência e oportunidade de realizar este estudo.

RESUMO

A Educação a Distância está em crescimento no Brasil e é parte relevante na área da formação de professores. Neste contexto, a análise de questões relativas ao processo de ensino e aprendizagem na Educação a Distância (EaD) é importante. Este trabalho tem como objetivo identificar e compreender as representações sociais dos docentes e discentes do curso de Pedagogia, sobre mediação pedagógica na Educação a Distância e na educação presencial. Para isso, utiliza-se uma bibliografia sobre educação, mediação e representações sociais. A pesquisa foi desenvolvida em uma universidade do Vale do Paraíba paulista que oferece o curso de Pedagogia nas modalidades a distância e presencial. A amostra foi de 12 docentes, 6 da modalidade presencial e 6 da modalidade a distância, e 40 discentes em fase de conclusão de curso, 20 da modalidade presencial e 20 da modalidade a distância. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Para a coleta de dados, foram utilizados como instrumentos a entrevista semiestruturada com perguntas abertas para os docentes e questionários com perguntas abertas e fechadas para os discentes. Os dados coletados com os docentes foram categorizadas pelo *software* Iramuteq que organizou os dados para análise posterior. Os questionários dos discentes foram tabulados para preparação da análise. Os dados foram analisados à luz da teoria de Representações Sociais. Os resultados sociodemográficos demonstram que o público discente das duas modalidades é diferente na universidade pesquisada. As representações sociais sobre mediação dos professores é de que ela faz parte da relação entre professor e aluno. Parte significativa dos discentes não conhece o conceito de mediação, mas representa que o aprendizado é mais eficiente com a presença física do professor. O resultado contribui para a reflexão e conhecimento na área pedagógica da Educação a Distância a partir das representações sobre a mediação na formação de professores.

PALAVRAS-CHAVE: Mediação, Educação a Distância, Representações Sociais.

ABSTRACT

Distance Education is growing in Brazil and is an important part in the area of teacher education. In this context, the analysis of issues related to the teaching and learning process in Distance Education is important. This work aims to identify and understand the social representations of the teachers and students on Pedagogy course, about pedagogical mediation in Distance Education and in face to face education. For this, a bibliography on education, mediation and social representations is used. The research was developed at a university in the Vale do Paraíba of São Paulo that offers Pedagogy in distance and face-to-face modalities. The sample consisted of 12 teachers, 6 in the face-to-face mode and 6 in the distance modality, and 40 students in the final phase of the course, 20 in the face to face mode and 20 in the distance mode. This is a qualitative research. For the collection of data, the semi structured interview with open questions for teachers and questionnaires with open and closed questions for the students were used as instruments. The data collected with the teachers were categorized by the Iramuteq software that organized the data for later analysis. The students' questionnaires were tabulated for the preparation of the analysis. The data were analyzed in light of the Social Representations theory. The sociodemographic results demonstrate that the student population of the two modalities is different in the university researched. The social representations about teacher mediation is that it is part of the teacher-student relationship. A significant number of students do not know the concept of mediation but it represents that learning is more efficient with the physical presence of the teacher. The result contributes to the reflection and knowledge in the pedagogical area in Distance Education from the representations about mediation in teacher education.

KEY WORDS: Mediation, Distance Education, Social Representations.

LISTA DE SIGLAS

ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância

CEP/UNITAU - Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté

CNE - Conselho Nacional de Educação

EaD – Educação a Distância

EAM - Experiência de Aprendizagem Mediada

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MCE - Modificabilidade Cognitiva Estrutural

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

TRS – Teoria das Representações Sociais

UAB - Universidade Aberta do Brasil

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mediação de Feuerstein	33
Figura 2 - Classes de Palavras	57
Figura 3 - Nuvem de Palavras	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gênero - Universidade pesquisada.....	54
Gráfico 2 - Gênero - Professores de SP	55
Gráfico 3 - Idade dos docentes entrevistados	55
Gráfico 4 - Gênero dos discentes.....	77
Gráfico 5 - Idade dos discentes.....	77
Gráfico 6 - Renda Pessoal dos discentes.....	78
Gráfico 7 - Renda Pessoal dos alunos.....	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Problema.....	14
1.2 Objetivos.....	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	14
1.3 Delimitação do Estudo	15
1.4 Relevância do estudo / Justificativa	15
1.5 Organização do Trabalho.....	16
2 REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 A educação no Brasil.....	18
2.2 O Curso de Pedagogia	27
2.3 A mediação no processo educativo	30
2.4 As modalidades na Universidade	40
2.5 Representações sociais	42
3 METODOLOGIA	48
3.1. Tipo de Pesquisa	48
3.2. População / Amostra	49
3.3. Instrumentos.....	49
3.4. Procedimentos para Coleta de Dados.....	51
3.5. Procedimentos para Análise de Dados	52
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	54
4.1 Representações sociais dos docentes.....	55
4.1.1 Pedagogia como formação	59
4.1.2 Mediação Pedagógica e EaD	64
4.1.3 - Organização e Educação	70
4.1.4 - Ensino, aprendizado e dificuldades	72
4.1.5 - Docentes e representações.....	75
4.2 Representações sociais dos discentes	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS.....	89
APÊNDICE I - OFÍCIO	94
APÊNDICE II – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	95
APÊNDICE III - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS - DOCENTES.....	96
APÊNDICE IV - INSTRUMENTO DE COLETAS DE DADOS - DISCENTES.....	98
APÊNDICE V - ESTADO DA ARTE.....	101
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	104
ANEXO B – TRANSCRIÇÕES	106
ANEXO C – MEMORIAL.....	172

1 INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) teve um crescimento substancial nos últimos anos, no Brasil, do mesmo modo que o Ensino Superior, cuja expansão foi facilitada por esta modalidade. A EaD leva o acesso a cursos superiores a lugares que não possuem universidades públicas ou particulares na modalidade presencial, possibilitando a inclusão de muitas pessoas que antes não tinham condições de avançar em seus estudos, seja em nível superior ou profissional. Tal facilidade é potencializada não só pelos avanços tecnológicos, mas também pela criação de uma legislação específica e de programas como a Universidade Aberta do Brasil (UAB), como o presente trabalho mostrará.

Outro aspecto relevante que envolve a modalidade EaD é que ela permite uma flexibilidade maior na organização do tempo de estudo e aprendizado, favorecendo alunos trabalhadores ou que já possuem ensino superior. Assim como a relação entre professor, aluno e conhecimento também torna-se flexível, já que acontece por meio de conexões diversas como *e-mails*, *softwares*, materiais didáticos e plataformas virtuais educacionais - os ambientes virtuais de aprendizagem. Neste sentido, é importante discutir as possibilidades pedagógicas que esta modalidade de educação apresenta.

O avanço tecnológico trouxe diversas transformações no meio educacional, a EaD, evidentemente, teve uma gama de possibilidades pedagógicas que ampliaram seu público, acesso e meios de lidar com o processo ensino aprendizagem. Uma das áreas que se destacou, neste contexto, foi a formação de professores. Desta forma, o sistema educacional brasileiro é influenciado pela EaD, uma vez que parte de seus professores é formada e continua se formando por meio desta modalidade.

Assim, estudar a mediação pedagógica é uma forma de buscar o entendimento de que na modalidade EaD, assim como na modalidade presencial, é preciso procurar novas formas de lidar com a relação ensino aprendizagem e refletir sobre o papel do professor. No caso da EaD, a mediação pedagógica é necessária para que exista uma construção do conhecimento dentro das possibilidades oferecidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que não se bastam no contexto da aprendizagem. É evidente que existem particularidades no estudo da EaD e estas, assim como suas constantes mudanças, podem afetar a forma com que a sociedade vê as modalidades a distância e a presencial. O modo com que os professores e alunos enxergam o processo de mediação ajuda a compreender os avanços e as necessidades da Educação a Distância.

1.1 Problema

Existem diversas especificidades que se apresentam entre o ensino presencial e a distância. A modalidade EaD é recente, comparada a presencial, e seus métodos, estratégias e resultados estão em constantes e rápidas transformações. Entre estas, podemos destacar o papel da mediação pedagógica neste cenário. O professor pode e deve ser mediador do conhecimento; a mediação é uma função que permeia o aprendizado e o ensino, e evidencia como este processo e relações funcionam.

Dentro do contexto da EaD, a mediação é essencial e uma área que muda de acordo com as possibilidades trazidas pela tecnologia. Não existe um consenso na comunidade científica neste sentido e, por isso, devemos buscar como esta mediação é vista e praticada pelos docentes e discentes.

Por acompanhar o avanço tecnológico, questionamos: Quais as representações sociais feitas por docentes e discentes das modalidades EaD e da modalidade presencial em relação à mediação pedagógica?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

- Entender as representações sociais, sobre mediação pedagógica, de professores e alunos do Ensino Superior presencial e a Distância dos cursos de Pedagogia de uma universidade da região metropolitana do Vale do Paraíba paulista.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Descrever o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa.
- Conhecer as percepções da mediação pedagógica na Educação a Distância.
- Conhecer as percepções da mediação pedagógica na educação presencial.

1.3 Delimitação do Estudo

O estudo considera como objeto uma universidade do Vale do Paraíba que oferece, em seu quadro, cursos presenciais e a distância. A região metropolitana do Vale do Paraíba é industrial e a cidade em que a universidade se situa é considerada de médio porte. A cidade em que ela se insere possui, de acordo com o IBGE, 278.686 habitantes e tem o Índice de Desenvolvimento Humano de 0,8, maior do que o do estado de São Paulo (0,783) e o do Brasil (0,727). Além disso, possui 95% de sua população na área urbana. A universidade em questão é considerada pública municipal.

Esta instituição é reconhecida na área de ensino e pesquisa no Ensino Superior no estado de São Paulo e possui uma diversidade expressiva de cursos, inclusive na formação de professores. O curso analisado foi o de Pedagogia por tratar-se de um curso vinculado à área da Educação, voltado à formação de professores, assim como os entrevistados foram os docentes e discentes deste curso. A graduação em Pedagogia nessa instituição é oferecida nas duas modalidades, distância e presencial, cada uma com seu próprio corpo docente. Esta oferta é viável uma vez que o curso forma grande quantidade de docentes na região. A modalidade presencial possui 22 docentes, de acordo com o *site* oficial da instituição, enquanto a modalidade a distância possui 14, de acordo com o *site* oficial do curso de Pedagogia. Em relação aos discentes, o universo é maior, cerca de 230 para o curso presencial e 568 para o curso a distância, de acordo com as secretarias dos cursos.

1.4 Relevância do estudo / Justificativa

O estudo justifica-se pelo fato de a Educação a Distância, por meio de seus cursos de licenciaturas, ter se tornado uma importante formadora de professores no Brasil. O censo feito pelo INEP, publicado em 2013, revela que 1.374.174 alunos estavam matriculados em licenciaturas naquele ano. Entre eles, 922.981 eram de cursos presenciais e 451.193 de cursos a distância, sendo 97.796 de instituições públicas e 353.397 de instituições privadas. Isto demonstra que a formação de professores ocupa uma área expressiva na EaD no Brasil e, conseqüentemente, dentro do sistema educacional brasileiro. Discutir os efeitos e metodologias na modalidade é cada vez mais necessário e urgente dentro da pesquisa educacional brasileira já que os docentes formados por ela atuam e atuarão nas escolas do país. Além disso, estes profissionais também podem desenvolver pesquisas na área.

A formação de professores e a maneira como os profissionais da área observam e representam esta modalidade são importantes para que possamos avaliar como ela é recebida e percebida pela comunidade docente. Entenderemos, também, como os docentes do ensino superior veem as possibilidades de mediação pedagógica em EaD.

1.5 Organização do Trabalho

A dissertação se organiza em 4 sessões. Na primeira delas, se estabelece a introdução do trabalho, contendo os pressupostos que o guiarão. Posteriormente, na segunda sessão, há a revisão de literatura que esclarece os principais pilares teóricos para a realização da pesquisa e posterior análise de dados. A segunda sessão é dividida em 4 subsessões. A primeira delas aborda o Ensino Superior no Brasil, demonstrando a trajetória dos cursos presenciais e da EaD, além do curso de Pedagogia. Aborda o histórico deles no Brasil e como ela se desenvolveu até chegar no estágio atual. Para isso, fez-se uso de legislação e de literatura bibliográfica sobre o tema, destacando-se seus principais momentos de desenvolvimento. Ainda, nesta sessão, definimos o termo EaD e seu avanço na sociedade brasileira. A segunda e terceira subsessões discutem o conceito de mediação. A mediação é vista de forma a abarcar seu conceito próprio, além de colocá-la no contexto educacional nas duas modalidades discutidas neste estudo. A quarta subsessão mostra as representações sociais, seus caminhos e conceitos. A base teórica será essencial para entendermos a existência de representações sociais, ou não, durante a coleta de dados. As representações sociais sobre mediação pedagógica na EaD poderão ser identificadas e refletidas desta forma.

A terceira sessão do trabalho demonstra a metodologia utilizada nesta dissertação. Expõe conceitos e estratégias para a realização e análise das entrevistas e questionários. Também explicitou a amostra e população participante da pesquisa. O uso do *software* Iramuteq é explicado, assim como os critérios utilizados para realizar a análise de seus resultados. A quarta sessão demonstra a análise dos dados coletados com as representações sociais de docentes e discentes. O trabalho encerra-se com a exposição das reflexões realizadas e as considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para pesquisar as relações entre mediação e Educação a Distância, iniciamos uma pesquisa bibliográfica pelas publicações já existentes que tratam do tema. Esta busca é importante para que uma série de dados e reflexões já realizadas sejam conhecidas, bem como selecionadas as obras relevantes para elaboração do presente trabalho. É o que podemos considerar como Estado da Arte. Para Ferreira

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p. 258)

Pesquisamos os descritores "Mediação em Educação a Distância", "Representações Sociais e EaD", "Mediação e Professores na Graduação", "Mediação e Tutoria" e "TIC e Educação a Distância" nos bancos de dados da Scielo e Capes, no período dos anos de 2010 até 2016. Os resultados passaram por uma seleção que considerou a relevância para o trabalho.

Como podemos perceber, as tabelas que constam no Apêndice V mostram 24 estudos sobre o tema, mas devido a sua relativa novidade existe uma série de dissertações e teses a respeito que podem ser importantes para a presente pesquisa. Em uma visão geral, pode-se colocar que o tema já foi discutido em outros momentos, principalmente quando se trata de mediação pedagógica no contexto da EaD. Os resultados apresentados tiveram uma triagem prévia, sendo utilizados apenas os que tinham relevância direta para o presente estudo.

No descritor "Mediação em Educação a Distância", foram encontrados 4 artigos e dissertações que demonstram a relação necessária entre as práticas de mediação na EaD e como elas estão imbricadas. O descritor "Representações Sociais em EaD" só obteve como resultados, na plataforma da CAPES, 1 tese e 2 dissertações que demonstram pesquisas sobre experiências específicas na área da educação a distância. O descritor "Mediação e Professores na Graduação" apresentou 6 trabalhos que abordam a teoria sobre o conceito de mediação e sua aplicação. Em "Mediação e Tutoria", encontramos especificidades das funções dentro da EaD, o papel do tutor em relação aos docentes. "TIC e Educação a Distância" demonstrou uma quantidade maior na CAPES e confirmou a relação necessária entre os avanços tecnológicos e EaD.

Os resultados demonstram que a área da EaD é privilegiada quando tratamos de mediação, pois ela apresenta uma série de possibilidades como o próprio papel de quem fará a mediação dentro do processo, já que este possui vários participantes e recursos pedagógicos e tecnológicos. Além disso, a EaD está em crescimento e os estudos sobre a área estão se avolumando. Percebe-se, portanto, que a ideia de mediação na EaD já foi abordada em outros momentos com visões próximas ao presente estudo.

Foram utilizadas, neste trabalho, dissertações e artigos ligados à mediação pedagógica que apontavam para as diversas possibilidades de mediação que acontecem dentro da modalidade a distância, tal como a utilização de plataformas digitais e materiais didáticos.

Outro ponto de destaque entre os trabalhos foi a necessidade de reflexão sobre a função do docente no uso das tecnologias de informação e comunicação que, sozinhas, não são suficientes. Exemplos destas ideias são os autores Mallman (2010) e Slomski (2016).

2.1 A educação no Brasil

O Ensino no Brasil passou por diversas fases desde sua criação oficial. Pode-se considerar como marco o séc. XVI, com a chegada dos jesuítas e sua tentativa de catequizar os indígenas e propagar ideias cristãs ocidentais. A ideia de formação ocorre desde então com documentos como o *RatioStodiorum* que buscavam padronizar conceitos na educação jesuíta para os indígenas. A ideia religiosa de educação passou a ser substituída pela visão iluminista, no séc. XVIII, que pregava o fortalecimento do racionalismo. A partir daí, a ideia de formar profissionais e do próprio Ensino Superior passou a se fortalecer. Em relação à superação da educação estritamente religiosa, o Brasil aderiu ao ensino laico, a partir da proclamação da república, em 1889, pois é neste momento que se observa a separação entre Estado e Igreja Católica. As faculdades brasileiras surgiram ainda durante o período imperial, sob o modelo de faculdades isoladas e reservadas para a formação de uma elite intelectual. As universidades e faculdades passam a expandir em acesso e quantidade a partir da república.

O período republicano trouxe uma série de transformações na educação brasileira. Na década de 1930, ocorreu o *Manifesto dos pioneiros*, em que educadores brasileiros defendiam uma educação mais libertária e democrática. O manifesto demonstra como a educação brasileira tomava novos rumos. Para Saviani (2007), as décadas de 1940 e 1950 foram influenciadas pela transição da visão da psicologia para a sociologia. Em 1960, a visão econômica teria dominado a educação, sendo substituída pelas ideias de Piaget e Skinner.

Para o mesmo autor, a década de 1980 foi tomada pela teoria crítica de viés marxista e a década de 1990, a ciência estaria sendo desafiada pelo avanço tecnológico.

Este trabalho analisa, com mais ênfase, a educação superior brasileira a partir da década de 1980, em especial, após a aprovação da Constituição Federal de 1988, que representou a redemocratização do Brasil, após duas décadas de Ditadura Militar, e está vigente até os dias atuais, sendo assim, a formadora do quadro atual do Ensino Superior brasileiro.

A Constituição de 1988 estabelece

Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. (BRASIL, 1988)

A partir deste artigo se coloca o tripé em que a universidade brasileira se sustentaria: ensino-pesquisa-extensão. A universidade é alçada a centro da ciência no país, assim como da divulgação da ciência, ao prestar serviços à comunidade por meio da extensão. Para Saviani (2010), ocorreu uma distorção deste conceito durante a década de 1990, quando há a transformação do ensino em mercadoria com a criação dos centros de ensino, o que o mesmo chama de "universidades de ensino", que deixariam a pesquisa e a extensão em segundo plano, visando obter uma maior quantidade de alunos e de lucro.

Tal orientação acabou sendo consagrada no Decreto 2.306, de 19 de agosto de 1997, que regulamentou o sistema federal de ensino em consonância com a nova LDB. Esse decreto introduz, na classificação acadêmica das instituições de ensino superior, a distinção entre universidades e centros universitários. Em verdade, os centros universitários são um eufemismo das universidades de ensino, isto é, uma universidade de segunda classe, que não necessita desenvolver pesquisa, enquanto alternativa para viabilizar a expansão, e, por consequência, a "democratização" da universidade a baixo custo, em contraposição a um pequeno número de centros de excelência, isto é, as universidades de pesquisa que concentrariam o grosso dos investimentos públicos, acentuando o seu caráter elitista. (SAVIANI, 2010, p. 11)

Desta forma, o autor expõe a influência do mercado dentro da área educacional, que mesmo que ocorresse com mais afinco desde a Ditadura Militar, tem um crescimento a partir da adoção do modelo neoliberal, o qual abre um espaço maior para a iniciativa privada em vários setores da sociedade, entre eles, a educação. É evidente que dentro deste espaço de ação, a educação se torne uma alternativa para gerar lucro, sofrendo transformações relevantes dentro de sua estrutura, dentre elas, a criação dos já citados centros universitários.

Outro ponto importante deste período foi o crescimento da demanda por vagas no Ensino Superior, em virtude da ampliação do Ensino Médio que, por seu turno, decorreu do aumento das possibilidades de acesso provocado pelas mudanças na constituição e da LDB de 1996 (MARTINS, 2000). O autor aponta que, com mais pessoas formadas no Ensino Médio, é natural que a procura pela educação superior se tornasse maior. Esta ampliação foi verificada tanto no setor público como no privado (SAVIANI, 2010), o que aumentou também as possibilidades mercadológicas da educação, como discutido anteriormente. O mercado consumidor das empresas educacionais ampliou-se, formando ainda mais campo para a visão comercial da educação. Para Martins (2000)

De certa forma, pode-se afirmar que a graduação se expandiu de forma desordenada, sem planejamento estratégico a longo prazo, ao sabor das pressões da demanda por ensino superior e oriunda de grupos interessados em adquirir e/ou acumular um capital escolar. Cresceu também ao sabor da oferta, uma vez que sua expansão em grande escala, como assinalado anteriormente, foi comandada por um setor privado laico, portador de forte ethos empresarial, quase sempre voltado mais para a rentabilidade voraz de seus investimentos que para a busca sistemática de melhoria do ensino de graduação. (MARTINS, 2000, p. 10)

Autores como Saviani e Martins questionam a qualidade dos cursos oriundos do mercado educacional e de seu crescimento que se deu durante a década de 1990 e no início dos anos 2000. Oliveira (2009) aponta para o avanço do mercado financeiro sobre o sistema educacional brasileiro, a partir da entrada de grandes grupos educacionais na Bolsa de Valores, tais como: Anhanguera Educacional, Krotom, Grupo Pitágoras e Estácio. Acrescenta, também, que estes grupos crescem comprando instituições menores. Sguissardi (2015) expõe que o processo de mercantilização da economia brasileira existe desde a Ditadura Militar mas, só a partir de meados da década de 1990, vem sendo agravada pelas ações dos grandes grupos educacionais.

Nos últimos anos, o poder público tem investido em políticas de acesso que também contribuem para o crescimento das instituições privadas. Prova disso são os programas como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), criado em 2004, que cria bolsas de estudo em instituições privadas, e o Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino Superior (FIES), criado em 2001, que financia alunos matriculados em instituições privadas. Tais políticas, ao mesmo tempo em que ampliam o acesso, também mostram o incentivo do setor público ao privado na educação.

É importante, no decorrer deste trabalho, entender que a educação brasileira passa por processos que atingem as duas modalidades às quais ele se refere. A partir da década de 1990,

a Educação a Distância, é regulamentada e incluída no contexto do mercado e do desenvolvimento da educação brasileira. Inclusive o credenciamento de universidades que oferecem cursos exclusivamente a distância tem base legal no Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, em seu artigo 11, parágrafos 1º e 2º

Art. 11. As instituições de ensino superior privadas deverão solicitar credenciamento para a oferta de cursos superiores na modalidade a distância ao Ministério da Educação

[...]

§ 2º É permitido o credenciamento de instituição de ensino superior exclusivamente para oferta de cursos de graduação e de pós-graduação lato sensu na modalidade a distância.

§ 3º A oferta de curso de graduação é condição indispensável para a manutenção das prerrogativas do credenciamento de que trata o § 2º. (BRASIL, 2017)

A modalidade da Educação a Distância no Brasil cresceu de forma expressiva nos últimos anos. Os primeiros cursos oferecidos, no Brasil, utilizavam o rádio como principal instrumento. Nas décadas seguintes, a televisão assumiu o papel de principal tecnologia no meio educacional. Dentre estas tentativas, destaca-se o Telecurso 2000, que chegou a figurar na Tv aberta em canais como a Rede Globo de Televisão. A existência destes cursos mostra que a modalidade EaD já tinha relevância e demandas importantes no contexto brasileiro. Vale ressaltar que, durante a década de 1990, foi implantada a ideia de universalização do ensino fundamental, tendo a EaD como mais uma alternativa.

A Educação a Distância tornou-se uma opção viável para diversas pessoas. Por meio dela, foi possível disponibilizar o acesso a cursos a um maior número de pessoas. Citem-se como fatores importantes, neste sentido, a flexibilidade de horários, a eliminação da necessidade de deslocamento, a disponibilidade de universidades em locais onde elas não têm sede e adequação curricular mais fácil. Outrossim, o acesso mais rápido e fácil à Internet foi causa do crescimento da modalidade EaD.

No Brasil, além das universidades particulares, as universidades públicas também disponibilizam estes cursos de forma gratuita. A criação de cursos reconhecidos deu-se a partir de 2005, por meio do Decreto Federal nº 5.622 que regulamentava a modalidade, já citada na Lei de Diretrizes e Bases de 1996.

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância. (BRASIL,2005)

Em 2006, houve outro avanço: por meio do Decreto Federal nº 5.800 que criou a Universidade Aberta do Brasil (UAB), foram permitidas parcerias entre municípios e Universidades Federais para a criação de polos e cursos. A regulamentação e a UAB demonstram o momento favorável da EaD no Brasil: houve a criação de mais de 800 polos presenciais, ou seja, locais que centralizam a parte administrativa e pedagógica dos cursos.

Em 2016, a Resolução nº 1, de 11 de março, do Conselho Nacional de Educação, reconhece os tutores como profissionais da educação, participantes ativos do processo pedagógico.

Art. 8 § 2º Entende-se por tutor da instituição, na modalidade EaD, todo profissional de nível superior, a ela vinculado, que atue na área de conhecimento de sua formação, como suporte às atividades dos docentes e mediação pedagógica, junto a estudantes, na modalidade de EaD. (BRASIL, 2016)

Desta forma, podemos considerar que tanto o docente como o tutor exercem, oficialmente, uma função relevante no processo de mediação e no processo ensino aprendizagem na modalidade EaD.

Para Fidalgo e Mill (2009), vivemos em uma sociedade permeada pelas tecnologias, uma sociedade que pode ser chamada de “Idade Mídia”, e a educação também se encontra neste aspecto. Por isso, é preciso fazer a reflexão sobre o verdadeiro sentido da EaD. Para eles, os termos ensino a distância ou aprendizagem a distância não contemplam a complexidade que a EaD apresenta. O termo Educação a Distância seria mais apropriado por englobar as questões pedagógicas que a modalidade oferece, já que compreende o ensino e a aprendizagem.

A teoria sobre esta modalidade de ensino acompanhou sua história, sendo considerada mesmo antes dos avanços trazidos pela tecnologia. Autores como Otto Peters, Michael Moore, Randy Garison e Desmond Keeagan discutem questões relativas à educação a distância a partir da segunda metade do século XX. Otto Peters, por exemplo, defendia que a EaD deveria seguir o modelo industrial, contexto em que vivia o autor na década de 1960, com produção em massa de materiais didáticos, especialização nas funções, padronização e formas de controle de qualidade, além de redução de custos (MOORE, 2008). A partir desta reflexão, dois autores se destacaram na crítica a este modelo e em novos pensamentos sobre a modalidade: Michael Moore e Randy Garison. É importante que, mesmo que estes autores

tenham discutido a modalidade a partir da década de 1970, suas reflexões servem como base para reflexões acerca da EaD até mesmo nos dias hodiernos e auxiliam no entendimento no caminho percorrido pela modalidade.

Michael Moore (1989) começou suas reflexões tendo como base os cursos por correspondência e deste ponto desenvolveu ideias aplicáveis a diversos tipos de Educação a Distância. Suas reflexões parte do que chama de teoria da Interação a Distância (Transactional Distance). Para o autor, existem três tipos de interação: *learner-content interaction* (aluno-conteúdo), *learner-instructor interaction* (aluno-professor) e *learner-learner interaction* (aluno-aluno).

Na primeira delas, desenvolve-se uma interação entre o aluno e o conteúdo. Neste modelo, o aluno precisa refletir sozinho com informações fornecidas por leituras ou em recursos audiovisuais. Esta seria a primeira forma de educação a distância, ocorrendo desde a época medieval, mas que resistiu até a época dos computadores, passando por modelos como a fita de vídeo e de áudio. O autor também entende este modelo como estudo autodirigido.

A segunda delas diz respeito a interação entre o aluno e o professor, mesmo que essa interação não ocorra de forma física. Por este modelo, o professor apresenta informações, demonstrações e modelos que possibilitam a organização dos estudantes e sua motivação, também permitem que o professor tire dúvidas e realize um suporte para alunos que possuam alguma dificuldade. O modelo foi criado após a percepção de que o aluno nem sempre possui a autonomia para organizar seu processo formativo. Ele é utilizado desde os cursos por correspondência, teleconferência e facilitado pelas possibilidades de comunicação assíncronas e síncronas pela tecnologia.

A terceira delas é mais recente e consiste na interação entre os alunos em grupos com ou sem a presença do professor. Desta forma, os alunos podem discutir, usar e apresentar possíveis resultados de seus estudos. Este modelo também foi facilitado por recursos tecnológicos como um e-mail, a Wiki (recurso que permite a construção de textos em grupo) e o chat. Por meio deles, os alunos podem compartilhar conhecimento e construí-lo em conjunto o que, evidentemente, não exclui a existência do professor no processo educacional.

Essas três formas de interação apresentadas por Moore (1989) demonstram possibilidades que não se excluem e, sim, se complementam em um curso de Educação a Distância. São interessantes também para que se perceba como os modelos da modalidade avançaram com o decorrer do tempo, não havendo substituição, mas complementos em suas estratégias.

Pela Teoria da Interação a Distância (*transactional distances*)

A primeira ideia básica da teoria da Interação a Distância é que a distância é um fenômeno pedagógico, e não simplesmente uma questão de distância geográfica. Embora seja verdadeiro que todos os alunos de educação a distância estejam afastados de seus professores em termos de espaço e/ou tempo, o importante para os praticantes e pesquisadores é o efeito que essa distância geográfica exerce no ensino e no aprendizado, na elaboração do currículo e do curso e na organização e gerenciamento do programa educacional. (KEARSLEY, MOORE, 2008, p. 240)

Para os autores citados a educação a distância é uma relação entre pessoas, mesmo separadas por uma distância física, desse modo, técnicas de ensino acabariam com problemas na comunicação, possibilitando a interação a distância. Para eles, existem dois tipos de variáveis na interação: diálogo e estrutura. O diálogo seria uma interação construtiva e intencional entre alunos e professores, sendo fundamental na educação a distância, por meio do qual os alunos participam do processo de aprendizado.

A estrutura seria a forma em que o curso é organizado. É a partir da estrutura que o curso é elaborado de forma a permitir a interação e o oferecimento dos conteúdos necessários. É na estrutura que encontramos estratégias como guias impressos, atividades, recursos audiovisuais e possibilidades de comunicação síncronas e assíncronas.

Segundo esta teoria, é a partir da combinação entre estrutura e diálogo que ocorre a perspectiva de autonomia do aluno, ou seja, quando ele encontra a capacidade de desenvolver planos recursos e avaliações para o seu aprendizado.

Garrison (2000) também aborda as questões relativas a distâncias geográficas e as estratégias organizacionais para superá-las, porém faz uma crítica aos modelos que aproximam a educação a distância da lógica industrial, por isso acredita na importância da elaboração de teorias relativas a EaD. Para ele, a educação a distância incorpora sofisticadas formas de tecnologia que permitem a criação de comunidades colaborativas e um dos desafios da teoria é acompanhar estas novas realidades. Para o autor, os administradores da EaD estão preocupados com questões alheias ao processo educacional. Expõe que *senior administrators in higher education have become focused, not on educational issues, but the fiscal implications of distance education, and technologies companies see profits* (GARRISON, 2000, p. 2). Sendo necessário, desta forma, voltar ao pensamento e teorias pedagógicas sobre a modalidade.

É interessante perceber que o autor reconhece um avanço nas ideias de Moore, mas acredita que elas não superam a lógica industrial, dando muita responsabilidade ao aluno no processo de aprendizado. Para Garrison, é preciso que exista uma comunicação real entre

professor e aluno mesmo com a distância física, superando o modelo industrial. Para isso cria uma ideia do controle de professor e de aluno sobre todo o processo, bem como a de que o conteúdo deveria ter três critérios que evitariam o isolamento dos atores no processo: proeficiência, suporte e independência.

Levy (1999) coloca que EaD seria Educação Aberta a Distância e frisa a possibilidade democrática que ela disponibiliza ao permitir o compartilhamento de informações e conhecimento, para ele a modalidade apresenta diversas possibilidades

Em relação a isso, a primeira constatação diz respeito à velocidade de surgimento e de renovação dos saberes e *savoirfaire*. Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira. A segunda constatação, fortemente ligada à primeira, diz respeito à nova natureza do trabalho, cuja parte de transação de conhecimentos não para de crescer. Trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos. Terceira constatação: o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). (LEVY, 1999, p. 157)

Para o autor, a EaD tende a crescer até atingir os padrões e *status* da educação presencial de forma que as diferenças entre as duas tendem a ser suplantadas. Existiria uma nova cultura em gestação, a cibercultura, que é relacionada com as tecnologias e apresenta novas formas de conhecimento e comunicação. A EaD, desta forma, deixaria de ser uma auxiliar da educação tradicional para ser a base da educação.

Para Belloni (2002), os meios técnicos são essenciais para a socialização, independentemente do tempo. O que diferencia as sociedades são a forma e o interesse que estes meios são utilizados. Deste modo, as TICs ajudam a ampliar o acesso à informação e a criar um cidadão mais reflexivo. Para a autora, o sistema educacional tradicional não atende às demandas que a sociedade lhe coloca e a academia é idealista e negligencia os meios técnicos. A alternativa da EaD surge como grande possibilidade.

É evidente que no andamento, existam resistências ao EaD. Para Litto (2011)

Assim, permanece desconhecido o sucesso alcançado pela EAD, tanto em sua eficácia didática quanto em sua missão de aumentar o acesso ao conhecimento em diversas áreas, a milhões de jovens e adultos, no Brasil e no exterior. Uma das consequências dessa ignorância é a manutenção do clichê que se expressa na frase “não vi e não gostei!”, além da insistência na crença de que a EAD, por definição, é incapaz de oferecer condições adequadas de “qualidade”, para o processo de ensino-aprendizagem. Certos de que o sistema no qual foram educados no passado, por intermédio de

práticas exclusivamente presenciais, é a única maneira de assegurar a aprendizagem, os críticos da EAD concentram seus atos e suas palavras de resistência principalmente em uma característica preconceituosa, a suposta “falta de qualidade”. (LITTO, 2011, p. 367)

Assim, o autor coloca que muitos profissionais da modalidade presencial não consideram a educação a distância como uma modalidade possível, havendo instituições que não consideram os diplomas emitidos por cursos a distância, mesmo que isso desrespeite a lei. Além disso, é necessária uma reflexão sobre as ações das instituições que oferecem cursos na modalidade EaD para que se evitem falhas e infrações que corroboram com a visão preconceituosa emitida em determinados campos da educação. Para isso, cita problemas como plágio e a excessiva procura por lucro em detrimento da qualidade dos cursos. Este tipo de discurso e dúvidas em relação a EaD também aparece em Gatti (2009)

Mesmo com os cuidados legais previstos, o volume de cursos a distância para formação de professores em diferentes áreas cresceu rapidamente, sendo oferecidos em inúmeros polos mantidos pelas instituições credenciadas. Este crescimento sinaliza a necessidade de se aprimorar alguns dos processos avaliativos relativos a essas iniciativas. Com a facilitação da abertura desses cursos, e pela sua expansão enorme na área das licenciaturas, uma pergunta tem pairado no ar: a formação de docentes far-se-á para as novas gerações apenas em cursos não presenciais? Como fica o desenvolvimento sociocultural dos jovens candidatos a professor sem uma vivência universitária, comunitária, institucional? E o desenvolvimento da sensibilidade humana e da solidariedade? Quase sem experienciar relações acadêmicas face a face, um cotidiano coletivo de estudos e relações escolares, como irão interagir com seus alunos nas salas de aula das classes de educação básica? (GATTI, 2009, p. 51)

Tanto Belloni (2002) como Fidalgo e Mill (2009) apontam que a EaD cresceu, também, devido às necessidades e interesses comerciais da sociedade e acabou sendo utilizada como mais uma forma de gerar lucro. Esta educação em massa não necessariamente seria realizada com qualidade já que possui objetivos alheios aos interesses educacionais e pedagógicos. Tendo em vista as ideias dos autores supracitados, o discurso da tecnologia e educação foi transformado em mercadoria. Daí a importância da reflexão sobre a maneira que a Educação a Distância é vista pela classe docente e discente, assim como pela sociedade em geral.

Neste momento, torna-se relevante pensar em como funcionam estes cursos. Para Faria e Salvadori (2010)

(...) a evolução da EaD acompanhou a evolução das tecnologias de comunicação que lhe dá suporte, mas é necessário registrar a preocupação de diversos educadores que afirmam, como Demo (2007, p. 90), que tal evolução tecnológica não significa necessariamente evolução pedagógica:

“sempre é possível usar a tecnologia mais avançada para continuar fazendo as mesmas velharias, em particular o velho instrucionismo”. (2010, p.17)

A reflexão sobre o ensino é importante, pois coloca em evidência o quanto a EaD apresenta possibilidades de mudanças educacionais e didáticas. Coloca-se aqui a ideia da educação tradicional e conteudista e também a Pedagogia reflexiva e crítica. A EaD pode reforçar a primeira, mas também a segunda. Evidentemente é preciso cautela para que esta discussão não se torne maniqueísta, colocando as duas visões em uma contraposição simples e radical que impeça uma visão crítica de ambas. Lemgruber (2008) aponta que a ideia do tecnicismo foi muito presente nos cursos EaD e, por questões financeiras, determinadas instituições retiraram professores dos cursos. O mesmo autor, porém, lembra que estudiosos da área colocam a EaD como a nova propagadora das ideias de Dewey e Freinet, como se fossem uma novidade criada atualmente.

Para Oliveira e Moraes (2002)

Sabemos que a EaD abarca diversas concepções epistemológicas e metodológicas, que vão do fordismo à aprendizagem aberta e que todas elas coexistem até hoje. A abordagem mais comum em EaD é a *broadcasting*, na qual o professor encarrega-se de transmitir ao aluno um pacote fechado de informações que ele julga pertinentes aos seus propósitos educacionais. O aluno, por sua vez, vai elaborando as tarefas uma a uma, em geral individualmente e, ao final, ‘devolve’ ao professor a rede de informações veiculadas no curso. Mas será que tal abordagem de fato viabiliza a construção do conhecimento deste aluno-educador? (OLIVEIRA; MORAES, 2002, p. 92)

O questionamento feito pelos autores demonstra a necessidade de buscar uma reflexão sobre as abordagens pedagógicas que orientam os cursos em EaD, assim como a função do educador e das tecnologias neste processo. Recursos como medidas avaliativas, *softwares*, recursos audiovisuais, meios de interação entre professor e aluno, *chats*, fóruns são ferramentas importantes para os cursos e as formas como são utilizadas interferem nas ideias didáticas e pedagógicas inseridas nos cursos, por isso merecem atenção especial.

2.2 O Curso de Pedagogia

O curso superior de Pedagogia no Brasil se iniciou oficialmente em 1939 com a criação do curso de formação de bacharel em Pedagogia por meio da Lei nº 1.190/39 que visava a criação de técnicos em educação. Por esta lei, pode-se perceber como a educação tinha um viés técnico e de resultados. A própria criação do bacharelado demonstra esta ideia.

O curso passou a se estruturar de maneira mais voltada a ação em sala de aula, a partir da década de 1960 com a criação das licenciaturas. Para Brito (2006), as décadas de 1980 e 1990 definiram os rumos do curso de Pedagogia ao expor a dicotomia entre teoria e práticas dentro dos estudos pedagógicos.

Um ponto relevante para os cursos de Pedagogia foi a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei nº 9.394/1996. Com a LDB, surge a exigência de curso superior para os professores da educação básica

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade Normal.

[...]

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em Pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. (BRASIL, 1996)

É evidente que, a partir da LDB de 1996, a procura por cursos de Pedagogia aumentou, pois foi criada esta necessidade. É importante salientar que a lei coloca esta exigência inclusive para outras áreas da educação, como administração e supervisão, com a opção do nível de pós-graduação. Segundo Gatti (2010), os cursos de Pedagogia cresceram 94% no período de 2001 até 2006, enquanto as demais licenciaturas tiveram crescimento de 52%. Estes dados apontam para um crescimento mais substancial da Pedagogia e pode-se relacioná-la com a LDB, já que professores anteriores a ela não possuíam necessariamente curso superior de Pedagogia, sendo formados nos chamados cursos Normais ou Magistério.

Brito (2006) coloca que, a partir dos anos 2000, surgiu a necessidade de novas diretrizes para os cursos de Pedagogia

Enfatiza-se ainda que grande parte dos cursos de Pedagogia, hoje, tem como objetivo central a formação de profissionais capazes de exercer a docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas para a formação de professores, no planejamento e na gestão e avaliação de estabelecimentos de ensino, de sistemas educativos escolares e de programas não escolares. Os movimentos sociais também têm insistido em demonstrar a existência de uma demanda ainda pouco atendida, no sentido de que o pedagogo seja também formado para garantir a educação dos segmentos historicamente excluídos dos direitos sociais, culturais, econômicos, políticos. É nesta realidade que nascem as novas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia. (BRITO, 2006, p.4)

Para a autora, as novas diretrizes aprovadas pelo Parecer CNE/CP nº 05/2005, do Conselho Nacional de Educação, definiam e fundamentavam, para os professores formados pelo curso de Pedagogia, pontos importantes como interdisciplinaridade, ética e relevância social. O parecer também coloca que além das funções docentes, o licenciado em Pedagogia também deve ter a capacidade de exercer funções administrativas de forma democrática, corroborando com as ideias expressas na LDB. É interessante notar que a partir das legislações citadas, o curso toma uma forma mais consistente e caminhos a serem seguidos pelo sistema educacional são apontados, como por exemplo, a gestão democrática. Outro ponto de destaque é que houve um reexame deste parecer para dirimir dúvidas, tais como quando cursos de pós-graduação também podem servir para funções de docência, administração, supervisão e orientação pedagógica.

A partir do parecer já citado e do reexame do mesmo, elaborou-se a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de Maio de 2006, que institui as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Pedagogia. Nesta resolução, são confirmadas as tendências apontadas nos pareceres com ênfase no reconhecimento das diferenças, da gestão democrática e da necessidade de pesquisas na área educacional. Em relação às atribuições do licenciado, a resolução coloca que

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;

II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;

III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares. (CNE, 2006)

Por meio deste artigo, podemos notar que as funções do pedagogo não se restringem às salas de aula, estando também envolvidas em outras atribuições do ambiente escolar e não-escolar, o que demonstra o crescimento das atribuições e possibilidades dentro do curso de Pedagogia. Cabe também destacar que em seu art. 10, a resolução cria a necessidade de novas habilitações para os cursos em andamento, o que ocasiona a adequação de todos os cursos a estas novas diretrizes.

Outra questão importante neste ponto é a busca por um ideal de qualidade da educação. A LDB de 1996 coloca no inciso IX do artigo 3º que se busca por um padrão de qualidade. O termo é discutido por Cury (2014)

Ora, é notória a dificuldade em se obter uma definição precisa do que seja qualidade. Desse modo, pode-se partir daquilo que a qualidade não é: uma espécie de definição negativa. São as barreiras excludentes da desigualdade social inclusive legais como era o caso dos exames de admissão, a discriminação que desigualava o ensino profissional, os limites do ensino não-gratuito e a descontinuidade administrativa. A não qualidade se expressou e ainda está presente nas repetências sucessivas redundando nas reprovações seguidas do desencanto, da evasão e abandono. (CURY, 2014, p. 1055)

Desta forma, o termo qualidade na área educacional não possui uma definição exata, a própria LDB cita o termo 10 vezes, mas não o conceitua. Cury (2014) coloca ainda que a qualidade fica estabelecida pelo Plano Nacional de Educação como um direito de seus atores.

2.3 A mediação no processo educativo

É evidente que a ideia de mediação no contexto da educação não surge com a EaD, sendo uma discussão anterior. Um dos autores que a aborda é Libâneo (1998), que colocava a mediação como uma nova atitude a ser tomada pelos professores

O ensino exclusivamente verbalista, a mera transmissão de informações, a aprendizagem entendida somente como acumulação de conhecimentos, não subsistem mais. Isso não quer dizer abandono dos conhecimentos sistematizados da disciplina nem da exposição de um assunto. O que se afirma é que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar. Ao mesmo tempo, o professor ajuda no questionamento dessas experiências e significados, provê condições e meios cognitivos para sua modificação por parte dos alunos e orienta-os, intencionalmente, para objetivos educativos. [...] É nisso que consiste a ajuda pedagógica ou mediação pedagógica. (LIBÂNEO, 1998, p. 27)

O autor compreende que o contexto educacional propõe novos desafios e exige novas estratégias. Desta forma, o professor torna-se um mediador entre o aluno e os conteúdos a serem aprendidos, o auxilia na construção deste aprendizado. Para ele, existe a necessidade do professor exercer um novo papel no processo ensino aprendizagem. A visão do professor como transmissor de conteúdo e o aluno como mero receptor estaria superada, logo o professor passa a exercer o papel de mediador do conhecimento a ser construído na relação entre eles.

Para Fontana (2000), a ideia de mediação começa com Vygotsky, ao buscar o desenvolvimento dos conceitos na criança. Para a autora, Vygotsky formulou a ideia de que a criança, no convívio social, assimila símbolos e representações de forma a internalizar determinadas operações e conceitos. Neste processo, ocorre a mediação de diversos fatores como a linguagem.

Inserida num contexto cultural historicamente constituído a criança, desde seus primeiros momentos de vida, está imersa em um sistema de significações sociais. Os adultos procuram ativamente incorporá-la à reserva de significados e ações elaborados e acumulados. Na mediação do/pelo outro revestida de gestos, atos e palavras (signos) a criança vai integrando-se, ativamente, às formas de atividade consolidadas (e emergentes) de sua cultura, num processo em que pensamento e linguagem articulam-se dinamicamente. (FONTANA, 2000, p. 15)

No sociointerativismo, formulado por Vygotsky, a linguagem assume um papel importante no processo de formação das pessoas. Durante a vida, as pessoas convivem com as outras no seu meio social e recebem uma série de informações dotadas de significados. Durante o processo de internalização, não existe passividade, não se absorve automaticamente o que foi apresentado. Ocorre uma reconstrução mental para que a pessoa internalize os conceitos. A mediação pode ocorrer, neste sentido, por diversos meios, entre eles, a linguagem. A linguagem assume um papel privilegiado neste momento, pois é por meio dela que os significados são acertados e nela transparecem outros componentes como afeto, empatia e preferências (MARTINS, 1997).

É importante ressaltar que a linguagem, tal qual este trabalho se refere, não se trata necessariamente da fala, afinal ela não é uma exclusividade humana: Vygotsky (2008) considera que até mesmo chimpanzés possam ter linguagem, mesmo que sem representação. O autor coloca que pensamento e linguagem são complementares, mas não necessariamente coincidem, de forma que os discursos internos e externos nem sempre são idênticos. A relação entre pensamento e linguagem é relevante para este trabalho na medida em que é nesta relação que se estabelecem significados próprios no processo de internalização. A partir deste desenvolvimento, as pessoas conseguem elaborar conceitos e a mediação assume papel central, pois um conceito faz a mediação para outros.

Nos conceitos científicos que a criança adquire na escola, a relação entre esses conceitos e cada objeto é logo de início mediada por outro conceito. Assim, a própria noção de conceito científico implica uma certa posição relativamente aos outros conceitos, isto é, um lugar num sistema de conceitos. Defendemos que os rudimentos da sistematização começam por entrar no espírito da criança através do contato que esta estabelece com os conceitos científicos, sendo depois transferidos para os conceitos

quotidianos, alterando toda a sua estrutura psicológica de cima até baixo. (VYGOSTSKY, 2008, p. 66)

A criança consegue se desenvolver uma vez que ela transfere os conceitos científicos para conceitos de seu cotidiano, o que coloca em discussão a ideia da instrução escolar e o desenvolvimento mental. Para o autor, instrução e desenvolvimento têm relações porque no momento em que o discurso interior passa para a linguagem escrita é preciso considerar uma série de componentes como ordens das palavras e significações para que consiga ser compreensível. Além disso, é necessária uma reflexão acerca das ações mediadoras e do processo que Vygotsky denominou de Zona de Desenvolvimento Proximal, tendo em vista que é esta visão de mediação parte do conceito de dialética.

O objetivo de Vygotsky era salientar a não separação entre teoria (conhecimento) e prática (ação) para realçar a relação recíproca entre as idéias da mente humana e as condições reais de sua existência. A questão quanto à relação ensino-aprendizagem e desenvolvimento, ou seja, o papel da aprendizagem em levar ao desenvolvimento tinha, também, como objetivo discutir as funções inter e intra-psicológicas, bem como inter e externalização na apropriação e produção de conhecimento em contextos escolares no processo de desenvolvimento. (MAGALHÃES, 2009, p.3)

Desta forma, o processo deve ser conduzido, considerando-se as possibilidades de desenvolvimento da pessoa com base em sua realidade e em suas relações. O foco é a função mediadora no processo de internalização do conhecimento. Assim, a mediação atinge diferentes campos alternativos na construção de um conhecimento mediado. Saviani (2015) aponta que os professores devem ter o domínio da ideia de mediação para exercer esta função e que este processo deve levar à construção em cada indivíduo de uma humanidade construída coletivamente.

Outro autor que elabora uma teoria sobre a mediação a partir das ideias de Vygotsky é Reuven Feuerstein que desenvolve as ideias da modificabilidade cognitiva estrutural (MCE) e da experiência de atividade mediada (EAM) (TURRA, 2007). Por meio dessas ideias, ele coloca que o homem pode modificar suas condições cognitivas, emocionais e assim defende que todas as pessoas têm condições de desenvolver o aprendizado.

O organismo humano possui duas ontogênias: biológica e sociocultural. A parte biológica é o corpo humano e suas partes biológicas e genéticas. É na parte sociocultural que ocorre a interação com outros saberes e outros seres humanos e é neste ponto que acontecem a modificabilidade e o encontro com as ideias de Vygotsky, como a de internalização e mediação.

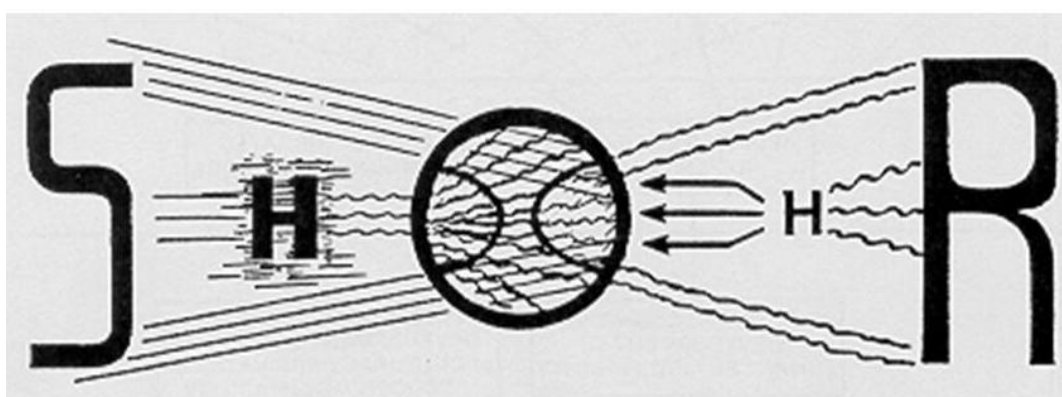
Para Feuerstein, a modificabilidade ocorre a partir de processos de mediação

A transformação de ações exteriores em ações interiores intelectuais se dá, tão somente, na ontogênese humana, devida aos conceitos, valores, habilidades, entre outros, que são transmitidos à criança. Por meio da mediação social, ela apreende conhecimentos, formas de pensar e sentir. (PISACCO, 2006, p. 26)

O desenvolvimento de novos conhecimentos ocorre, então, a partir de processos de mediação que, para Feuerstein, devem ocorrer entre humanos de forma intencional e planejada. É o que ele chama de experiência de atividade mediada. Assim, o mediador é parte essencial do processo de conhecimento humano.

É importante destacar que para que seja considerável um processo de mediação, é preciso que se ultrapassem estímulos simples. Feuerstein coloca o mediador entre os estímulos e o organismo, assim como coloca o mediador entre as respostas a esses estímulos. Como mostra o desenho que considera S (estímulo), O (organismo), R (respostas), H (humano/mediador). Percebe-se que o conhecimento se internaliza, a partir da ação mediadora humana, mesmo que o organismo receba estímulos e respostas fora dessa mediação.

Figura 1 - Mediação de Feuerstein



Fonte: http://static.wixstatic.com/media/4e7a5b_5da96ac8c25d450f802029c449c68cf8~mv2.jpg

Acesso: 4 jan. 2018

Dessa forma, este trabalho considera o conceito de Vygotsky como a base no processo de mediação e também as contribuições de Feuerstein para entender o papel do humano nas experiências de mediação nos processos de ensino aprendizagem, independentemente da modalidade de educação. Considera-se que a mediação é parte essencial para um desempenho de qualidade de um processo educacional e para a função dos educadores.

Ao se estabelecer a relação do papel da mediação com a função do docente, pode-se considerar que o professor estabelece a mediação ou a possibilita não apenas com uma

criança, mas com qualquer um de seus alunos, independentemente da idade. Ao utilizar de suas técnicas e conhecimentos pedagógicos, o professor auxilia e leva o aluno a uma reflexão que constrói conhecimentos. Neste processo, ocorrem a significação da linguagem, conceitos e símbolos. A mediação pedagógica é parte inerente, então, da função do professor em todos os momentos educativos. Esta ideia é inserida no contexto social por Mellouki e Gauthier (2004). Os autores colocam que o professor atua como um mediador, intérprete e tradutor da realidade. Desta forma, seria necessário analisar o contexto histórico-social desta relação e do próprio papel do professor.

Ao se definirem por meio de seu papel ideológico e político, sem negar evidentemente as outras dimensões de seu trabalho que são, digamos assim, normais, ao oferecerem uma imagem de si mesmos arriscada e contestada mas persistente, os professores dizem o que foram, o que são e o que continuarão sendo: mediadores, situados na interseção das relações sociais, tradutores que colocam ao alcance das gerações mais jovens, numa linguagem e com procedimentos pedagógicos mais atuais, as orientações e a visão do mundo veiculadas pelas ideologias dominante sou – isso também ocorre em alguns momentos de sua história – pelas ideologias dominadas ou emergentes. (GAUTHIER, MELLOUKI, 2004, p. 554)

Podemos colocar que a mediação ocorre dentro do contexto educacional, mas não está isolado da sociedade, assim como de suas ideologias, interesses e representações, logo estes fatores não podem ser desconsiderados na análise sobre o tema. Este é ponto relevante ao tratarmos do papel da mediação no contexto do aprendizado, já que a construção do conhecimento mediatizado está historicamente localizada, não se separando do contexto. A mediação não parte apenas da ação do professor, mas também da relação que o aluno fará do conhecimento, informações e signos com seu espaço social. Assim, percebe-se que, como já citado anteriormente, não existe passividade neste processo. Para Martins (1997)

Para o sóciointeracionismo, o desenvolvimento se produz não apenas por meio da soma de experiências, mas, e sobretudo, nas vivências das diferenças. O aluno aprende imitando, concordando, fazendo oposição, estabelecendo analogias, internalizando símbolos e significados, tudo isto num ambiente social e historicamente localizado. As relações estabelecidas no ambiente escolar passam pelos aspectos emocionais, intelectuais e sociais e encontram na escola um local provocador destas interações nas vivências interpessoais. A escola caracteriza-se como um dos primeiros locais que deveriam garantir a reflexão sobre a realidade e a iniciação da sistematização do conhecimento socialmente construído. (MARTINS, 1997, p. 120)

Desta forma, o papel da escola no processo de construção de conhecimento mistura-se com outros fatores, dando mais complexidade a este momento de desenvolvimento. Entretanto, não se pode desconsiderar a importância das instituições educacionais. O professor não é o único mediador dentro da escola, este papel pode ser assumido por outros

atores como colegas, textos, vídeos, funcionários ou qualquer agente que se posicione entre o aluno e o conhecimento (Anastasiou, Alves, 2004). O processo de mediação ocorre cercado de uma série de complexidades que existem nos espaços educacionais em abundância, como outras pessoas, materiais didáticos, recursos audiovisuais e um profissional capaz de planejar e agir no sentido de gerar possibilidades de mediação: o professor.

A partir daí, podemos considerar que o docente deve incentivar e possibilitar o contato dos alunos com agentes da mediação. A seleção dos livros didáticos, textos, temas a serem debatidos, recursos que serão utilizados e outras formas devem ser articulados pelo docente. Neste sentido, o espaço educacional mostra-se privilegiado na construção de conhecimento. Libâneo (2011) coloca que

A pesquisa mais atual sobre a didática utiliza a palavra “mediação” para expressar o papel do professor no ensino, isto é, mediar a relação entre o aluno e o objeto de conhecimento. Na verdade, trata-se de uma dupla mediação: primeiro, tem-se a mediação cognitiva, que liga o aluno ao objeto de conhecimento; segundo, tem-se a mediação didática, que assegura as condições e os meios pelos quais o aluno se relaciona com o conhecimento. Sendo assim, a especificidade de toda didática está em propiciar as condições ótimas de transformação das relações que o aprendiz mantém com o saber. (LIBÂNEO, 2011, p. 90)

Por meio desta relação cognitiva e didática estabelece-se o desenvolvimento de uma educação que considera as situações de aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, tendo em vista a necessidade de se construir conhecimentos, utilizando diversas estratégias e formas de relações didáticas.

Compreende-se que o conceito de mediação utilizado para a modalidade presencial e para a modalidade à distância tem, evidentemente, a mesma importância no processo educativo. Entretanto, é preciso salientar que a educação a distância possui diferenças da educação presencial, uma vez que não tem a presença física e constante do professor, utilizando-se da tecnologia meios didáticos, as TICs para possibilitar a mediação. Isso faz com que a EaD possua novos meios de possibilitar o processo e desta forma refletir e criar alternativas de mediação. Para Kenski (2003)

A informação disponibilizada na tela do computador é flexível, moldável, sujeita a alterações. Ao contrário do espaço de transmissão oral de informações e mesmo do uso sistemático de livro impressos, o uso educacional das tecnologias digitais de informação e comunicação permite a realização de várias atividades, visando ao desenvolvimento de novas habilidades de aprendizagem, atitudes e valores pessoais e sociais. (KENSKI, 2003, p. 6)

A flexibilidade a qual a autora se refere demonstra a necessidade de mudança e desafios que os tempos atuais apresentam com o avanço da tecnologia e, ao mesmo tempo que desafiam, também apontam para caminhos inovadores no âmbito educacional. Para que a educação a distância não repita estratégias didáticas do ensino presencial, é necessário que se pense em novos papéis e novas ações de seus agentes, em especial do professor, o qual precisa assumir uma função mediadora, de motivação, de pesquisador e de criador de procedimentos que possibilitem a construção do conhecimento na modalidade.

No ensino a distância, situação em que o estudante tem acesso à informação, ou melhor, a uma infinidade de informações a respeito de determinado tema que será objeto de seu estudo, estudantes e professores assumem inevitavelmente uma relação diferenciada diante do processo de ensino-aprendizagem. Essa será forçosamente mais parceira e dialógica, distanciando-se de relações de poder centradas no professor, que detém a informação e o conhecimento e, por isso, manda e ensina, agindo sobre o aluno que obedece e aprende de maneira passiva. (CABRAL, TARCIA, 2011, p. 149)

Neste ponto, podemos lembrar do conceito já citado neste trabalho de Moore (2000) e de Garrison (2000) quando abordam a ideia de diálogo e de controle na educação a distância. Pode-se dizer que EaD cria uma necessidade de mudança e reflexão sobre a ação docente, sem isso, a modalidade apenas reproduziria o discurso tradicional em novas plataformas.

No entanto, os modelos de EaD são diversos e estão em constante processo de produção e, por isso, podem se apresentar de formas diferentes. Isto se aplica, inclusive, às relações criadas pelas estruturas dos cursos. Para Moran

Em cursos a distância ainda estamos influenciados pelos modelos tradicionais das grandes universidades como a Open da Inglaterra ou a UNED, da Espanha, que na década de oitenta e nova estavam muito centrados no conteúdo impresso, auto-instrucional, com apoio local. Algumas instituições brasileiras copiam hoje esse modelo, focando o material impresso ou digital. Criam cursos prontos, sem professor, com avaliação corrigida pelo próprio programa. Outras instituições focam as tecnologias que multiplicam o conceito de aula presencial como a vídeo ou teleconferência. Vêm as aulas centradas no professor, com o poder de atingir mais alunos simultaneamente. (MORAN, 2003, p. 44)

Desta forma, os professores possuem uma série de possibilidades para planejar o processo ensino aprendizagem nos cursos da EaD, porém é preciso considerar que a estrutura e modelo do curso influenciam diretamente na execução do mesmo. Além disso, precisamos considerar que não basta seguir modelos prontos e, sim, buscar atualizações e aperfeiçoamentos com base em resultados e inovações pedagógicas e tecnológicas. Caso contrário, corre-se o risco de transferir as metodologias do curso presencial para a EaD sem

considerar possibilidades e especificidades. Para Moran, é possível integrar as modalidades e criar um ambiente colaborativo que evite o isolamento entre elas.

Com o avanço das TICs e o aumento de sua oferta e acesso, esta reflexão passou a ser mais importante, já que as novas tecnologias, quando relacionadas à educação, precisam necessariamente que uma mediação seja de um professor, tutor ou do próprio *software* ou material didático envolvido no processo. Nesta questão, Masetto (2000) corrobora com Libâneo (1998), inserindo a discussão no campo das novas tecnologias, sendo um dos primeiros autores a adaptar esta discussão. Para ele, parte dos professores tem resistência às novas tecnologias por terem tido uma formação superior que frisava o conteúdo e não as ideias pedagógicas, além disso, a imposição de medidas técnicas na década de 1960 e 1970 teria causado um receio nos educadores. O autor ainda expõe que o professor fará o trabalho de mediação pedagógica com estas técnicas

O professor [...] também assume uma nova atitude. Embora, vez por outra, ainda desempenhe o papel do especialista que possui conhecimentos e ou experiências a comunicar, no mais das vezes desempenhará o papel de orientador das atividades do aluno, de consultor, de facilitador da aprendizagem, de alguém que pode colaborar para dinamizar a aprendizagem do aluno, desempenhará o papel de quem trabalha em equipe, junto com o aluno, buscando os mesmos objetivos. Numa palavra, desenvolverá o papel de mediação pedagógica. (MASETTO, 2000, p. 142)

Levy (1999) coloca que não basta a tecnologia, é necessária uma nova forma de trabalhar a educação contando com as tecnologias. A mesma questão é abordada por Kenski (2003) ao colocar que o professor que não possui domínio da tecnologia pode por em risco o trabalho pedagógico em desenvolvimento, pois as novas tecnologias de informação e comunicação exigem um novo tipo de raciocínio. É neste contexto que as possibilidades pedagógicas disponíveis na EaD são perdidas em detrimento de uma educação conteudista.

Para Levy:

Em primeiro lugar, a aclimação dos dispositivos e do espírito da EaD (ensino aberto e a distância) ao cotidiano e ao dia a dia da educação. A EaD explora certas técnicas de ensino a distância, incluindo as hipermídias, as redes de comunicação interativas e todas as tecnologias intelectuais da cibercultura. Mas o essencial se encontra em um novo estilo de Pedagogia, que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos. (LEVY, 1999, p. 158)

Desta forma, o professor terá uma nova função ao se inserir na EaD, deixando de ser um transmissor de conteúdos para ser um incentivador na construção da aprendizagem. Por

meio desta visão, podemos pensar que o professor é o grande responsável pela mediação dentro do contexto educacional, assumindo posição essencial no processo. As novas tecnologias, por sua vez, podem diminuir a distância entre professor e aluno, possibilitando que a mediação seja feita desta forma. É importante acrescentar em relação a esta modalidade que não é possível transferir automaticamente as técnicas do presencial para a EaD: as relações são necessariamente alteradas pela distância física, mesmo com a presença da tecnologia. Desta forma, a função mediadora do professor possui formatos diversos.

Outro ponto importante ao refletirmos o papel da mediação pedagógica são as ideias de autoaprendizagem e interaprendizagem. Na primeira, o aluno aprenderia sozinho de maneira autônoma com os recursos que lhe foram disponibilizados, na segunda o aluno compartilha seu conhecimento com a rede e constrói o conhecimento, compartilhando e recebendo novos estímulos e informações. Em ambas, o centro do processo é o aluno, mas na segunda torna-se possível que o papel do professor na mediação seja mais evidente.

Para Behar, Konrath e Tarouco (2009)

A EaD proporciona que os professores possam por em prática essa concepção pois diferentemente de uma aula presencial, não basta ouvir a exposição de um professor marcando simplesmente sua participação através de presença física. Nesta modalidade é preciso interagir, se posicionar frente ao estudo que está sendo realizado no curso e registrar através do espaço de sala de aula virtual suas contribuições e comentários/intervenções sobre as contribuições dos colegas o que acaba mudando não só o papel do professor, mas também o do aluno. (BEHAR, KONRATH, TAROUCO, 2009, p. 4)

Ao pensarmos nas especificidades da EaD, podemos encontrar outras ideias de mediação como a de Mallman (2010). Para ela, a mediação não necessariamente precisa ser humana, pode ser feita pelos materiais didáticos. A autora coloca que é preciso mapear os materiais didáticos e sua função como mediadores em potencial do processo ensino aprendizagem na EaD. Neste momento, podemos ressaltar uma nova questão: quem é o agente central da mediação, a mediação não-humana ou a mediação humana? Como já citado no presente trabalho, a mediação pode ocorrer por meio de diversos fatores que ajudam, de alguma forma, a construir e internalizar conhecimentos. No caso das ideias de Mallman, os materiais didáticos exercem a função, uma vez que são parte relevante da EaD, em formato de textos e ambientes virtuais.

A utilização do material didático e das TICs como agentes da mediação não exclui a possibilidade de o professor fazer uso destes meios para desenvolver seu trabalho. Para Schnitman (2011), os meios técnicos são necessários para o processo *on-line*, na medida em

que para haver a relação entre o homem (educando) e outro homem (professor) é necessário que os dois tenham relações com a máquina para interagirem de alguma forma. Desta forma, o técnico não exclui as possibilidades advindas do contato direto entre professor e aluno. Para Mallman (2010), além da questão do material didático, a modalidade a distância necessita e utiliza, a todo momento, das TICs. E é a partir desta utilização e elaboração de materiais que a participação dos docentes é mais relevante.

Todos esses são fatores que diversificam e ampliam as interações no processo ensino-aprendizagem a distância alterando o sentido e a potencialidade da mediação pedagógica. E, inevitavelmente, a prática docente se reconfigura nesse cenário. Competências, habilidades, poderes para decisões e disponibilidade para ação ensinar-aprender requerem diferentes matrizes conceituais e operacionais ao longo da elaboração dos materiais didáticos impressos e hipermediáticos. O processo de trabalho em equipes, a autoria dos próprios materiais e a inserção das TIC são desafios que marcam consideravelmente o trabalho dos professores universitários em EaD distinguindo-o da modalidade presencial. (MALLMAN, 2010, p. 166)

Cabe ressaltar que não se deve considerar a mediação como exclusividade de um meio, seja ele tecnológico, impresso, simbólico ou humano. É evidente que o papel humano, neste processo, é inevitável, pois professores e tutores são responsáveis pela elaboração dos cursos, materiais utilizados, leituras indicadas, atividades e até mesmo a organização dos planos de desenvolvimento de um curso da modalidade EaD.

É natural que nesse processo sejam encontradas resistências. É preciso lembrar que os professores que atuam na educação a distância tiveram sua própria formação na educação presencial tradicional. Para Tarcia

Muitos docentes dos cursos de Pedagogia têm sua formação em modelos clássicos e centrados em uma visão unidirecional dos sistemas tradicionais de ensino, dificultando a difusão e a construção de novos saberes voltados para as TIC's e especificamente para a modalidade de ensino a distância. (TARCIA, 2004, p. 2)

Com o avanço da tecnologia, as possibilidades na criação de situações de aprendizagem mediadas de alguma forma são ampliadas em larga escala, mas não são suficientes para garantir a qualidade ou não de um processo educacional. Daí a importância do corpo docente, que planeja e possibilita que a mediação aconteça, mesmo que este corpo docente não seja a parte central do processo. Ainda sobre o uso das TICs, Slomski (2016) coloca

A aprendizagem digital surgida num novo contexto socioeconômico tecnológico exige do professor, acostumado ao primado da mera transmissão na educação, a sua imaginação criadora para atender às novas demandas sociais de aprendizagem interativa, na qual a mediação das TICs deixa de ser

meramente instrumental para converter-se em ações de sentimentos, trocas, conhecimentos e, com isso, os indivíduos passam a ter a necessidade de desenvolverem outras racionalidades, ritmos de vida e relações com os objetos e com as pessoas. (SLOMSKI, 2016, p. 137)

Percebe-se que não existe uma unanimidade no que se refere à mediação pedagógica na modalidade EaD, os autores citados divergem em diversos pontos ao mesmo tempo em que tem convergências pontuais. A principal divergência é que cada um dos autores enxerga um agente central da mediação por vezes o professor, por vezes o material didático. É preciso ressaltar que todos consideram possibilidades de mediação e não um único fator. Neste momento, percebemos que a convergência é a visão do processo ensino aprendizagem como um todo. Em nenhum momento, considera-se apenas a ênfase no ensino nem mesmo na aprendizagem apenas, mas, sim, em uma junção complexa dos dois, sem centralizar um dos agentes do processo.

Para Souza, Sartori e Roesler (2008), o ensino presencial não garante que o professor seja presente e que estabeleça uma relação de aprendizagem e mediação ou, até mesmo, afetiva com algum aluno. Logo, as possibilidades de mediação estão presentes nas duas modalidades e ocorrem de maneiras diversas. Segundo os autores

A EaD caracteriza-se por ser um processo composto por duas mediações: a mediação humana e a mediação tecnológica, imbricadas uma na outra. A primeira pelo sistema de tutoria, a segunda pelo sistema de comunicação que está a serviço da primeira para viabilizar a mediação pedagógica. A mediação pedagógica, resultante da concepção planejada entre estas duas mediações, é potencializada pela convergência digital que disponibiliza acesso e portabilidade por meio de dispositivos de comunicação síncrona e assíncrona cada vez mais integrados, velozes e potentes. (SOUZA, SARTORI, ROESLER, 2008, p. 335)

Desta forma, dentro da concepção de mediação na educação a distância há formas diferentes de mediação que não necessariamente são opostas, pelo contrário, podem ocorrer de forma complementar em um mesmo curso. Os autores afirmam que estas ferramentas possibilitadas pela EaD exploram uma quantidade expressiva de recursos, sejam eles audiovisuais, escritos, interativos ou recursos de multimídia. É preciso considerar que, mesmo com possíveis semelhanças no processo de mediação nas modalidades presencial e a distância, existem diferenças e possibilidades diversas entre as duas. Deste modo, é necessário atentar para ideia de que a mediação pode ocorrer de maneira distinta entre as modalidades estudadas neste trabalho.

2.4 As modalidades na Universidade

A universidade estudada, neste trabalho, foi fundada em 1974 e reconhecida em 1976 por meio do Decreto Federal nº 78.924, de 9 de dezembro de 1976, em um contexto de crescimento industrial do Vale do Paraíba paulista. Sua fundação foi resultado da união de faculdades isoladas, que acabaram por se fundir em uma só universidade, o que correspondia com a tendência apontada pela legislação do período, a Lei nº 5.692/71. De acordo com o sítio eletrônico oficial da mesma, esta universidade possui cerca de 10 mil alunos atualmente. Os cursos pesquisados, os de Pedagogia, são oferecidos tanto na modalidade presencial como na de EaD. Como já foi explicitado anteriormente, neste trabalho, as disciplinas e corpo docente são diferentes em relação às duas modalidades.

A trajetória das duas modalidades também difere bastante. O curso presencial foi reconhecido pelo Decreto Federal nº 51.007/63, de 16 de maio de 1965. O seu último reconhecimento foi feito pela Portaria CEE/GP nº 462/13, de 13 de novembro de 2013. Por meio de seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC), pode-se informar que o curso conta com 20 professores, sendo 9 mestres, 9 doutores e 2 especialistas. Os docentes, na maioria das vezes, lecionam mais de uma disciplina para os diferentes anos do curso. O curso conta com 3.200 horas com o tempo mínimo de integralização de 6 períodos e tempo máximo de 10 períodos. O PPC coloca dois objetivos para o curso

- licenciar professores, em nível superior, para atuação na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental;
- formar profissionais que atuem na gestão educacional, participando do planejamento, da execução e da avaliação de aprendizagens, do ensino ou de projetos pedagógicos, tanto em escolas, como em outros ambientes educativos. (Curso presencial)

Os objetivos apresentados não diferem, naturalmente, do que as diretrizes já citadas colocam. Além disso, é interessante notar que existe uma ênfase na escola e no trabalho com a mesma já que se trata de um curso de licenciatura. Outro ponto importante a ser destacado é o perfil que o curso espera de seus licenciados. Neste quesito, as ideias de gestão, de buscar uma atuação justa e dialógica são colocadas, mas chama à atenção a ênfase dada à atuação no ensino de crianças de 0 a 6 anos. Mesmo que se criem outras possibilidades, o curso é estruturado para a atuação em sala de aula.

Em relação aos cursos a distância da mesma universidade, dentre eles o de Pedagogia, encontram-se numa fase de crescimento, inclusive com a criação de novos polos espalhados por várias regiões do país. Entre 2014 e 2017, os polos passaram de 10 para 50 e ainda existem outros em processo de reconhecimento, logo é evidente o processo de expansão. O processo de crescimento deve-se a uma mudança na gestão administrativa e financeira dos

cursos que, desde 2013, são geridos por uma empresa ligada à própria universidade, porém com autonomia financeira e administrativa. Em relação ao curso de Pedagogia da EaD, ele foi autorizado pelo Conselho da Universidade (CONSUNI), pela deliberação 060/09, de 17 de dezembro de 2009, e foi reconhecido pela Portaria nº 558, de 15 de setembro de 2014. A modalidade EaD também oferece o curso de Pedagogia como 2ª Licenciatura, cujo tempo de duração é menor comparado ao curso de graduação de 1ª Licenciatura. O curso de 2ª Licenciatura foi autorizado pelo conselho citado, em deliberação 034/10, de 02 de setembro de 2010, e reconhecido pela Portaria nº 558, de 15 de setembro de 2014.

Seu Projeto Pedagógico de Curso estabelece como objetivo geral

Articulando os pressupostos e princípios declarados, a formação do Pedagogo tem como OBJETIVO GERAL a construção e reconstrução de competências e conhecimentos referentes à sociedade e à cultura, à escola, ao professor, ao aluno e ao currículo, visando uma ação docente como agente da assistência à aprendizagem, no espaço da educação escolar. (Curso Educação à Distância)

Nota-se que, neste ponto, o PPC do curso à distância estabelece um objetivo mais aberto, mesmo que também estabeleça objetivos específicos. É significativa a exposição de um entendimento que coloca o curso como um formador de professores, mas também com a visão do docente como “agente da assistência à aprendizagem”, no espaço da educação escolar. Assim como no presencial, o curso a distância prevê que seus egressos tenham conhecimentos na área de gestão escolar.

Ao estabelecer uma comparação direta entre os dois projetos e o que os seus cursos preveem, pode-se concluir que os cursos são parecidos em sua essência e objetivos. Portanto, ao se analisar os objetivos dos cursos, suas visões pedagógicas e mesmo o que esperam de seus formados, juntamente com os dados e discursos dos docentes e discentes dos cursos de Pedagogia, encontram-se pontos muito semelhantes.

2.5 Representações sociais

Para conseguir entender como um grupo específico reflete determinado assunto é preciso entender a complexidade, considerando-se o ambiente em que este grupo está inserido e de que forma constrói uma ideia/visão sobre a realidade e os acontecimentos. Esta questão pode ser refletida por meio da chamada Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Moscovici (2007). O autor é tido como referência no assunto. Para Arruda (2002)

A Teoria das Representações Sociais (TRS) operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Partia da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, presentes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. A diferença, no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. O universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. (ARRUDA, 2002, pp. 129-130)

Desta forma, a TRS consegue compreender uma série de fatores importantes nos estudos dos grupos, sem ignorar a subjetividade e as peculiaridades individuais. Para isso, foram usados elementos da Psicologia Social e das Ciências Sociais. A teoria remonta às ideias de Durkheim, que concebia a ideia de representação pelos símbolos e instituições presentes no contexto. Estas ideias podem ser chamadas de representações coletivas. A teoria formulada por Moscovici desenvolve este conceito, considerando outros elementos e também a possibilidade de mudança nas representações. Neste caso, o autor também percebe a possibilidade de mudança nas representações sociais de determinado grupo sobre um objeto se houver novos elementos ou mudanças no contexto do grupo. A importância da teoria das representações sociais para esse estudo ainda se coloca, porque elas deixam de ser particulares para se tornarem homogêneas e uniformes, tornando-se parte essencial da concepção de um grupo. É evidente que se ocorrerem mudanças significativas no grupo, essas representações também poderão ser afetadas. Moscovici foi crítico da ideia de que as representações fossem estáticas e defendia sua dinamicidade. É importante ressaltar que não existe uma definição exata do que são as representações sociais, pois são conceitos em constante construção (CHAMON, CHAMON, 2007).

Apesar disso, a TRS visava contrapor à ideia do behaviorismo individualista pregada pelos positivistas. Para Guareshi e Roso (2014), a psicologia social esteve presa à racionalidade científica de forma a tratar o ser humano e a sociedade com a exatidão que se tratava a natureza e os fenômenos naturais. Esta tradição partiu dos Estados Unidos para lugares como a Europa e a América. A ideia de romper com esta objetividade criou a noção de representação. A partir daí, Moscovici (2007) pensa a vida social como uma produtora de significados e sentidos e que a análise de toda representação feita nesta sociedade deve considerar o processo de socialização ocorrido. Desta forma, busca encontrar símbolos, crenças, ideais e visões de determinado grupo.

Outro ponto importante da TRS é que, por meio dela, podemos buscar entendimentos dos sujeitos da pesquisa para suas ações, como colocam Chamon e Moraes (2011)

As representações sociais permitem justificar a posteriori as tomadas de posição e os comportamentos. É um funcionamento que sucede a ação, permitindo aos atores sociais explicar e justificar suas condutas numa situação ou em relação a seus parceiros. (CHAMON, MORAES, 2011, p. 246)

Desta forma, as representações sociais são dotadas de uma série de funções que permitem entender como funcionam os grupos estudados em função de seu objeto de representação, além disso, permitem entender as ações e comportamentos dos integrantes deste grupo, baseados em um sistema criado socialmente. Chamon (2014) cita que Abric (1994) identifica nas representações quatro funções principais: a função do saber, a função identitária, a função de orientação e a função de justificação. A primeira função refere-se a como o indivíduo transforma determinado objeto em parte de sua realidade, como senso comum. Como função identitária, entende-se a forma com a qual o indivíduo insere-se no meio social, criando uma identidade que lhe permite situar-se na sociedade. Como função de orientação, entende-se que as representações dos indivíduos orientam suas atitudes e comportamentos. A função de justificação demonstra que os indivíduos utilizam-se de suas representações para justificar atitudes tomadas em determinados contextos.

É importante, para esse trabalho, entender que as representações sociais estão diretamente ligadas à prática realizada pelos indivíduos pesquisados. Ao entendermos as representações sociais dos docentes sobre a mediação pedagógica no contexto da EaD e da educação presencial, podemos identificar a forma com que trabalham e que se relacionam com o uso pedagógico em sua ação profissional. As funções citadas anteriormente demonstram esta relação entre as representações e a prática profissional. Desta forma, pode-se colocar que a TRS compõe um campo essencial para essa pesquisa.

As representações sociais também perpassam por dois processos: o da ancoragem e o da objetivação. Ambos complementam-se e possibilitam a formação de representações. Para Chamon e Chamon (2007)

Esses dois processos, objetivação e ancoragem, são aparentemente opostos: um visa criar uma verdade evidente para todos, independentemente de qualquer determinismo social e psicológico; o outro designa, ao contrário, a intervenção de tais determinismos na sua gênese e nas suas transformações. O primeiro cria a realidade em si; o segundo lhe dá significado. [...] O mundo modifica-se mais rapidamente do que a idéia que dele se faz. Transformando o complexo em simples (objetivação) e o estranho em familiar (ancoragem), ela permite uma integração cognitiva suave do desconhecido. (CHAMON e CHAMON, 2007, p. 136)

Em relação a ancoragem, ela consiste em dar nomes e classificações a algo que consideramos estranho. Podemos assim colocar este algo em uma área de nosso meio social por meio da comparação de paradigmas (MOSCOVICI, 2007). A ancoragem é importante, pois exclui pensamentos que não estão relacionados às representações de um grupo e facilita a compreensão de intenções e características no processo de formação de ideias. No processo de ancoragem, o objeto é colocado dentro de uma rede de categorias familiares de forma que ele se enquadra em um sistema de pensamentos pré-existentes, tornando o objeto parte da representação do indivíduo. Para entendermos o processo de ancoragem, é preciso atentar para os acontecimentos e contextos que levaram à formação deste conceito. No caso desse trabalho, é preciso pensar as representações sobre mediação pedagógica no ensino presencial e na EAD, bem como entender como foi que estas representações se formaram. Logo, pode-se colocar que a ancoragem não se refere apenas às significações internas, mas também em todas as relações já estabelecidas e formadas pelo indivíduo pesquisado.

O conceito de objetivação é importante da mesma forma, pois transforma algo que não possuía uma relação com a realidade em algo real. A representação passa, assim, para outro nível de realidade. Seria a materialização do abstrato (MOSCOVICI, 2007), para isso buscamos imagens, linguagens e gestos que nos permitam entender as representações. A objetivação é uma simplificação que serve para reduzir o conceito de forma a ser internalizado pelo grupo e pelos indivíduos participantes dele. Desta forma, podemos colocar que objetivar é também naturalizar e selecionar elementos que fazem parte do objeto. Assim, ela não faz com que o objeto seja entendido em sua totalidade, mas sim que ele possa ser compartilhado entre os membros do grupo.

Outro ponto interessante na discussão sobre a TRS é considerar suas possibilidades no que tange ao contexto em que as representações de um grupo se localizam. Villas-Bôas e Sousa abordam o assunto em meio a uma discussão sobre a historicidade nas representações sociais. Eles afirmam que contextualização é necessária para a compreensão da análise

Nesse sentido, tanto a dinâmica das representações sociais que articulam, concomitantemente, estabilidade e flexibilidade, como a variabilidade intrínseca do processo histórico, contribuem para a complexidade do estudo da historicidade das representações sociais, complexidade essa que deve ser, inclusive, objeto de análise quando da elaboração da trajetória metodológica, com o objetivo de investigar um dado representacional. (VILLAS-BÔAS, SOUSA, 2011, p. 42 e 43)

Logo, para se realizar uma análise é preciso entender a história do grupo e como se deu a sua constituição. Por isso, buscar elementos constituintes dos grupos pesquisados e entender as especificidades de cada personagem constituinte desses grupos torna-se essencial.

Em nosso estudo da mediação na Educação à Distância, a TRS pode ajudar a compreender como os docentes percebem as questões relativas à EaD, em especial, à mediação. Desta forma, será possível entender como a construção histórica e social da EaD é representada pelos docentes em questão. Ainda para Sá

Três perguntas podem então ser formuladas sobre este saber: (1) “Quem sabe e de onde sabe?”, cujas respostas apontam para o estudo das condições de produção e circulação das representações sociais; (2) “O que e como se sabe?”, que corresponde à pesquisa dos processos e estados das representações sociais; (3) “Sobre o que se sabe e com que efeito?”, o que leva a uma ocupação com o estatuto epistemológico das representações sociais. (SÁ, 1998, p. 32)

Entendemos que, por meio do estudo das representações sociais, é possível responder aos objetivos desta pesquisa. É importante ter em vista que o uso das representações sociais é importante, pois, para Moscovici (2007), as pessoas passam as aparências para a realidade por meio de imagens e noções. Cabe, assim, ao pesquisador buscar estas percepções do grupo. No campo das representações sociais, podemos ainda destacar que ao mesmo tempo em que partem das pessoas também as influenciam. Para Moscovici (2007) as representações sociais

- a) Elas ‘convencionalizam’ os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as põem como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura;
- b) Representações são ‘prescritivas’, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. (MOSCOVICI, 2007, p. 34)

Para o autor, a TRS consegue captar as representações dos grupos pesquisados e exercem sobre ele uma influência a qual eles não resistem. Estudar esta questão implica em entender como se estruturaram estas representações e ideias. Para identificar a existência de representações no sentido da mediação pedagógica, foram realizadas entrevistas e questionários, ou seja, neste trabalho, a ideia de identificar representações, ou a não existência

delas, foi feita por meio da coleta de material verbal e escrito, que possibilitou realizar um trabalho de características qualitativas e, por ventura, quantitativas.

Um ponto importante a ser colocado neste momento da discussão, é que nem todo objeto é uma representação social. Por isso, é preciso ter cautela na análise para identificar objeto de representação. Inicialmente é preciso que o grupo tenha conhecimento do que se trata o objeto e que tenha algum tipo de interesse e relação por este objeto, do contrário, este objeto não tem influência nos valores e práticas do grupo. Chamon e Chamon (2007) citam que os trabalhos de Moscovici apresentam três condições para a identificação de um objeto de representação: a dispersão da informação, a focalização e a pressão à inferência. Na primeira, se considera que o grupo possui informações sobre o objeto não necessariamente completas. Em relação à focalização, mostra-se a posição do grupo sobre o objeto e que aspectos dele são ressaltados. Quando se aborda a pressão à inferência, considera-se que o grupo deve tomar uma posição em relação a esse objeto, ou seja, deve reagir a ele de alguma forma.

3 METODOLOGIA

A metodologia é parte essencial de um projeto, pois é por meio dela que se definem as estratégias, materiais e formas de se alcançar os objetivos propostos por um trabalho. É neste momento que se estabelecem “o tipo de pesquisa, a população (universo da pesquisa), a amostragem, os instrumentos de coleta de dados e a forma como pretende tabular e analisar seus dados.” (SILVA; MENEZES, 2005, p.32).

O método garante a cientificidade do trabalho. Para Lakatos e Marconi (2003)

Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 83)

Desta forma, a metodologia é uma forma de definir rumos e diretrizes científicas para a pesquisa e estabelecer os critérios do trabalho.

3.1. Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa realizada é de natureza qualitativa, porém contém traços da pesquisa quantitativa. A pesquisa qualitativa caracteriza-se por uma análise que leva em consideração a subjetividade presente nos dados coletados. Desta forma, é importante considerar fatores como contextos, vivências e experiências dos entrevistados, por exemplo. Para Creswell (2007)

O pesquisador qualitativo usa um raciocínio complexo multifacetado, interativo e simultâneo. Embora o raciocínio seja, em grande parte, indutivo, tanto os processos indutivos como os dedutivos estão funcionando. O processo de pensamento também é interativo, fazendo um ciclo que vai da coleta e análise de dados até a reformulação do problema e voltando. Acrescente-se a isso as atividades simultâneas de coleta, análise e comunicação dos dados. (CRESWELL, 2007, p. 187)

Outra característica importante da pesquisa qualitativa é que ela é, frequentemente, descritiva. Os detalhes percebidos nas falas dos entrevistados devem ser analisados de forma criteriosa e aberta. Para Günther (2006), existe, muitas vezes, a necessidade de perguntas abertas e fechadas durante a coleta de dados e, por isso, a pesquisa qualitativa se utiliza também de procedimentos quantitativos. A utilização de questionários com a posterior tabulação de seus resultados de forma estatística constitui, por exemplo, em um procedimento quantitativo dentro de uma pesquisa qualitativa.

Além disso, pode-se considerar que a pesquisa em questão prima pela compreensão do problema em sua complexidade, até mesmo por tratar-se de uma análise que envolve crenças, ideias, sentimentos e opiniões de seres humanos. Entender esta gama de complexidades envolve estar atento a diversos fatores. Para isso, a Teoria das Representações Sociais serve como referencial teórico para a análise dos dados, já que propõe buscar a representação de um grupo sem perder de vista suas individualidades e especificidades.

É importante acrescentar que o presente trabalho não se trata de um estudo comparativo. Buscou-se as representações sociais de docentes e alunos de ambas as modalidades e não delas separadas no intuito de realizar comparações. É evidente que, como existem peculiaridades em cada modalidades, diferenças pontuais ressaltam-se no corpo do trabalho.

3.2. População / Amostra

Esta pesquisa aborda uma universidade do Vale do Paraíba. A amostra compreende o corpo docente e discente do curso de Pedagogia nas modalidades presencial e a distância. É relevante ressaltar que as duas modalidades têm corpos docentes diferentes, o que dá mais sentido e dados à pesquisa.

De acordo com o sítio eletrônico desta universidade, há 22 docentes na modalidade presencial, dos quais 6 foram entrevistados. Em relação ao corpo discente presencial, os instrumentos de pesquisa foram aplicados a 20 alunos no terceiro ano de curso, ou seja, no ano de sua conclusão.

A modalidade a distância do curso de Pedagogia, possui 2 tutores eletrônicos e 7 docentes de apoio, de acordo com o Projeto Pedagógico de Curso, tendo sido 6 deles entrevistados. Na EaD desta universidade, tutores e docentes de apoio são considerados professores e reconhecidos como exercendo funções pedagógicas. O corpo discente da EaD trabalhado compõe-se de 20 alunos que deram início à disciplina obrigatória TCC I, ou seja, alunos que estão em fase de realização do trabalho de conclusão de curso.

Logo, foram 12 professores (6 da EaD e 6 da presencial) dispostos e disponíveis para as entrevistas e 40 discentes (20 da EaD e 20 da presencial) os participantes da pesquisa.

3.3. Instrumentos

Para a realização da coleta de dados foram utilizados dois instrumentos: um deles direcionados aos docentes e outro aos discentes.

Aos docentes foi realizada a entrevista semiestruturada que permite ao entrevistado expor seus pontos de vista e opiniões sem perder o foco e a objetividade da entrevista. O instrumento é composto de duas partes: uma de caracterização do sujeito, em forma de questionário, e outra com perguntas abertas. Um ponto importante ressaltado por Szymanski (2011) é que a entrevista deve superar a ideia de que o entrevistado é um informante neutro e passivo. É preciso que o entrevistado seja considerado como um sujeito interativo e que a entrevista considere fatores de contexto e representações. A autora chama esta ação de interação social da entrevista. A entrevista é composta de perguntas norteadoras (como consta no Apêndice III), que visam buscar:

- I - Caracterização dos sujeitos;
- II – a ideia de mediação para o docente;
- III – como funciona a mediação em sua prática;
- IV – o que pensa sobre educação a distância;
- V – principais diferenças entre EaD e ensino presencial;
- VI – visão de mediação em EaD.

Para coletar os dados dos discentes, foi realizado um questionário. Para Lakatos e Marconi (2003), a elaboração de questionário deve atender a requisitos que permitam sua maior precisão e entendimento. Para isso, é preciso levar em conta fatores como a ordem das perguntas, tempo para resposta para que não se torne cansativo, instruções definidas e, se houver necessidade, notas explicativas. O instrumento, que consta no Apêndice IV, tem perguntas que visam buscar:

- I – Caracterização dos sujeitos;
- II – visão sobre o que é mediação pedagógica;
- II – se os participantes da pesquisa percebem a mediação em sua vida acadêmica;
- III – o que os estudantes entendem por EaD;
- IV – como veem as diferenças entre EaD e Presencial;
- V – como estudantes veem o processo de mediação na EaD;
- VI – como estudantes veem o processo ensino aprendizagem no presencial e na EaD.

3.4. Procedimentos para Coleta de Dados

Por tratar-se de uma pesquisa que envolve seres humanos, este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU) para que existisse a garantia de que todos os envolvidos fossem respeitados em sua individualidade, privacidade, atendendo a todos os preceitos éticos da pesquisa acadêmica. No processo de aprovação, enviamos um ofício para os órgãos responsáveis pelos cursos de Pedagogia da Universidade de Taubaté para que autorizem a coleta de dados na instituição. A aprovação foi consentida no processo 64570617.0.0000.5501.

A seguir, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conforme Anexo I) para os interessados a participar da pesquisa. É importante ressaltar que o anonimato de todos os participantes está garantido, a fim de não os colocar em situação constrangedora ou qualquer tipo de exposição ou situação de insegurança. Vale ressaltar que nenhum resultado será divulgado sem a permissão dos envolvidos e que todos os pesquisados terão acesso aos resultados da pesquisa.

As entrevistas e a aplicação dos questionários aos docentes ocorreram no espaço da universidade, observando-se que todos os participantes têm relações profissionais com ela. Logo, para analisar os dados, consideramos o fato de que a localização e o contexto da universidade influenciam nas respostas aos questionamentos realizados. Durante o processo, as entrevistas com os docentes foram realizadas em dois departamentos diferentes: no polo presencial da EaD e no Departamento de Pedagogia presencial da mesma universidade.

O horário de cada entrevista foi combinado previamente com cada docente, respeitando suas possibilidades e garantindo que a entrevista ocorresse no tempo adequado para as respostas. Os entrevistados não conheciam as perguntas previamente o que, evidentemente, ajudou na espontaneidade das respostas. As entrevistas duraram de oito até trinta e quatro minutos.

A análise dos dados obtidos passou por uma transcrição das entrevistas que resultaram em um corpo de texto para cada uma. É relevante destacar que o processo de transcrição exige uma série de cuidados. Para Gibbs

A transcrição, especialmente de entrevistas, é uma mudança de meio, e isso introduz questões de precisão, fidelidade e interpretação. Kvale [1988, p. 97] nos alerta para "tomar cuidado com transcrições" O autor sugere que há riscos quando se passa do contexto falado de uma entrevista a uma transcrição digitada, como a produção de codificação superficial, descontextualização, esquecimento do que veio antes e

depois da descrição do respondente e falta de compreensão sobre o que era a conversa como um todo. (GIBBS, 2009, p. 28)

Neste sentido, a realização das transcrições obedeceu a critérios como a contextualização e descrição de cada entrevistado. O processo de transcrição foi realizado com o auxílio do *software* SpeechLogger que realiza reconhecimento automático de voz. Após passarem pelo *software*, as entrevistas tornam-se corpo de texto escrito. Posteriormente, foi realizada uma revisão para que os possíveis erros de reconhecimento do *software* fossem corrigidos e adequados ao modelo utilizado pela pesquisa.

Neste sentido, a transcrição de cada entrevista foi feita para que as informações necessárias à realização da pesquisa pudessem ser lidas, buscando-se dados relevantes e visões que permitissem a identificação das representações sociais dos grupos pesquisados. As gravações e questionários estão sob a guarda do pesquisador e serão destruídos após cinco anos.

Os questionários foram aplicados aos alunos, durante o período de aula, com a presença do professor responsável pela aula, porém o sigilo foi garantido durante a aplicação, assim como foi entregue a eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Além disso, foi utilizada a coleta de documentos e arquivos da universidade pesquisada, retirados dos sítios eletrônicos disponibilizados por ela. Os documentos em questão foram analisados de forma autorizada, já que são públicos e fazem parte da constituição dos cursos pesquisados.

3.5. Procedimentos para Análise de Dados

Após a coleta de dados, foi preciso retirar delas informações necessárias, irrelevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Este processo também é repleto de complexidade e por isso deve ser feito de forma minuciosa e sistemática. A teoria das representações serviu como arcabouço teórico para os métodos e procedimentos de análise.

A análise dos dados foi feita após a conversão das entrevistas semiestruturadas para o meio digital, posteriormente transcritas. Os dados foram codificados com a ajuda do *software* Iramuteq, com ele foi possível criar categorias e classificar as falas dos entrevistados, facilitando a identificação das representações sociais por meio das ocorrências no vocabulário. Por meio deste *software*, foram feitas identificações importantes para nossa pesquisa em relação às representações sociais dos grupos pesquisados.

Para Camargo e Justo

O IRAMUTEQ é um software gratuito e desenvolvido sob a lógica da open source, licenciado por GNU GPL [v2]. Ele ancora-se no ambiente estatístico do software R e na linguagem python [www.python.org]. Este programa informático viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica [cálculo de frequência de palavras], até análises multivariadas [classificação hierárquica descendente, análises de similitude]. Ele organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara [análise de similitude e nuvem de palavras]. (CAMARGO, JUSTO, 2013, p. 515)

Desta forma, o *software* apresenta diversas possibilidades de análise. Outro ponto importante do programa é que ele produz estatísticas, classes e dados de maneira simples e apropriada para apresentações, o que, evidentemente, contribuiu para este trabalho, pois ilustrou as representações que foram analisadas. O presente estudo utilizou a análise de similitude de palavras e a classificação pelo método Reinert, também chamada de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), ambas disponibilizadas pelo Iramuteq.

É preciso ressaltar que o presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa e por isso possui diversas possibilidades de análise dentro do corpo das entrevistas semiestruturadas, exigindo-se um direcionamento.

A análise qualitativa se caracteriza por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, mesmo porque um trabalho desta natureza não tem a pretensão de atingir o limiar da representatividade. São fatos inquestionáveis que as entrevistas semiestruturadas, em que o discurso dos sujeitos foi gravado e transcrito na íntegra, produzem um volume imenso de dados que se acham extremamente diversificados pelas peculiaridades da verbalização de cada um. (ALVES, SILVA, 1992, p. 65)

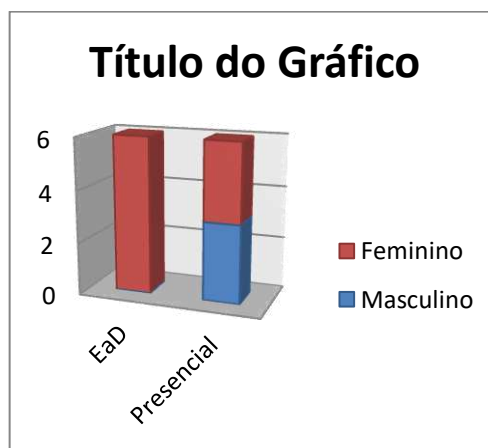
No processo de análise, os alunos foram classificados como PX para os do curso presencial e EX para os alunos da EaD. Os professores foram classificados como ProfessorX, para o Iramuteq foi usada a nomenclatura: Prof_X, Gênero_X, mod_X, d_X, exp_X. Classificando pelo número, gênero (M masculino e F feminino), modalidade (P presencial e E EaD), idade (relacionado aos números dos questionários) e experiência (relacionada aos números dos questionários). Os professores foram classificados por números e a modalidade em que lecionam foi colocada como Pres para presencial e EaD para os professores dos cursos a Distância.

4 Análise e discussão dos dados

Após a transcrição, análise e sistematização das entrevistas e questionários, dados relevantes emergiram. O primeiro deles é que o público feminino é predominante entre os participantes da pesquisa. Entre os 40 alunos, 39 declararam-se do gênero feminino e entre os 12 docentes, 9 declararam-se assim. Outro destaque é que entre os docentes e discentes da EaD, todos declararam-se do gênero feminino.

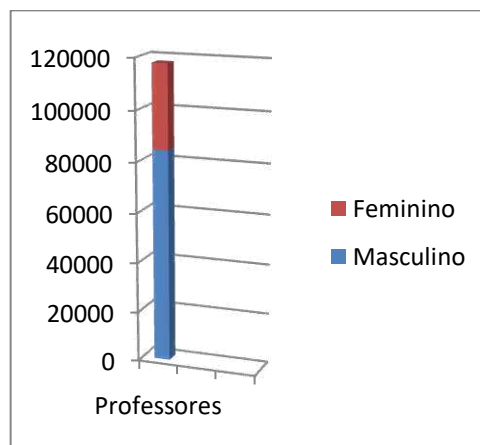
A análise dos dados sócio demográficos dos docentes demonstra que entre 12, 3 declaram-se do gênero masculino, enquanto 9 são do gênero feminino. Os três representantes do gênero masculino são do curso presencial. Logo percebe-se uma predominância do gênero feminino no ensino a distância. O INEP/Data aponta, pelo censo de 2013, 33.117 professoras do gênero feminino no Estado de São Paulo e 84.580 do gênero masculino. Estes dados mostram uma predominância masculina no geral, porém é preciso considerar que estes dados fazem parte de um quadro geral, já que não foi possível encontrar dados específicos do curso de Pedagogia.

Gráfico 1 - Gênero - Universidade pesquisada



Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

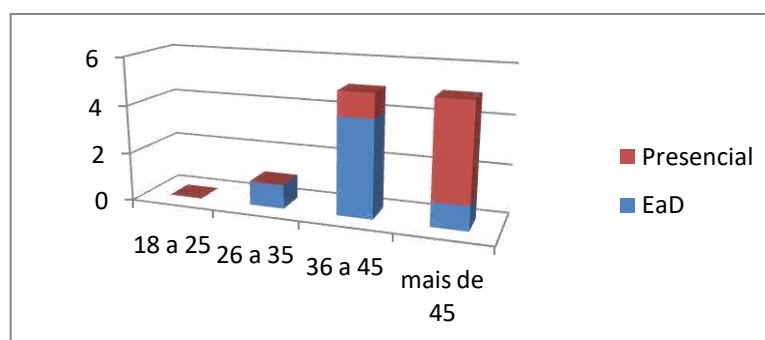
Gráfico 2 - Gênero - Professores de SP



Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

Outro fator importante é relativo à idade dos professores, o que influencia em suas influências educacionais, assim como em seu processo de formação e vivências inseridas, evidentemente, dentro de um contexto social e histórico.

Gráfico 3 - Idade dos docentes entrevistados



Fonte: elaborado pelo autor, 2018.

Os docentes da EaD possuem uma faixa etária menor, a maioria encontra-se entre 36 e 45 anos, havendo um único entrevistado na faixa dos 26 a 35 anos; enquanto os professores da educação presencial possuem, em sua maioria, mais de 45 anos. A Abed e o INEP não possuem dados que permitam esta comparação entre docentes das duas modalidades no curso de Pedagogia.

4.1 Representações sociais dos docentes

Para realizar a exposição dos dados e análises obtidas por meio das classificações do *software* Iramuteq, este trabalho apresenta, primeiramente, as palavras que mais tiveram incidência. Posteriormente, apresenta as classes definidas a partir da similitude de palavras dentro de um dendrograma; demonstra também outro formato que apresenta as palavras em suas classes. A partir desta divisão, as classes são enumeradas de acordo com suas palavras de mais destaque.

Os docentes entrevistados foram classificados em quatro categorias: gênero, idade, renda mensal e tempo de experiência, obtidas por meio dos questionários aplicados. As palavras ativas que mais apareceram foram:

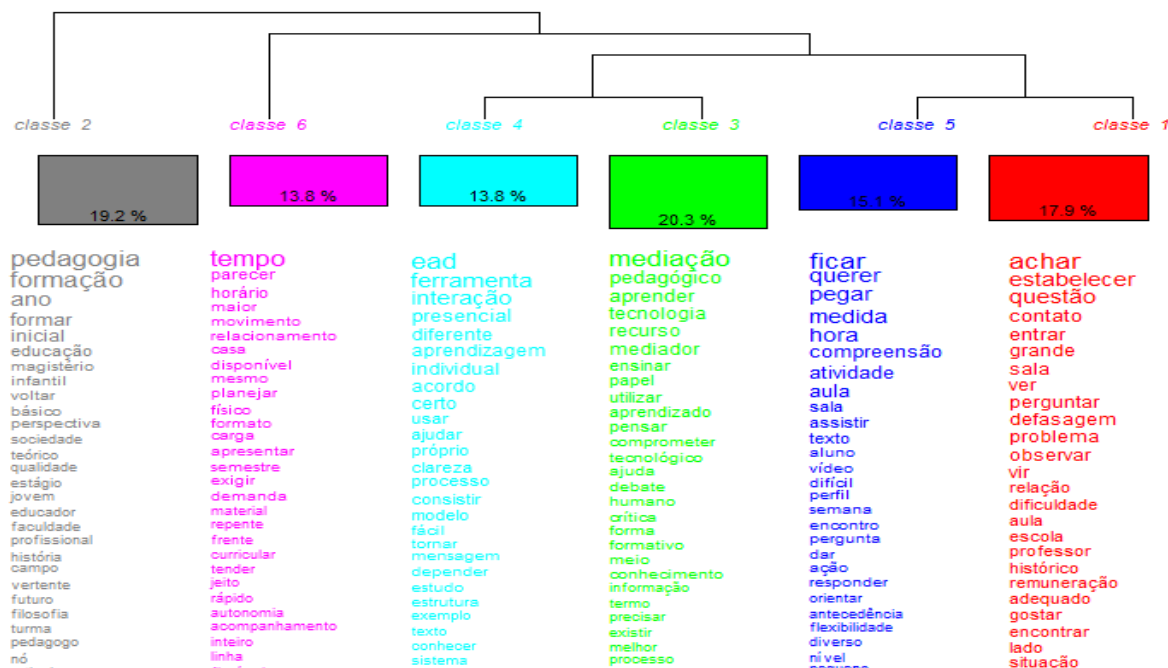
Tabela 1 - Incidência de Palavras

Palavras	Qtd
Aluno	347
Professor	284
Achar	279
Curso	261
Gente	256
Pedagogia	161
Mediação	129
Aula	129
Pensar	128
Presencial	123
Distância	118

Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

É natural que palavras como aluno e professor se destaquem em uma série de entrevistas que abordem cursos de formação de professores, por isso uma análise específica das classes é importante neste sentido. A partir dos discursos, o *software* criou 6 classes, considerando a proximidade e similitude das falas como expõe a figura a seguir.

Figura 2 - Classes de Palavras



Fonte: Iramuteq, 2017.

A figura demonstra a classificação feita pelo Iramuteq, utilizando o método de Reinert. Analisando a imagem, pode-se perceber 6 classes de palavras divididas. Podemos perceber pelas porcentagens que as palavras das classes 2 e 3 têm maior incidência. As classes 2 e 1 são as mais afastadas, como se percebe pelos subcorpos criados. Por eles, as classes 1 e 5 encontram-se em um grupo próximo, assim como as classes 4 e 3. As classes 6 e 2 estão próximas, mas não dentro de um mesmo grupo. A classes 2 é a mais ligada às outras, formando um grande subcorpo. Também é possível representar a divisão de classes de palavras por meio da figura a seguir:

Classe 3 - Mediação Pedagógica

Classe 2 - Pedagogia como formação

Classe 1 - Aula e Ensino

Classe 5 - Dificuldades e Aprendizado

Classe 4 - Educação a Distância

Classe 6 - Organização e educação

A partir desta divisão de classes é que este trabalho está organizado. Primeiramente, é discutida a classe *Pedagogia como Formação*, que aborda a formação dos professores entrevistados e suas relações com os cursos de Pedagogia. Posteriormente, há a análise das classes *Mediação Pedagógica* e *Educação a Distância*, temas centrais para o presente estudo e parte do mesmo subcorpo na divisão de classes do Iramuteq. A classe *Organização e educação* é abordada, demonstrando as visões dos entrevistados sobre especificidades da EaD e da educação presencial em relação a aspectos organizacionais. As classes *Aula e ensino* e *Dificuldades e aprendizados* também são analisadas juntas e fazem parte do mesmo subcorpo, elas demonstram questões relativas a visões dos docentes sobre os alunos e suas formas de possibilitar a construção do conhecimento.

4.1.1 Pedagogia como formação

A classe **Pedagogia como formação** teve 19,21% das palavras. Suas palavras de maior incidência foram Pedagogia e formação. Nos trechos constituintes da classe, percebe-se a relação que os professores fazem entre o curso de Pedagogia e a formação de professores. As palavras que mais aparecem na classe são Pedagogia e formação, apontando para uma tendência da vinculação de ambos.

As entrevistas demonstraram que os docentes percebem esta ligação e a colocam como grande objetivo e desafio dos cursos de Pedagogia.

Para mim um curso de Pedagogia de qualidade é aquele que prioriza a formação do professor, tanto numa questão da fundamentação teórica, tá, na qual, é, a gente articula com a prática. Pela Minha experiência eu vejo que o curso para ser considerado de qualidade, nós temos que fazer sempre a integração do que a gente estuda, todos os teóricos de todas as linhas pedagógicas, com que acontece na realidade[...] (Professor 12 EaD)

Então, eu acho que a Pedagogia tem uma função muito importante pensando na educação, na formação docente. E eu acho que um curso de Pedagogia de qualidade ele vai trazer professores de várias áreas com conhecimentos diversificados, e acho que tem que trazer sempre a formação crítica do

aluno. Então formar um aluno que seja, que tenha esse pensamento crítico com relação à educação, que não seja só um reproduzidor das teorias ou das, né, que seja um profissional que vai atuar nesse sentido [...] (Professor 10 EaD)

O curso de Pedagogia é, de fato, um formador de professores até mesmo porque a universidade disponibiliza o curso de licenciatura que tem ênfase na formação de alguém que trabalhará diretamente com a educação. Para alguns dos docentes entrevistados, a Pedagogia deve formar não só o professor, mas também pedagogos para outras áreas

O que é Pedagogia? Ela te abre mil portas. Você pode ser professor nos anos iniciais, você pode ser diretor e você pode trabalhar em empresa juntamente com o recrutamento de pessoas. Você tem alguns espaços nos hospitais, então, quando você tem um leque de possibilidades na sua frente, com a formação de qualidade. Você pode atuar naquilo que você tem mais afinidade e buscar uma formação complementar. (Professor 8 EaD)

Então acho que ele pensa que o campo da formação continuada de pessoas adultas, porque hoje ninguém para de estudar então processos educativos em outros ambientes. Nós temos hoje a Pedagogia Empresarial, Pedagogia hospitalar. A gente tem disciplinas que discutem as coisas mas eu acho que realmente ampliar seu campo de Formação considerando esses outros olhares. Voltaria o projeto do pedagogo, alguém capaz de organizar processos educativos para crianças seja para adultos. (Professor 3 Pres)

Libâneo (2001), ao discutir a formação dos cursos de Pedagogia no Brasil, coloca que a definição de um curso que forma professores pode ser insuficiente, pois se pode pensar em outros pontos de vista em relação ao curso de Pedagogia.

A idéia de conceber o curso de Pedagogia como formação de professores, a meu ver, é muito simplista e reducionista, é, digamos, uma idéia de senso comum. A Pedagogia se ocupa, de fato, com a formação escolar de crianças, com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas, antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. (LIBÂNEO, 2001, p. 6)

O curso de Pedagogia teria, desta forma, uma função de orientar ações educativas em diversos espaços. Contribui para esta discussão, em relação aos espaços que a Pedagogia deve ocupar na formação de profissionais, a ideia de que o pedagogo deve ter uma série de capacidades que o possibilite administrar determinadas situações que o permitiriam sair da escola para outros meios, onde a ação educativa também é presente, uma vez que, de acordo com supracitado Libâneo (2001), a educação é uma prática humana, logo não é necessariamente pertencente à escola. Ao mesmo tempo, podemos lembrar que de acordo

com os Projetos Pedagógicos dos cursos analisados, existe, de fato, uma atenção para as possibilidades de utilização do curso de Pedagogia para outros fins. A própria resolução, citada anteriormente neste trabalho, 01/2016 do CNE, demonstra que é possível a atuação do pedagogo em outras áreas.

Uma ótica interessante, ao analisar as falas dos docentes em relação à sua própria formação, é que todos eles tiveram uma experiência em todo processo formativo, desde a infância até o ensino superior e a pós-graduação, na modalidade presencial. Toda experiência, vivências, memórias ocorreram desta forma, sendo a modalidade a distância o último grau de atuação profissional vivida por alguns deles. Não se pode ignorar a influência desta informação no processo de construção de representações sociais destes indivíduos que compõem o grupo de docentes da universidade, tanto no ensino a distância quanto no ensino presencial. É evidente que as experiências de vida, de formação escolar e universitária desses docentes deixem traços importantes em sua representação do que é uma educação de qualidade e de como se dá o processo de mediação. Para Tarcia (2004), como já citado neste trabalho, a formação dos professores em modelos clássicos e sistemas tradicionais é uma dificuldade para a educação a distância e para o desenvolvimento de novos conhecimentos como o uso das TICs.

A primeira pergunta da entrevista realizada era: por que você escolheu ser professor do curso de Pedagogia? Nas respostas, percebe-se que a concepção de educação que esses professores fazem não vem apenas de sua graduação ou escola básica, mas também de sua experiência, o que ressalta ainda mais a ideia da influência do ensino presencial na formação destes docentes.

Bom, eu já tô na área de educação a mais de 20 anos, mas não atuava em instituição de ensino superior, e eu sempre gostei de dar aula para esse público de jovem adultos. E aí optei pela Pedagogia por estar na minha área. (Professor 10 EaD)

Um curso de Pedagogia de qualidade pra mim, eu vou me basear pela minha formação. Quando eu terminei meu curso de Pedagogia, eu não me via enquanto professora. Eu tinha uma lacuna, a princípio, eu vi isso como um ponto negativo. Eu me formei. Acabei de me formar, de sair de uma universidade e eu não sei dar aula. (Professor 8 EaD)

O curso de Pedagogia de qualidade é o que eu considero que eu fiz. Eu fiz um curso normal e depois eu fiz um curso Pedagogia então eu fiz o Magistério. Um curso de qualidade é aquele que você tem tempo de fazer com que os alunos, e que as questões, que eles pensem não só escola mas na realidade que está em que essa escola está inserida, a quem que essa escola está servindo. (Professor 1 EaD)

As falas citadas revelam o quanto a formação tradicional dos docentes influencia em suas escolhas de vida e profissionais. Por meio destas experiências é que se formou um sistema de valores e crenças acerca do que é ser docente. É evidente que mesmo que as experiências tenham sido diversas, elas influenciam de alguma forma o pensamento destes professores.

Os docentes entrevistados formam um grupo, pois tem uma série de fatores em comum, se constituindo, em nosso caso, professores da mesma universidade e do mesmo curso. Além disso, formam dois subgrupos: o dos professores da modalidade presencial e o dos professores da modalidade a distância. Apesar de formarem subgrupos diferentes, possuem trajetórias semelhantes. É evidente que a trajetória no ensino presencial influencia suas visões e representações sobre diversos temas relativos à educação. As falas citadas acima são de três professoras do ensino a distância e demonstram que o ideal para um curso de Pedagogia para elas é um curso no mesmo estilo que elas mesmas cursaram, ou seja, um curso presencial.

Esta classe também traz a ideia da Pedagogia ligada ao magistério e à Educação Infantil. Esta ligação se explica pelo contexto histórico e por uma parte dos professores entrevistados ter tido uma formação inicial voltada para o magistério. Neste sentido, o aparecimento dessas palavras representou a própria formação dos docentes entrevistados e o objetivo de seu ingresso no Ensino Superior, na área de Pedagogia. Palavras como: Pedagogia, formação, magistério, infantil, básico, estágio, jovem, faculdade, profissional e turma na classe podem demonstrar a influência a qual nos referimos anteriormente. Percebe-se afinidade com a ideia de se trabalhar com crianças, já que uma parte dos professores, todas as entrevistadas do gênero feminino, entrou na área da educação por meio do magistério. Chama atenção o fato de que alguns professores tenham entrado nesta área de maneira não planejada. Nessa pergunta, houve uma grande diversidade de respostas, não havendo uma linha homogênea de definições, apesar de apontaram para ideia de que o curso de Pedagogia deve ampliar os conhecimentos pedagógicos dos alunos, relacionar teoria e prática.

Eu sou formada magistério com 18 anos. A gente já ingressava, passava no concurso e ficava efetiva. E aí, eu neguei por um momento mas filha de professora e diretor de escola e fui fazer faculdade de economia. Fiz a faculdade de Economia. Terminei mas não mandei nenhum currículo, não tive emprego de economista, sempre fazendo a faculdade com dinheiro da docência e depois fui fazer Pedagogia porque eu percebi que a profissão teria que ser com Pedagogia. (Professor 4 Pres)

Quando eu comecei a trabalhar na educação, eu comecei básica na escola rural. E aí eu fui me encantando com a educação, fui querendo mais,

querendo saber mais, fui buscando. E aí você vai indo trabalhar em todos os níveis da Educação Básica desde infantil até o médio. Entre coordenadora, coordenação e orientação educacional e professora até que chega uma hora e fui eu para educação superior. (Professor 1 EaD)

Percebe-se que a representação dos professores sobre o curso de Pedagogia, tanto da modalidade presencial tanto da modalidade EaD, aponta para o curso de Pedagogia como curso para formação de professores, o qual deve contemplar a relação entre teoria e prática. Os cursos analisados, no presente estudo, são cursos de Licenciatura, ou seja, têm uma ênfase na atuação do egresso dentro da área educacional, por isso, naturalmente, os professores ressaltam em suas falas esta realidade. Brito (2006) destacou este fator em citação anterior, quando demonstra que a Pedagogia tem, como foco, a formação para Educação Infantil, as que tem uma função mais ampla que compõe, inclusive demandas dos movimentos sociais.

O grupo de palavras destacadas como parte da classe também engloba o termo qualidade, discutido neste trabalho de acordo com Cury (2014), que expõe que o conceito de qualidade não é definido pela legislação educacional, mesmo que citado várias vezes como direito do aluno, assim a não qualidade seria o fracasso escolar, bem como a evasão e as reprovações. Esta discussão remete-nos à pergunta feita aos docentes entrevistados: O que, para você, é um curso de Pedagogia de qualidade?

As respostas a esta pergunta remeteram a pontos importantes como a relação entre teoria e prática e a importância da formação teórica do aluno. Esta afirmação também tem base em outras duas palavras pertencentes à classe: teórico e filosofia. Nas falas dos docentes destacam-se trechos neste sentido

Mas é, quais seriam essas três vertentes? Basicamente nós temos que pensar no curso de Pedagogia que precisa ter uma um conteúdo e por isso uma reflexão das disciplinas que compõem que podemos chamar de fundamentos na educação. E quais seriam elas? História da educação, Sociologia da educação, Filosofia da educação e por que não dizer também, a própria psicologia. (Professor 7 Pres)

E me parece que um curso de Pedagogia de qualidade é aquele que aquele que articula saberes teóricos fundamentais para você entender o campo da educação. Eu acho que você tem a filosofia, história, ciências de referência que podem fornecer um substrato teórico a formação básica do futuro professor. (Professor 5 Pres)

Pela minha experiência eu vejo que o curso para ser considerado de qualidade nós temos que fazer sempre a integração do que a gente estuda, todos os teóricos de todas as linhas pedagógicas, com que acontece na realidade, né, então a gente tem alguns momentos da Pedagogia que favorecem isso, que são os trabalhos em grupos, os seminários, vários

debates, né, que devem ser promovidos para garantir a qualidade do curso.
(Professor 12 EaD)

Os discursos resultantes das entrevistas não ignoram a prática, tanto que muitos deles citam como experiências interessantes o PIBID e o estágio, mas é evidente a preocupação com a formação teórica do aluno de Pedagogia. A articulação destes conteúdos teóricos com a prática também fez parte dos discursos analisados de forma que esta relação é explicitada como requisito para um curso de qualidade. A ligação entre os conteúdos teóricos e prática faz parte da constituição do curso.

4.1.2 Mediação Pedagógica e EaD

Neste tópico, serão colocadas duas classes, a **Mediação Pedagógica e Educação à Distância**, ou seja, as classes 3 e 4. As duas classes possuem relação entre si, pois fazem parte do mesmo subcorpo. As 2 classes são unidas neste trabalho, uma vez que as ideias de educação presencial e EaD estão sempre relacionadas quando se referem a mediação. A classificação realizada pelo Iramuteq as coloca no mesmo subcorpo. Suas palavras estão ligadas pelas perguntas realizadas e pelos assuntos tratados nas entrevistas.

Foi possível identificar as representações sociais dos docentes do curso de Pedagogia sobre a mediação pedagógica, o papel da tecnologia neste processo, as especificidades de cada um dos cursos, bem como os valores dados a cada modalidade. Mais uma vez, não foram encontradas diferenças relevantes nas representações dos professores das diferentes modalidades, mesmo que cada uma delas possuam formas diferentes de agir na mediação, principalmente, ao fazer uso da tecnologia, no caso da educação a distância.

A classe **Mediação pedagógica** possui 20,3% das incidências e as palavras mais frequentes são mediação, pedagógico, aprender, tecnologia e recurso. Enquanto a classe **Educação a Distância** possui 13,8% e tem como palavras mais frequentes: ead, ferramenta, interação e presencial. Das 9 perguntas da entrevista, 3 eram sobre mediação, assim, é natural que a palavra apareça com frequência. Buscar as significações dadas pelos professores do que é mediação e de como isso ocorre nas modalidades é essencial para esta análise.

A totalidade deles considera a mediação importante. A representação social dos docentes indica que eles acreditam na importância da mediação para o processo educacional. É evidente que se deve ter em conta que o conceito de mediação adotado neste trabalho, com sua base em Vygotsky, não é único modelo de mediação, como já mostrado anteriormente

em ideias como a de Feuerstein, que coloca o conceito de Experiência de Atividade Mediada (EAM), considerando o humano como parte do processo de mediação.

Uma das percepções que se retira das falas dos docentes entrevistados foi que nem todos possuem a mesma concepção teórica do que é mediação. Apenas um dos professores citou a teoria de Vygotsky, os outros deram concepções que tem como base uma visão básica e não científica do conceito. Podemos relacionar esta afirmação com o processo de objetivação, mostrado por Moscovici (2007), na teoria das representações sociais, uma vez que o grupo dos professores tem uma simplificação do conceito de mediação que é aceita pelo o grupo, sendo, inclusive, valorizado. Dessa forma, a totalidade dos docentes acredita que a mediação é importante, porém não apresenta uma ideia propriamente científica do que é mediação. Em todas as entrevistas, Vygotsky é citado 4 vezes, porém em outros contextos. Ainda sobre o processo de ancoragem e objetivação

De outro lado, a ancoragem serve à instrumentalização do saber, conferindo-lhe um valor funcional para interpretação e gestão do ambiente, e então se situa em continuidade com a objetivação. A “naturalização” das noções lhes dá valor de realidades concretas diretamente legíveis e utilizáveis na ação sobre o mundo e os outros. Além disso, a estrutura imaginante da representação torna-se guia de leitura e, por "generalização funcional", teoria de referência para compreender a realidade. (JODELET, 1993, p. 49)

Por meio da objetivação e ancoragem, os entrevistados revelam um conceito comum de mediação, ou seja, o professor deve ser o mediador entre o aluno e o conhecimento através de uma relação próxima com o aluno. Pode-se resgatar a discussão, já feita neste trabalho, sobre a formação dos docentes em questão, em sua totalidade, ocorrida na modalidade presencial. É notório que estes docentes também baseiam sua noção de mediação nas suas próprias experiências de formação e também profissionais, já que nenhum deles iniciou sua carreira profissional na EaD. Por meio da "naturalização" do conceito, eles podem orientar suas ações e comportamentos perante o processo da construção do conhecimento.

Assim, a mediação não é vista de forma diferente pelos professores da EaD e pelos professores do presencial, apesar de que os primeiros precisam de meios tecnológicos e outros materiais para possibilitar a mediação. Esta discussão está relacionada às ideias de Vigotsky suscitadas por Fontana (2000) e citadas anteriormente, segundo o autor, a mediação é repleta de gestos, atos e palavras e se relaciona a qualquer aprendizado não necessariamente ao aprendizado escolar, acadêmico ou que possua algum rigor científico. Algumas falas de professores do presencial foram neste sentido.

A mediação é imprescindível, se você for pensar que o professor é um mediador, mas a mediação não é só professor se você pensar do ponto de

vista vigotskyano. O livro é um mediador, a tecnologia é mediadora. Você tem N possibilidades. Eu não penso que o professor é o único mediador pedagógico, o professor pode também usar outras mediações que nem, como se meu questionário, se for com seus recursos tecnológicos, posso pegar um episódio, uma entrevista do "PCN em Ação" e trazer para as meninas para elas verem algumas coisas. Posso pegar um vídeo e ilustrar. (Professor 4 Pres)

[...] própria palavra (mediação) por si mesma ela se auto explica, quando de alguma maneira existe por meio de alguém ou de algum recurso algo que vai proporcionar um veículo, um meio que vai proporcionar o aprendizado de algo entre quem ensina e quem aprende, a maneira com que isso acontece, nós podemos caracterizar com recursos tecnológicos ou não. (Professor 7 Pres)

Dentre os 12 docentes entrevistados, 10 colocam que a mediação faz parte da relação entre professor e aluno. De acordo com a representação social dos professores, a mediação aconteceria por meio da ação do professor, visando o aprendizado do aluno, visão semelhante a apresentada por Libâneo (1998), citado anteriormente, que abordava um novo papel para o professor, o de professor mediador. As ideias de Feuerstein aproximam-se mais deste conceito de Libâneo, pois coloca uma participação humana entre estímulo, resposta e organismo. O ponto mais relevante, neste sentido, foi a forma com que os professores diferenciam a mediação na EaD e no ensino presencial.

Acredito que alguns pontos da mediação seja[...] como a gente não tem um dinâmico vínculo, posso chamar de vínculo, assim na sala de aula com outros alunos ou professor na EaD, as estratégias de mediação, eu acho que na EaD ela é mais incisiva. Ela precisa ser mais incisiva porque senão a coisa não acontece. No presencial parece que o aluno é um pouco mais comprometido, ele vai mais até o professor, então a coisa parece que vai um pouco mais. Na EaD parece que é um movimento contrário, as pessoas que pensam e fazem EaD elas precisam estar fazendo o movimento inverso: chamar o aluno ir atrás dele ver se ele está com dificuldade. (Professor 8 EaD)

Mas a tendência, pelo que eu escuto, pelo que eu vejo, alguns alunos ficam largados e aqui mesmo na Instituição a gente recebe alunos de outros lugares aonde as aulas eram feitas nessa modalidade e eles preferiram o presencial, justamente por conta de uma maior organização, de uma maior presença de alunos e professores e que os problemas podem ser resolvidos ali. (Professor 11 Pres)

Pela representação social dos docentes, a mediação no ensino presencial ocorre de forma melhor, uma vez que a presença física do professor agiliza o processo de aprendizagem. Esta noção de proximidade física entre o aluno e o professor é colocada como uma facilitadora do processo de ensino, pois o professor pode identificar eventuais problemas

de aprendizagem de seus alunos. Um ponto importante é que até mesmo os sentidos como o cheiro, o olhar e outros pontos relativos à presença física são citados como exemplo da agilidade do ensino presencial.

Estas falas não contemplam recursos disponibilizados pela EaD, que possibilitam a interação e a realização do processo de mediação como Slomski (2016) demonstra: as TICs podem ser instrumentos convertidos em *ações de sentimento* e em construção de novos conhecimentos.

A citação anterior de Souza, Sartori e Roesler (2008) também discute a ideia de possibilidades de mediação na medida em que coloca modos diferentes de mediação, humana e tecnológica, mostrando que a EaD possui formas variadas de acompanhamento do aluno, que dispensam a presença física do professor durante o processo. Os autores colocam, ainda, que a combinação das duas resulta em um processo mais rápido e eficiente na modalidade a distância. A importância da tecnologia e de outros meios como mediadores, citados por Mallman (2010), deve ser lembrada neste momento, já que contraria a ideia da necessidade do acompanhamento físico do professor no processo de mediação.

Mesmo que não seja explícita nas falas dos entrevistados uma maior valorização da eficiência do ensino presencial, esta noção aparece quando se questiona sobre as diferenças entre as modalidades. Uma delas é a já citada ideia da mediação como eficiente na medida em que professor e aluno encontram-se presencialmente com mais frequência. Outros elementos como a ideia do espaço acadêmico e a interação entre os colegas de curso aparecem nos discursos. Alguns professores demonstram uma noção de que o aluno ficaria desassistido na EaD, tendo contatos raros e esporádicos com o professor, o que não ocorreria na educação presencial. Esta ideia de contato é frequente de forma que explicita um sentimento de superioridade da educação presencial sobre a educação a distância. Neste caso específico, os professores das duas modalidades discordam. Para os professores da EaD, o aluno fica mais independente, livre e autônomo, enquanto os professores do presencial veem na situação do aluno da EaD, um abandono. As falas a seguir demonstram esta divergência

O curso presencial fica muito na mão de um professor, cada disciplina tem um professor. Na EaD, isso fica mais diverso, na medida em que você tem o professor no encontro presencial mas daí você outro na tutoria está te orientando. Aí você tem um outro coordenador que dá uma entrada. Então você tem mais coisa a própria estrutura da EaD, ela possibilita uma ampliar mais isso e talvez isso ajude. Eu não vejo isso como negativo, vejo como positivo[...] (Professor 1 EaD)

A única diferença que eu vejo é que na Pedagogia presencial aluno fica mais dependente do professor, a professora está ali o tempo inteiro, no curso

distância nesse processo exige um esforço maior por parte do aluno, o aluno tem que estar realmente a fim de fazer a faculdade e se não fazer nada senão não vai valer. Tudo depende estritamente da vontade dele não necessariamente dessa forma, mas é o que mais vai diferenciar. (Professor 6 EaD)

[...] nos cursos a distância há uma motivação muito individualizada e o aluno tem que se virar, praticamente sozinho, com apoio certamente de um tutor ou de um professor. Eu conheço suficientemente para dar num apoio pedagógico mais eficaz e então me parece que mesmo quando não é na modalidade a distância e parece que há uma lacuna na operacionalidade da aprendizagem a distância e o que não ocorre na modalidade presencial. (Professor 5 Pres)

Algumas pessoas que fazem curso é a distância e esse à distância significa alguns dias da semana. E eu tenho me deparado com algumas tarefas que os professores solicitam que são complicadas. A gente não vê assim um acompanhamento, né, paulatino do aluno. Então eu vejo bastante problemas quando se fala de educação a distância. Acho que o processo de ensino-aprendizagem é muito diferente, muito diferente, eu acho que esse acompanhamento mais de perto, né, o saber de que maneira o aluno tá progredindo, quais realmente os problemas que ele tá experimentando em sala de aula, eu acho que isso é muito mais perceptível quando você tá com ele. Eu acho que a educação a distância acaba escondendo muita coisa que você não observa. (Professor 9 Pres)

Apear das discordâncias demonstradas neste caso, os discursos também apontam para semelhanças entre elas, tal como o uso da tecnologia. Em relação à tecnologia, pode-se destacar a unanimidade dos professores em relação ao uso de tecnologia em sala de aula¹. Todos os docentes citaram o uso do Power Point como recurso. Estes dados demonstram como a tecnologia está presente na área profissional, o que facilita a discussão em torno da EaD, que necessariamente precisa de tecnologia para existir. Bates (2016) chama este uso de *blended learning*. O conceito vai desde o *face-to-face* (totalmente presencial) até o *fully distance* (totalmente a distância), passando pela *classroom aids*, *flipped* e *hybrid*. O autor coloca que as atividades em sala de aula também podem ocorrer on-line. Desta forma, a aprendizagem on-line com uso de recursos tecnológicos tem uma série de faces e possibilidades.

Assim, *blended learning* pode significar um repensar ou redesign mínimo do ensino em sala de aula, como o uso de materiais de apoio, ou um redesign completo, como no caso de cursos projetados com flexibilidade, que tem como objetivo a identificação das características específicas do ensino presencial, com a aprendizagem a distância proporcionando acesso flexível para o resto do aprendizado. (BATES, 2016, p. 389)

¹Cabe aqui lembrar que na Universidade estudada existem aulas presenciais, mensais e opcionais, na modalidade EaD.

Portanto, pode-se notar que existem momentos de encontro entre as duas modalidades que têm em comum o uso da tecnologia. É evidente que a tecnologia é mais presente na EaD por ser parte inerente ao seu funcionamento, mas também se nota o crescimento do uso da tecnologia e recursos didáticos relacionados ao ensino presencial. O Professor 1 EaD, do curso a distância, estabeleceu esta relação e colocou a utilização das diversas tecnologias nas duas modalidades, além das possibilidades de trabalharem juntas.

[...] são formas que se complementam na medida em que na EaD, eu tenho muito forte a tecnologia que me ajuda a fazer a mediação. Tecnologia é um instrumento ali e que me ajuda nessa mediação. Na sala de aula, muitas vezes ou na maioria das vezes sou eu. Tecnologia entra como *PowerPoint*, ela entra como email, como trabalho, mas ela entra de uma forma diferente. Na educação a distância a tecnologia está ali presente e em destaque no meu trabalho de mediação. Então eu acho que tem diferença. Talvez o ideal fosse que a gente conseguisse juntar tudo isso. Não é tanto a forma de fazer presencial, como nós à distância. Aí talvez a gente conseguisse uma grande escola de qualidade. (Professor 1 EaD)

Outro fator, relacionado a esta discussão foi colocado pelo Professor 4 Pres que lembra da possibilidade das duas modalidades existirem paralelamente no mesmo curso quando diz que "*[...]dentro do próprio presencial, a gente tem um espaço virtual então é possível no curso presencial você ter 20 por cento de carga horária do curso de estudo virtual.*" Esta possibilidade é apoiada pela portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004 do Governo Federal.

O Professor 3 Pres, da modalidade presencial, diz, neste sentido:

Então eu acho que ambos podem ser cursos de qualidade, eu acho que a educação a distância é uma tendência hoje no mundo, não dá para você ignorar que passa por aí[...]é que ela tenha momentos presenciais e algumas disciplinas ou parte do curso à distância então eu vejo que o ideal seria um curso híbrido que ele tenha as citações presenciais por conta daquilo que eu falei, da convivência no ambiente, da convivência com o professor. (Professor 3 Pres)

As três falas anteriores são importantes na medida em que mostram como não, necessariamente, há uma oposição entre as modalidades de ensino e que as duas em alguns momentos podem se tornar até complementares. Neste ponto, pode-se relacionar a discussão com o exposto por Moore (1989) quando aborda os três tipos de interação que se complementam de forma a criar tipos diferentes em um mesmo curso.

No entanto, Bates (2016) expõe que a maioria dos professores acredita que a EaD é inferior ao ensino presencial e que não existe nenhuma base científica que apoie esta

superioridade do sistema presencial. Para ele, a educação mista ou híbrida apresentaria vantagens entre as duas.

Os professores, em sua maioria, demonstraram que acreditam nas diferenças entre as modalidades, mas nenhum deles foi claro em relação à superioridade entre elas. Em alguns momentos, elementos como a organização e o comportamento do aluno aparecem como determinantes na qualidade do processo ensino aprendizagem. A ideia de superioridade da educação presencial aparece de maneira implícita, logo se confirma a afirmação de Bates (2016) com os dados coletados por este trabalho, assim como as de Kenski (2015). Outro autor que abordou esta questão foi Litto (2011), o qual afirma a existência de uma ideia de que a EaD é vista como inferior, ineficaz, o que não se confirma cientificamente. Considera-se também que existe uma objetivação da ideia de relação entre professor e aluno na EaD, que a representação social dos docentes é de que a educação presencial é mais eficiente nesta relação do que a EaD e que o aluno presencial tem uma estrutura mais completa para seu aprendizado.

4.1.3 - Organização e Educação

A classe **Organização e Educação** teve 13,6% de incidência de palavras e as palavras mais frequentes foram tempo, parecer, horário e movimento. Além das palavras que aparecem mais, outras palavras nesta classe destacam-se no contexto deste trabalho como: relacionamento, disponível, acompanhamento e autonomia. A discussão suscitada por estas palavras tem relação com o tópico anterior, quando estabelecia a relação entre professor e aluno e também aparece na discussão acerca das diferenças entre educação a distância e educação presencial. Logo, se percebe que esta classe também se encontra no mesmo conjunto de perguntas das classes já discutidas no presente trabalho. As palavras horário movimento e tempo são relacionadas a especificidades da educação a distância, uma vez que esta modalidade permite horários mais flexíveis no decorrer do curso. Podem-se associar também as palavras relacionamento físico, autonomia e acompanhamento às questões sobre mediação discutidas anteriormente.

No corpo das entrevistas, se pode notar que palavras como horário e movimento estão relacionadas com flexibilidade de horário e deslocamentos que a modalidade EaD oferece e que não ocorre na educação presencial. Este acesso facilitado pode ser considerado como uma das vantagens da EaD, mas nas falas dos professores se identifica que ela nem sempre é vista

desta forma. A obrigatoriedade de uma organização fixa na modalidade presencial também é vista como uma vantagem.

É interessante considerar que a mesma situação permitida pela EaD seja vista de forma diversa pelos docentes entrevistados. Neste ponto, ainda podemos destacar que os docentes da EaD e presencial tenham opiniões semelhantes às diferenças de uma modalidade para a outra, mas o mesmo não reflete ao julgar estas diferenças. O que é visto como positivo para um grupo, para outro é negativo. Torres e Camino (2011), ao abordarem as posições tomadas por grupos, ressaltam a ideia da Diferenciação Social: um grupo tende a ressaltar os aspectos positivos de sua própria realidade.

O pressuposto fundamental desta concepção é de que os indivíduos procuram alcançar um tipo de identidade social que contribui para obter uma auto imagem positiva. Esta imagem seria obtida procurando se diferenciar positivamente dos outros grupos durante o processo de comparação pessoal. A consequência deste pressuposto é que quanto maior é o sentimento de pertença a um grupo, maior será a tendência, de uma maneira favorável, seu próprio grupo (endogrupo) dos outros grupos (exogrupo). (TORRES, CAMINO, 2011, p. 536)

Podemos relacionar esta ideia com algumas falas dos professores entrevistados, já que em diversos momentos se percebe que mesmo não explicitando claramente a ideia de como uma modalidade possa ser mais eficiente que a outra, as ideias de oposição e de superioridade aparecem. Este fenômeno ocorre mais em relação ao

O que eu acho embora tenha instrumentos para fazer isso hoje no ensino a distância, é a convivência entre alunos, ou seja, aprendizado entre pares, então, por exemplo, se você tem uma discussão em grupo um aprende com o outro, então isso embora possa ser feito. Vocês têm os chats, tem outras coisas no ensino a distância. Eu acho que esta interação que ocorre todo dia, de convívio com os colegas ele convive porque eu acho que a pessoa não aprende só na sala de aula. Ela aprende nos intervalos, aprende quando conversa com professor com outro, no corredor. (Professor 3 Pres)

Não estou dizendo que a distância é ruim, mas tem que está naquele momento preparado para isso e tem que ter um perfil para isso, não estou dizendo para você, eu, particularmente. Acho que deve ser esse perfil da disciplina que você está bem, você tem que entrar no chat às 19:00, de saber que você tem que entregar essa atividade até dia tal. (Professor 4 pres)

Em EaD, o aluno tem a visão da disciplina no começo dela. Então quando ele começa aquela disciplina ele já tem uma noção do que vai aprender em cada unidade, do que ele vai ter que ler e daí ele pode ter um pouco mais de autonomia para se organizar, para se preparar antes para fazer as atividades no tempo que tem. Então ele já planeja quanto tempo ele tem que destinar para ler o material, para pensar. (Professor 9 EaD)

O presencial ainda está muito preso na fala do professor, no livro que está impresso, e ainda está muito preso no caderno que o aluno anota. Alguma coisa que está muito distante desse mundo que nós vivemos. Então eu acho que a EaD, se ela é bem trabalhada, ela está contribuindo nesse momento, mais do que o presencial. (Professor 1 EaD)

Neste momento, pode-se retornar à fala e Faria e Salvadori (2010) em que colocam que a tecnologia não garante a qualidade do ensino, por isso é necessária organização tanto por parte dos docentes e formadores dos cursos quanto dos alunos. Os discursos citados demonstram a preocupação com a organização e autonomia do aluno no processo de ensino mesmo que visto de forma positiva ou negativa, de acordo com os grupos a que pertencem.

Nas falas citadas, nota-se que os professores das diferentes modalidades colocam que ao mesmo tempo em que a relativa autonomia oferecida pela EaD é uma vantagem, também pode ser uma desvantagem. Outro ponto importante é que a organização do aluno também é uma vertente reconhecida pelos entrevistados. Desta forma, os professores entendem que o aluno da EaD precisa de uma organização pessoal melhor do que a do aluno presencial, as falas citadas demonstram, inclusive, que a EaD dá uma oportunidade mais significativa neste sentido. As tecnologias possibilitam um acesso diferenciado à educação de forma que professores e alunos podem ter uma relação diversificada e baseada na interação, para Cabral e Tarcia (2011), a Ead possibilita a superação da relação tradicional e centrada no professor no ambiente educacional.

Concomitantemente, verifica-se que os docentes também demonstram a ideia de que a educação presencial possibilita ao professor perceber e resolver problemas de aprendizagem com mais rapidez.

4.1.4 - Ensino, aprendizado e dificuldades

As classes **Aula e Ensino e Dificuldades e Aprendizado** tem respectivamente 15, 1 e 17,9% e fazem parte do mesmo subcorpo. Na classe **Aula e ensino**, estão contidas palavras como: compreensão, aula, sala vídeo, encontro, flexibilidade, aluno, vídeo. Estas palavras estão relacionadas a perguntas como: Quais as principais diferenças entre o ensino presencial e a distância? Já na classe **Dificuldades e Aprendizado**, as palavras que se destacam são contato, sala, defasagem, problema, relação, dificuldade, professor, remuneração. Nota-se a frequência da questão: Quais as principais dificuldades no papel de professor mediador? e Quais os principais desafios para se realizar um curso de Pedagogia de qualidade? As classes

se relacionam, pois falam de questões práticas da ação do professor tanto na EaD quanto na Educação presencial.

É evidente que enfoque na prática faz com que os professores entrevistados abordem questões relativas à sua realidade. Neste ponto, veem-se diferentes pontos de vista em relação às duas modalidades. Para os professores da educação presencial, existe um problema com a formação básica dos alunos. Em diversos momentos, é colocado que os alunos não possuem conhecimentos fundamentais, o que dificulta a realização de atividades mais complexas.

Você pode ter o aluno mais empenhado ou menos empenhado, mas de maneira geral acho que talvez não seria bem uma questão da relação professor-aluno mas a questão do tipo de conhecimento que esse aluno traz quando ele vem para o curso. Eles trazem dificuldades da formação inicial, trazem lacunas na formação. (Professor 3 Pres)

Na verdade, a gente se surpreende muito porque muitas que estudam conosco acabam achando o sentido no que estudaram lá nos anos iniciais, agora na faculdade, agora estão entendendo o que é a matemática. Agora elas estão entendendo o que era história, os principais conceitos da geografia. (Professor 4 Pres)

Percebe-se pelas falas citadas que existe, no caso dos alunos, na visão dos professores, uma defasagem dos alunos em relação a conteúdos e conceitos considerados básicos. O grupo de alunos seria assim diverso do que era anteriormente. Problemas relativos à formação dos alunos formam a maior parte das falas selecionadas pelo *software* e que compõem esta classe. É relevante que essas falas não estão relacionadas apenas a dificuldades conceituais e de conteúdo, mas também de organização e até mesmo das expectativas dos alunos em relação ao seu curso. Os professores não acreditam que os alunos estão qualificados para realizar um curso de graduação, apresentando defasagens e dificuldades no âmbito acadêmico.

Pode-se relacionar este discurso à ideia de que é preciso superar a função do professor transmissor de conhecimentos para exercer novas funções docentes como a do professor-mediador, que auxilia os alunos a criar formas de construção de conhecimento, como exposto neste trabalho por Libâneo (1998) e Masetto (2000). O professor deve, então, assumir a função de oferecer condições para que o aluno possa solucionar seus problemas em busca de uma formação plena e de qualidade. Os autores citados expõem a necessidade de superar o papel o professor transmissor de conhecimento e de se buscar uma nova relação entre professores, alunos e a construção do conhecimento, o que seria a função mediadora. É evidente a consideração de que tanto a modalidade presencial quanto a modalidade a distância precisam repensar suas formas de ação para possibilitar este tipo de interação. Levy (1999)

aponta nesta direção, quando coloca que a tecnologia só auxilia no processo pedagógico se utilizada de novas formas. Essa ideia também é exposta por Kenski (2003) que demonstra que a tecnologia, se não utilizada corretamente, pode até atrapalhar o trabalho pedagógico, ou seja, a tecnologia e o acesso a ela não se bastam e, sim, necessitam de propostas inovadoras.

Neste sentido, por mais que esta classe não aborde diretamente a questão da mediação, a discussão é central ao perceber que os professores atribuem aos próprios alunos as maiores dificuldades do sistema educacional, da realização de cursos de qualidade e da relação entre professor e aluno, retirando de si a responsabilidade e participação nessas dificuldades. Existe, portanto, uma lacuna no processo ensino aprendizagem que pode ser analisada com base na ideia de que os professores não estão tendo sucesso em sua função mediadora. Neste momento, pode-se refletir sobre o conceito de mediação em Vygotsky e Feurstein, uma vez que ambos definem o conceito da seguinte forma: a ação mediadora só ocorre quando há algum tipo de interação com conhecimentos e estímulos, tendo de ser considerada no ambiente educacional, independentemente da modalidade, partindo do planejamento e execução de recursos pedagógicos formulados pelo professor, mesmo que sem a presença física dele.

A ideia de dificuldade exposta por esses professores passa também pelas diferenças apresentadas por eles ao se referirem à educação a distância e à educação presencial. Nota-se que muitas dificuldades são atribuídas, em especial, ao assincronismo que eles acreditam existir na EaD. Foi fala recorrente dos professores da educação presencial: nesta modalidade é possível acompanhar as dúvidas e dificuldades do aluno, resolvê-las instantaneamente, o que para eles seria impossível na educação a distância.

Aquilo que você falou na minha última aula, sobre isso sobre aquilo, então eu tenho que contar com você na próxima semana uma coisa que você disse e que não me bateu bem, com uma dúvida que você pode ter apresentado um comentário que você tenha feito que possa me dar pistas de que outras pessoas, talvez, tivessem com essa mesma dúvida. Eu não sei se no curso à distância isso seria possível. (Professor 4 Pres)

No curso presencial, existe uma possibilidade concreta do estabelecimento de relações humanas mais objetivas, talvez mais autênticas, porque a relação se dá corpo a corpo, a relação se dá no âmbito do empírico, no olhar, na fala, do contato no contato reflexivo. Os cursos à distância possuem essa limitação... (Professor 5 Pres)

Porque eu acho importante essa presença, esse sentir ali na hora, o que o aluno precisa, do que ele tá, até por causa disso que eu falei anteriormente, nessa defasagem. Toda essa dificuldade que a gente encontra hoje com esses alunos, eu acho que você tá ali vendo e se mostrando aberto para esse aluno para que ele possa te fazer perguntas para que ele possa até vir até ver você

ficar mais perto dele, em outros momentos não só na sala de aula, na aula de reforço, uma conversa mais, orientação na hora dos TG's né. Eu acho que tudo isso, eu acho que essa diferença do presencial você consegue agregar um pouco mais e se dedicaram um pouco mais a esse aluno. (Professor 10 EaD)

Esta representação esteve presente quando este trabalho discutiu as diferenças entre EaD e educação presencial e apareceu novamente nesta classe, o que demonstra a intensidade com que os professores apresentaram tal questão. Sabe-se que existem diversas formas de interação síncrona na EaD, como *chats* e vídeoconferência, logo este acompanhamento pode ser realizado assim como na educação presencial, não havendo sentido nas afirmações realizadas. Consideram-se, por exemplo, ideias como de Cabral e Tarcia (2011) que expõem a possibilidade de uma parceria baseada no diálogo na modalidade a distância; Mallmann (2010) coloca também que as tecnologias de informação e comunicação podem ampliar a interação e a própria potencialidade da mediação pedagógica. Behar, Konrath Tarouco (2009) acrescentam, inclusive, que a educação a distância causa necessidade de interação e de posicionamento do aluno em relação ao que está se estudando, ou seja, propõem uma mudança não apenas no papel do professor, mas também no papel do aluno.

É significativo o fato de que os professores atribuam as dificuldades a uma modalidade diferente da qual exercem a docência. O que ocorre com frequência quando os professores do ensino presencial se referem à EaD. Ao se analisar os segmentos de textos organizados pelo *software* Iramuteq, essa relação fica evidente. Entretanto, os professores da EAD não demonstram discordar desta visão, expondo ideias semelhantes em muitos momentos de suas falas.

4.1.5 - Docentes e representações

Após a discussão orientada pela classificação organizada pelo *software* Iramuteq, foi possível detectar uma série de informações sobre a forma com que os professores entrevistados de ambas as modalidades percebem o curso de Pedagogia e como representam suas interações e estratégias no processo ensino aprendizagem. Primeiramente, é preciso considerar todo o processo de formação pelo qual passaram esses professores, já que foi neste caminho que eles desenvolveram suas visões sobre educação e seus objetivos. A trajetória destes professores ocorreu pela educação presencial e, como demonstrado na discussão dos

dados, esta mesma formação tradicional orienta a representação de que esta modalidade é a ideal.

Destacou-se, neste ponto, a noção de que os professores da Educação a Distância também percebem essa formação como ideal, mesmo que não exponham diretamente esta ideia. Importante considerar também que o grande objetivo para os professores do curso Pedagogia é formar novos professores, porém pode-se refletir sobre que tipo de professor está sendo formado.

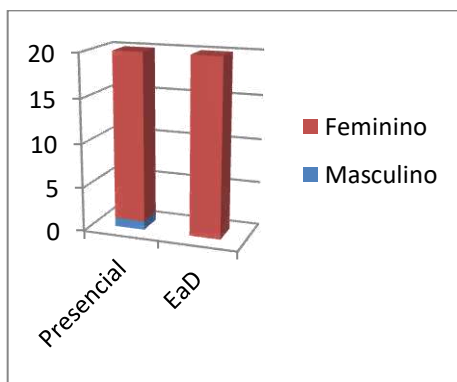
É nessa parte que podemos colocar o conceito de mediação pedagógica representado por esses professores. Houve a identificação de uma representação social dos docentes entrevistados em relação à mediação como uma interação entre professor e aluno, que funciona de maneira mais efetiva com a presença física do docente. Essa representação aproxima-se mais das ideias de Feuerstein do que propriamente das de Vygotsky, devido à presença do humano no sistema SOR, demonstrado neste trabalho.

No entanto, evidencia-se que as diversas possibilidades de mediação existentes em ambas as modalidades, principalmente na EaD, não sejam valorizadas nem mesmo na maioria das falas de professores da Educação a Distância. É demonstrado por autores como Tarcia, Mallman, Moran, Kenski, Levy que as TICs e a própria estrutura da EaD podem ampliar as relações mediadoras entre alunos e conhecimento. Logo, a presença física do professor não é parte inevitável de um processo efetivo de educação nem do sucesso na mediação.

4.2 Representações sociais dos discentes

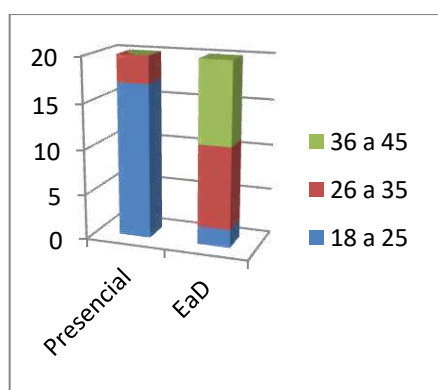
Os dados socioeconômicos dos discentes pesquisados demonstram uma série de diferenças e semelhanças entre o perfil dos alunos da EaD e da modalidade presencial.

Gráfico 4 - Gênero dos discentes



Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

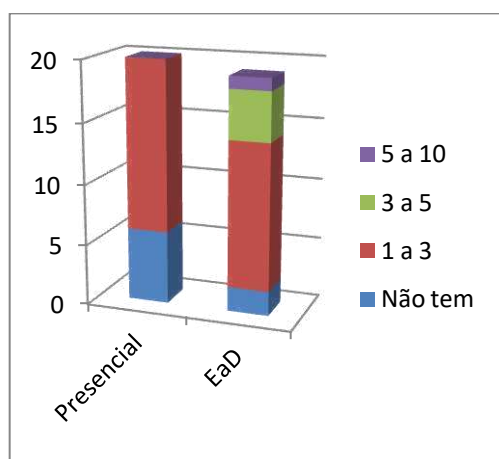
Gráfico 5 - Idade dos discentes



Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

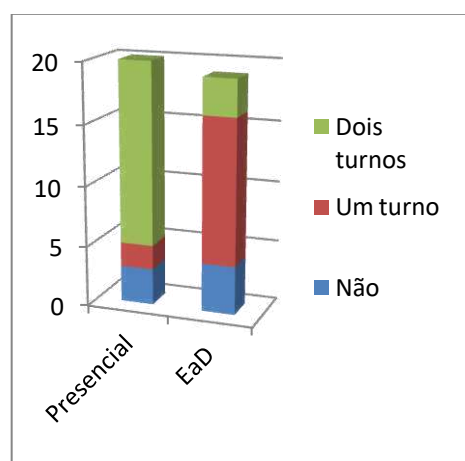
Pelos dados demonstrados, nota-se que o público das duas modalidades se faz, quase que em sua totalidade, do público feminino. O público da EaD é formado por uma clientela mais heterogênea no que tange a idade, enquanto os alunos do ensino presencial são, em sua maioria, jovens de até 25 anos. Portanto, os discentes da EaD apresentam uma idade mais avançada. Se comparados com o Censo ABED 2015/2016, estes dados confirmam a preferência do público feminino pela EaD em relação aos cursos presenciais, a idade também coincide com os dados coletados para este trabalho; o Censo também coloca o público da EaD como mais velho do que o presencial. É preciso lembrar que o Censo ABED não contempla apenas os cursos de Pedagogia, mas sim todos os cursos disponibilizados em EaD.

Gráfico 6 - Renda Pessoal dos discentes



Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

Gráfico 7 - Renda Pessoal dos alunos



Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

Outro ponto importante foi a renda pessoal. O público da EaD tem uma renda ligeiramente mais alta do que o do presencial, apesar de ter turnos trabalhados menores. Podemos concluir destes dados que o público do presencial é mais jovem e com uma carga horária de trabalho maior. Os alunos EaD são mais velhos e têm cargas horárias mais amenas, mesmo com uma renda pessoal maior, o que pode se explicar com o fato de que a maioria deles constitui família, o que possivelmente complementa sua renda, enquanto os alunos do presencial tem apenas sua própria renda. O Censo ABED 2015/2016 não faz menção à renda pessoal dos alunos da EaD, assim como o Censo 2014, que são as duas fontes mais confiáveis neste sentido. O INEP não apresenta dados a este respeito. Logo, se percebe que os públicos das modalidades são diversos e não concorrem dentro da mesma universidade.

Em relação às respostas dadas ao questionário aberto, nota-se que os alunos do ensino presencial têm restrições com o Ensino a Distância pois, de forma geral, colocam três questões como críticas: a necessidade de disciplina, seriam cursos só para se obter diploma, e a interação, para eles, inexistente entre professor e aluno. Frases como "... não fiz e não faria, pois tenho grande dificuldade de concentrar em computadores." (Aluno P15), "...não vejo nenhum benefício na aprendizagem, gosto de poder argumentar na aula e na EaD não tenho isso." (Aluno P12) e "Eu nunca fiz, mas faria pelo diploma apenas." (aluno P1), demonstram que o aluno da modalidade presencial busca uma relação direta com os professores e a própria instituição, inclusive no que tange à tutela de suas atividades, já que alguns não se consideram aptos a se disciplinar para o curso a distância. O Professor 1 EaD também abordou esta questão

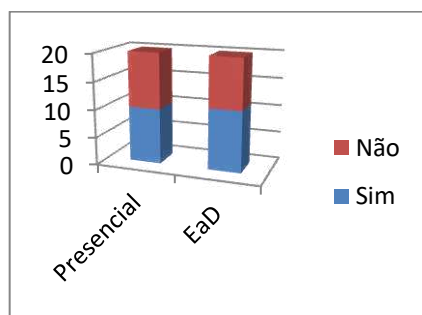
A gente tem uma escola que pega o aluno pela mão e leva o aluno. Presencial tem essa possibilidade, o aluno da EaD não tem. Um aluno da EaD, além da condição de inteligência cognitiva, ele tem que ter disciplina, ele tem que ter vontade que ele está sozinho para fazer. Ele vai ter o professor em alguns momentos da tirar suas dúvidas, mas é ele quem vai atrás. Como eu disse pro professor na avaliação do MEC, ele falou assim: professora a senhora está me falando uma coisa muito interessante porque a gente passa a vida indo atrás do aluno a senhora está trazendo uma realidade que o aluno que vem atrás da senhora. Exatamente, a gente inverte isso. Então eu acho que é a diferença está aí talvez no perfil. Acho que não são todos os alunos que pode fazer EaD, não são todas, que as pessoas que não têm uma disciplina, que elas não consegue acompanhar mas eu vejo possibilidade de qualidade nos dois.(Professor 1 EaD)

Os alunos da EaD colocam que a disponibilidade de horário e a flexibilidade são características positivas da modalidade. Destacam-se frases como "...permite estudar sem locomover-se para uma instituição todos os dias..."(Aluno E2), "É uma oportunidade de estudar, conciliando trabalho, filhos, casa e estudo."(Aluno E5) e "...estou fazendo pela facilidade e o conforto e o comodismo de estudar em casa." (Aluno E10). Estes trechos demonstram que a flexibilidade no tempo e a não necessidade de deslocamento contam como vantagens para os alunos EaD, mesmo que pela pesquisa socioeconômica eles trabalhem menos tempo fora do que os alunos do presencial. Os alunos da EaD também colocaram a importância da questão financeira, já que, nessa instituição, o curso EaD é mais barato do que o presencial.

Outro ponto de relevância, neste sentido, é a forma com que os discentes pesquisados enxergam a questão da mediação. Em ambos, apenas metade dos alunos responderam, no primeiro momento, que sabiam o que era mediação. Este dado é importante, pois revela que

mesmo em fase de conclusão do curso de Pedagogia, uma parte considerável dos alunos não domina o conceito de mediação pedagógica.

Gráfico 8 - Respostas "Você sabe o que é Mediação?"



Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

Mesmo nas respostas afirmativas, a totalidade das definições frisava o papel do professor no processo de mediação. O docente seria o único responsável pela mediação que estaria ligada ao contato e à relação entre ele e o aluno. Respostas como "processo de professor e aluno" (aluno P4), "..., são intervenções que os professores fazem com os conteúdos..." (aluno P10), "... é o que o professor faz para o desenvolvimento do processo..." (aluno P11), "É a mediação professor-aluno..." (aluno E2), "ajuda do professor ao aluno..." (aluno E6), "o auxílio recebido pelo docente na aprendizagem" aluno P13". Estes trechos reforçam a visão da centralidade do professor no processo de mediação. A representação social dos alunos que afirmam saber o que é mediação relaciona-se com a centralidade do professor no processo de mediação.

Pela análise dos questionários, considera-se que os alunos da modalidade Educação a Distância não percebem a presença da mediação pedagógica em sua realidade, pois possuem uma visão de que ela só é possível na educação presencial. Para entender essa afirmação é preciso buscar as visões que estes alunos têm sobre a educação em geral e as diferenças entre educação a distância e educação presencial. Para estes alunos, é essencialmente um curso on-line. Não há menção alguma a qualquer tipo de definição teórica mais complexa acerca do assunto, nem mesmo a ideia de que a educação a distância pode ser realizada em outras plataformas. Interessante perceber que apesar de seus alunos estarem realizando o curso há mais de dois anos, eles não tenham uma definição mais significativa sobre a EaD.

Neste caso, diferentemente dos docentes quando consideramos a formação na modalidade presencial, temos pessoas em um processo de formação dentro da modalidade a distância que não a percebem em sua complexidade. Se considerarmos autores já citados neste

trabalho como Levy (1999), Vani Kenski (2013) e Masetto (2000), nota-se que existe uma lacuna no conhecimento e reflexão teórica dos alunos acerca da modalidade em que estão realizando sua formação.

Percebe-se que esses alunos de alguma forma passaram pelo processo de mediação na EaD, mesmo que eles não tomem consciência de que ele ocorreu em sua própria formação, esta lacuna evidencia-se com as respostas apresentadas pelo corpo discente. Os autores citados mostram diversas possibilidades de interação e de diálogo dentro das plataformas e da estrutura dos cursos da Educação a Distância. O próprio Moore (1989), durante a década de 1980, já evidenciava essas formas de interação, mesmo sem toda a tecnologia proporcionada pelo avanço do acesso à internet.

Os trechos a seguir apontam nesta direção "A EaD é uma modalidade de graduação on-line. [...] ele tem um custo menor [...] permite esudar sem locomover-se todo dia." (Aluno E2), "ter o compromisso de estudar, mas não ter a obrigação de comparecimento diário na instituição." (Aluno E6), "É um curso feito normalmente via internet" (Aluno E7), "EaD é um estudo on-line, com professor tutor e tudo é realizado através de uma plataforma" (Aluno E12), "apresenta benefícios como o baixo custo a flexibilidade de horário." (Aluno E18).

Por meio das falas citadas é possível notar que a visão de Educação a Distância está ligada necessariamente à internet e também à utilização do tempo. Como foi demonstrado nos dados sócio-demográficos dos alunos da EaD, eles têm uma idade maior, renda pessoal maior e, em sua maioria, trabalham por pelo menos um turno, logo a utilização do tempo aparece nos questionários como algo importante. É evidente que por realizarem um curso que se utiliza da internet como ferramenta, os alunos vejam a utilização da mesma como forte, mas é necessário lembrar que existem outras formas de realizar EaD, mesmo que em minoria.

Outro ponto que chama à atenção ao se verificar os discursos produzidos pelos discentes da EaD é a ideia de que estão sozinhos no curso. Mesmo que a instituição ofereça meios de comunicação entre alunos e professores, o que é, inclusive, citado nas falas, os alunos acabam sentindo-se solitários no processo ensino aprendizagem e quando falam da educação presencial expõem a presença física do professor como um fator de superioridade na educação presencial em relação à educação a distância.

Novamente, é preciso lembrar que com os recursos como material didático, como demonstrado por Malman (2010), e das TICs, abordadas por Slomski (2016), podem-se estabelecer relações do aluno com professor, com o conhecimento e com outros alunos. Desta forma, a sensação de abandono demonstrada por estes alunos pode ser fruto da ideia de que só

a presença física do professor pode auxiliar no processo de aprendizagem, visão que se demonstra equivocada quando se nota a existência dos recursos aqui referidos.

As falas seguintes demonstram este aspecto "o aluno é largado a própria sorte" (Aluno E3), "dependemos de nós mesmos" (Aluno E4), "é difícil, pois se obtém poucas informações" (Aluno E6), "a informação sobre a disciplina estudada fica incompleta" (Aluno E7), "o aluno estuda sozinho, se vira pra aprender, não tem apoio." (Aluno E10), "o aluno é seu único incentivador" (Aluno E13).

Novamente pode-se ligar essa discussão à questão da mediação, mesmo que os alunos não estivessem, neste momento do questionário, abordando este assunto. Ao se referirem ao "abandono" que sentem ao realizar seu curso, demonstram que percebem o processo ensino aprendizagem apenas com a participação direta do professor, não considerando outros modelos de mediação existentes na Educação a Distância. Ao colocarem que na educação presencial aprende-se mais, nos revelam pensamento limitado acerca do processo de mediação pedagógica na própria modalidade em que realizam sua formação.

Os alunos da modalidade presencial, de acordo com os questionários respondidos, demonstram a visão de que a modalidade presencial é mais eficiente e gera mais conhecimento que a modalidade EAD. É relevante notar que a justificativa para essa visão está ligada a dois fatores principais: ação do professor e interação com os colegas.

Ao se referir à ação do professor, os alunos do presencial têm uma especial preocupação com o "tirar dúvidas", revelando que esta seria a vantagem do ensino presencial em relação à EaD. As falas mostram a crença de que a relação mais próxima com professor produz resultados melhores. Desta forma, acreditam que há um processo ensino aprendizagem melhor do que os alunos da modalidade a distância possuem. Neste caso, a concepção de que o ensino presencial é melhor é bem exposta e justificada pela presença do professor, sempre pronto para perceber e sanar qualquer tipo de dificuldade ou dúvida.

É interessante perceber que a função do professor é vista pelos alunos de maneira simplificada, é preciso considerar que se discute aqui com autores como Libâneo, Gauthier e Martins a visão de um professor-mediador que intervém no processo ensino aprendizagem, possibilitando autonomia para o aluno na construção do conhecimento historicamente realizado, inclusive, inserido nele. Portanto, esta função é colocada como forma de eficiência no "tirar dúvidas".

As falas a seguir demonstram esta visão "acredito que o presencial com a ajuda do professo é mais aproveitado" (Aluno P2), "no curso presencial o professor pode haver um

conhecimento do aluno" (Aluno P3), "a possibilidade do aluno [...] tirar dúvidas está simultaneamente no curso presencial, e não no curso a distância." (Aluno P5), "você está todos os dias na faculdade e pode tirar suas dúvidas com o professor toda hora" (Aluno P6), "se você tem o professor a sua disposição eliminar as dúvidas fica bem mais fácil." (Aluno P9), "no presencial temos apoio quando precisamos" (Aluno P14), "o professor não está presente (na EaD) ficaria mais difícil de retirar dúvidas." (Aluno P16), "o presencial nos possibilita muito mais informação, discussão e tirar as dúvidas" (Aluno P18).

É interessante perceber que essa ideia aproxima-se da visão dos alunos da EaD ao relatarem em suas respostas que estariam sós em seu processo de formação. É perceptível que os alunos da modalidade presencial têm mais confiança nos resultados de sua modalidade e acreditam que seu processo de mediação é melhor, mesmo que isso não se embase em resultados práticos ou científicos. A maioria desses alunos, na verdade, nunca teve experiências na Educação a Distância.

Outro ponto colocado pelos alunos da modalidade presencial é que a interação com os colegas traz mais aprendizados e exemplos da prática. Estas falas partem do pressuposto de que essa interação não exista na Educação a Distância, o que pode ser contestado pela existência fóruns, *chats* e outros recursos de interação entre as pessoas, possibilitados pelas plataformas da EaD. É evidente e importante considerar que os alunos da EaD já tiveram experiências no ensino presencial em sua formação, o que não ocorre com os alunos do presencial em relação a EaD, como demonstrado pelos questionários. Deste modo, estes alunos não têm conhecimento prático na Educação a Distância e seu processo, demonstrando visões inspiradas em experiências de outras pessoas ou de suposições.

A mediação é vista pelos discentes de ambas as modalidades como uma relação entre professor e aluno que só pode ocorrer de forma presencial. Quando respondem à pergunta, após a citação da definição de Libâneo citada anteriormente, sobre a mediação na EaD e presencial, os alunos de ambas as modalidades respondem que é difícil ou impossível que a mediação ocorra na EaD, já que não há o contato direto com o professor. Neste ponto, destacam-se frases como "... no curso a distância acredito que não acontece, devido ser na maioria das vezes vídeo-aula." (aluno P2), "... no curso presencial, o professor está mais presente e pode mostrar e mediar seus alunos com mais propriedade." (aluno P17), "no curso à distância, acho que é difícil ocorrer essa mediação pois o professor não tem muito contato com o aluno." (aluno P8). As respostas dos discentes indicam que eles veem a mediação como possível apenas no curso presencial.

Este conceito apresentado pelos alunos coaduna-se com o apresentado por uma parte dos professores que concorda com a ideia de que a educação presencial possibilita, por meio da interação física entre professor e alunos, melhores condições de aprendizado, acompanhamento e mediação. Esta ideia relaciona-se com Kenski (2015) quando coloca que

A educação a distância ainda não é bem aceita entre dirigentes e educadores. Eles a consideram viável apenas como forma supletiva de ensino, para estudantes que não conseguem se deslocar até as instituições de ensino superior, presenciais. Entre os estudantes dos cursos presenciais há também atitudes preconceituosas em relação a EaD. (KENSKI, 2015, p. 145)

Desta forma, mesmo que não existam evidências unânimes sobre a eficácia da EaD, ainda existem visões e representações, como no caso dos docentes entrevistados, de que o processo ensino aprendizagem é, de alguma forma, beneficiado pela presença física do professor. As falas explicitam, também, a centralidade do professor no processo ensino aprendizagem e, por isso, percebem a ausência física do professor como um defeito. A EaD possui ferramentas que possibilitam contato direto com o aluno por meio das TICs, Mallman (2010) e Slomski (2016), citados anteriormente neste trabalho, colocam a questão da mediação por meio das tecnologias e do material didático, assim, a presença física do professor não seria estritamente necessária. Logo, não há bases para sustentar as afirmações feitas pelos alunos. Deve-se lembrar que, assim como os professores, a experiência destes alunos também foi a do presencial, sendo a experiência escolar e formativa formada de acordo com esta modalidade.

O conceito de mediação não era conhecido por metade dos discentes que responderam o questionário, logo se pode definir que ele não se constitui como um objeto de representação social, o que não impede que emitam opiniões acerca do conceito quando apresentados a uma breve definição. Revendo os critérios definidos por Moscovici e citados por Chamon e Chamon (2007) para caracterizar um objeto social de representação, nota-se que não há a dispersão da informação, na medida em que os discentes não reconhecem o conceito de mediação; não há focalização, uma vez que não existe interesse do grupo sobre o tema e também não há a pressão da inferência, já que os discentes não estabelecem condutas e discursos sobre a mediação.

Contudo, pode-se perceber que tanto os alunos da educação presencial quanto da EaD possuem uma representação social sobre a relação entre professores e alunos nas duas modalidades, quando falamos sobre a eficiência da Educação presencial e a distância. Os alunos têm a representação de que a educação presencial é mais eficiente devido à presença física do professor e sua disponibilidade para ajudar com determinadas dificuldades. É

interessante ponderar que essa representação está ligada à ideia de mediação que metade dos alunos afirma não conhecer. Por se tratar de alunos em fase de conclusão, destaca-se o fato de que os alunos não conhecem o conceito, mas o representam de alguma forma mesmo que de maneira inconsciente, ou seja, percebem que ocorrem tipos de interação e que elas afetam a construção do conhecimento.

Outro destaque importante para a reflexão sobre os discursos apresentados pelos alunos nos questionários é tentar entender qual é a origem desta representação e valorização da presença física do professor. Destaca-se ausência de uma definição científica ou próxima dela do que é mediação, mesmo quando estes alunos estão próximos de concluir seus cursos. De qualquer forma, eles percebem algum tipo de relação.

A partir daí pode-se inferir duas origens: A formação desses alunos também ocorreu de maneira tradicional e, logo, seus valores e significados acerca do processo educacional foram gerados na modalidade presencial de forma que os alunos da mesma ainda não percebem como ocorrem as relações na educação a distância. Não se pode ignorar, no entanto, que esse processo não foi evidenciado durante o curso. Ele pode ter influenciado na ausência de definições e percepções acerca da mediação representada por esses alunos, mesmo que sem a denominação do conceito, como uma relação próxima entre professor e aluno.

Outro fator que, possivelmente origina esta representação, é a influência dos professores que, por sua vez, representam a mediação como mais efetiva no ensino presencial. Deve-se destacar que para Moscovici (2007) a representação social orienta comportamentos. Desta forma, esta visão é colocada mesmo que de forma inconsciente para os alunos concluintes por terem uma formação influenciada pela representação do corpo docente. Gauthier e Melouki (2004) explicitam que os mediadores transmitem também orientações e visões baseadas em suas ideologias e inseridas historicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente discussão ocorreu em torno da temática da EaD e da educação presencial no sistema educacional brasileiro. O Ensino Superior brasileiro comporta as duas modalidades, mesmo que a educação presencial tenha mais tempo de duração. A EaD existe, no Brasil, desde a metade do séc. XX, com o uso de recursos como o rádio, porém com o avanço proporcionado pela internet foi possível ampliar a modalidade e torná-la parte do sistema educacional brasileiro, em especial, no curso superior. Dentro deste contexto, a EaD forma diversos profissionais, entre eles, professores. Neste sentido, o curso de Pedagogia é privilegiado no campo da formação de professores, já que se ocupa de questões relativas à educação como a própria natureza do curso. Pela legislação, ele pode formar professores para todos os setores do ensino.

Ao se tratar de educação, é importante lembrar a importância do processo de mediação no contexto educacional. A mediação é um conceito desenvolvido por Vygostky que aponta a construção de conhecimento mediada por elementos resultantes da vivência da pessoa como a linguagem e aprendizagens anteriores. Por isso, é essencial que a considere no processo educativo também. Na área da educação, os autores demonstram que o processo de mediação pode ser planejado e incentivado para que o processo de ensino torne-se mais efetivo.

Assim, a participação do professor é importante no sentido de nortear as formas de mediação, porém a interação direta com o aluno não é a única forma de mediação. Afinal, vários elementos podem interferir na construção do conhecimento. Este fator é privilegiado na educação a distância, já que ela necessita necessariamente de outros meios que não a presença física do professor para realizar o processo de mediação. Esses meios podem ser recursos audiovisuais, materiais impressos, plataformas on-line, além da comunicação entre alunos, docentes e tutores. As representações sociais, ao serem identificadas, demonstram uma forma efetiva de entender o sistema de crenças, valores e orientações de comportamento do grupo dos docentes entrevistados assim como dos discentes.

A teoria permitiu a este estudo identificar que os docentes da universidade pesquisada acreditam que a ideia de mediação está relacionada à relação entre professor e aluno e que ela é mais efetiva quando ocorre com a presença física do professor. Interessante notar que os alunos da instituição também tinham esta noção de mediação, logo se percebe que a educação presencial, mesmo sem evidências científicas, é considerada de alguma forma superior à modalidade a distância pelos participantes desta pesquisa. Considera-se que todos esses

participantes, quando nos referimos aos docentes, tiveram um processo de formação básica e superior centrado na educação presencial. Suas experiências com a escola antes do campo profissional foi nesta modalidade, eles apontam que esta seria uma educação ideal. Essa relação entre a formação dos docentes e suas representações é importante para se analisar a forma com que essas representações foram construídas. Em alguns momentos, percebe-se que os docentes da educação a distância defendem a modalidade, demonstrando questões relativas à autonomia do aluno, o que é visto de forma negativa por docentes da educação presencial, que consideram o aluno da educação a distância abandonado ou isolado do sistema educacional.

Em relação aos discentes, nota-se que existe uma diferença significativa em relação ao público, conclusão possível com a análise dos questionários socioeconômicos. Percebe-se que o público da EaD na universidade em questão é diferente do presencial, o que aponta para a conclusão de que se trata de outro perfil de alunos. Os alunos da EaD são mais velhos e possuem uma renda familiar maior, enquanto o público presencial é mais novo e tem uma experiência profissional menor. Estes dados demonstram que o mesmo curso oferecido em modalidades diferentes na mesma universidade não tem, necessariamente, uma concorrência entre modalidades.

Pela análise dos dados, conclui-se que os alunos não possuem uma ideia clara do que é mediação ou mesmo mediação pedagógica. Este fato causa estranheza, já que os discentes entrevistados estão cursando o último ano do curso de Pedagogia e teoria vygotskyana é parte essencial para o entendimento de como ocorre o processo ensino aprendizagem. Este conhecimento também possibilitou a conclusão de que a mediação não constitui um objeto de representação social para os discentes da universidade, pois eles desconhecem o conceito por completo, logo não podem representá-lo.

Quando foram apresentados ao conceito por meio de uma definição de Libâneo (1998), os alunos passaram a expor suas ideias ligadas à relação entre professor e alunos. Mais uma vez, percebe-se a valorização da presença física. Na EaD, esta relação ficaria prejudicada de acordo com os alunos das duas modalidades. É interessante apontar que esta visão ocorre tanto com alunos como com professores, mesmo que não sejam citadas fontes científicas ou experiências que comprovem ou exemplifiquem como se daria esta relação.

Finalmente, pode-se colocar que o conceito de mediação é essencial para desenvolver o aprendizado e é especialmente importante para o desenvolvimento de novas técnicas e aproveitamento de possibilidades que a tecnologia oferece. Para isso, é preciso que os

docentes possuam formação e até mesmo vivências significativas na área de EaD para que possam compreender de fato como ocorrem estes processos e possam planejar e aplicar planos que possibilitem situações de mediação e aprendizado.

É preciso atentar para o fato e para a necessidade de se repensar estratégias e projetos de ensino para que os cursos oferecidos na formação de professores contemplem questões essenciais como a da mediação pedagógica, uma vez que, pelos dados obtidos pelo trabalho, os alunos não possuem um conhecimento direto deste conceito. Se não conhecem esta teoria, podem apresentar dificuldades ao exercer a mediação dentro de sua atuação profissional na docência.

Finalmente, se entende que é necessário para as duas modalidades buscar formas de interação entre todos os atores participantes do processo ensino aprendizagem, ambas possuem uma série de possibilidades neste sentido e podem complementar-se neste caminho, apresentando soluções uma à outra sem a ideia de superioridade e, sim, de cursos de qualidade ainda que em modalidades diferentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Zi; SILVA, M. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia** (Ribeirão Preto), n. 2, p. 61-69, 1992.

ANASTASIOU, L et al. **Estratégias de ensinagem**. Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula, v. 3, p. 67-100, 2004.

ARRUDA, Â. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, v. 117, n. 127, p. 127-147, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Censo EaD Brasil 2014**. Disponível em:
<www.abed.org.br/site/pt/midioteca/censo_EaD/1342/2015/.../censoEaD.2014/2015> .
Acesso em: 15 maio 2016

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Censo EaD Brasil 2015/16** . Disponível em:
<http://www.abed.org.br/site/pt/midioteca/censo_EaD/1395/2016/09/censoEaD.br_-_2015/2016> . Acesso em: 16 maio 2017

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATES, T. Educar na Era Digital: design, ensino e aprendizagem. São Paulo: Artesanato Digital, 2016.

BEHAR, P ; KONRATH, M; TAROUCO, LR.. Competências: desafios para alunos, tutores e professores da EaD. **RENOTE**, v. 7, n. 1, 2009.

BELLONI, M. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. **Educação & sociedade**, v. 23, n. 78, p. 117-142, 2002.

BRASIL, **Decreto 5622/2005**, que regulamenta Art.80 da Lei nº 9.394/1996. Disponível em:
< [Decreto/D5622.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2005/D5622.htm)> .Acesso em: 15 maio 2016

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 1,11 de Março de 2016. Estabelece **Diretrizes e Normas Nacionais para a Oferta de Programas e Cursos de Educação Superior na Modalidade a Distância**, 2016.

BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União nº 100. Brasília, DF, 16 maio 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei 9394 **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 maio 2016

BRITO, Rosa Mendonça de. Breve Histórico do Curso de Pedagogia no Brasil. **Dialógica. Revista Eletrônica da Faced**. V.01.n.01. 2006.

CAMARGO, B; JUSTO, A. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAMINO, L; TORRES, A R. Origens e desenvolvimento da Psicologia Social. CAMINO, Leoncio (et al.). **Psicologia Social: temas e teorias**. Brasília: Technopolitik, p. 23-99, 2011. CHAMON, E. Campo: Contribuições da Teoria das Representações Sociais. **Textos e Debates em Representação Social**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014.

CHAMON, E.; CHAMON, M. **Representação social e risco: uma abordagem psicossocial**. In: E. CHAMON (org.), *Gestão de organizações públicas e privadas: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro, Brasport, p. 103-141, 2007.

CHAMON, EMQO; MORAES, PM. A representação social do risco em atividades potencialmente perigosas. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 243-252, 2011.

CRESWELL, J. Procedimentos qualitativos. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**, v. 2, 2007.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A qualidade da educação brasileira como direito. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 129, p. 1053-1066, 2014.

FARIA, A; SALVADORI, A. A educação a distância e seu movimento histórico no Brasil. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, v. 8, n. 1, 2010.

FERREIRA, N. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

FONTANA, R. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 3ed São Paulo: Autores Associados, 2000.

GARRISON, R. Theoretical challenges for distance education in the 21st century: A shift from structural to transactional issues. **The International Review of Research in Open and Distributed Learning**, v. 1, n. 1, 2000.

GATTI, B. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Unesco Representação no Brasil, 2009.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos: coleção pesquisa qualitativa**. Bookman Editora, 2009.

GUARESCHI, P; ROSO, A. Teoria das Representações Sociais - sua história e seu potencial crítico e transformador. In: CHAMON, E. M. Q. O.; GUARESCHI, P. A.; CAMPOS, P. H. F. C. (Orgs.). **Textos e debates em representação social**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

JODELET, D. Représentations sociales: um domaine em expansion. In: _____. Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989, p.31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. UFRJ – Faculdade de Educação, dez. 1993.

KENSKI, V. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista diálogo educacional**, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 47-56, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e Internet no Brasil. **Cad Adenauer XVI**, v. 3, p. 133-50, 2015.

LAKATOS, E; MARCONI, M. **Fundamentos de pesquisa metodológica científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEMGRUBER, M. **Educação a Distância**: para além dos caixas eletrônicos. Pernambuco. Anais do 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, p. 73, 2008.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora, v. 34, 1999.

LIBÂNEO, J. C.. **Adeus professor, adeus professora?**: novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, J. C.. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, n. 17, p. 153-176, 2001.

LITTO, F. Infrações que prejudicam a imagem da EaD. **Educação a Distância**: o estado da arte, v. 2, p. 367-373, 2011.

MAGALHÃES, M.C.C. O método para Vygotsky: A zona proximal de desenvolvimento como zona de colaboração e criticidade criativas. In: SCHETTINI, R.H.; DAMIANOVIC, M.C.; HAWI, M.M.; SZUNDY, P.T.C. (Orgs.) **Vygotsky**: Uma revisita no início do século XXI. 1a ed. São Paulo: Andross, 2009. p.53-78.

MALLMANN, E. M. Mediação pedagógica em educação a distância: inovação na docência universitária no processo de elaboração de materiais didáticos. **Revista Iberoamericana de Educación a distancia**, 2010.

MARTINS, C. O ensino superior brasileiro nos anos 90. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 1, p. 41-60, 2000.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediação: tecendo encontros sensíveis com a arte. **ARTEunesp**. São Paulo, v. 13, p. 221-234, 1997.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, JM; MASETTO, MT e BEHRENS, MA **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 14ª ed. Campinas: Papyrus, 2000.

MELLOUKI, M; GAUTHIER, C. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. **Educação e Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 537-571, 2004.

MILL, D; FIDALGO, F. Uso dos tempos e espaços do trabalhador da educação a distância virtual: produção e reprodução no trabalho da Idade Mídia. **Cadernos de Educação**, n. 33, 2009.

MOORE, M. Three types of interaction. **The American Journal of Distance Education**, 3 (2), p. 1-6, 1989.

MOORE, M; KEARSLEY, G; A DISTÂNCIA, Educação. **Uma visão integrada**. Tradução por Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAN, JM. **Contribuições para uma pedagogia on-line** In: SILVA, Marco. Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. Edições Loyola, p.39-50, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, L.M.P. de; MORAES, M. C. Educação a distância: novas perspectivas à formação de educadores. In: **Educação a distância**: fundamentos e práticas. Campinas: UNICAMP, NIED, 2002.

OLIVEIRA, RP. **A transformação da educação em mercadoria no Brasil**. Educação & Sociedade, v. 30, n. 108, 2009.

PISACCO, N. M. T. **A mediação em sala de aula sob a perspectiva de Feuerstein**: uma pesquisa-ação sobre a interação professor-aluno-objeto da aprendizagem. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil, 2006.

SÁ, C. P. **A Construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SARTORI, A; ROESLER, J. Mediação pedagógica na educação a distância: entre enunciados teóricos e práticas construídas. **Revista Diálogo Educacional**, v. 8, n. 24, 2008.

SAVIANI, Dermeval. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal**: marxismo e educação em debate, v. 7, n. 1, p. 26-43, 2015.

SAVIANI, D. A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. **Póiesis Pedagógica**, v. 8, n. 2, p. 4-17, 2010.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Autores Associados, 2007.

SCHNITMAN, I. M. Mediação pedagógica o sucesso de uma experiência educacional online. **Educação Temática Digital**, v. 12, p. 287, 2011.

SGUISSARDI, V. Educação Superior no Brasil. Democratização ou massificação mercantil?. **Educação & Sociedade**, v. 36, n. 133, p. 867-889, 2015.

SILVA, E; MENEZES, E. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

SLOMSKI, V et al. Tecnologias e mediação pedagógica na educação superior a distancia. **Journal of Information Systems and Technology Management: JISTEM**, v. 13, p. 131, 2016.

SZYMANSKI, H; ALMEIDA, L; PRANDINI, R. Perspectivas para a análise de entrevistas. In: SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. 4.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011.

TARCIA, R. L. Competência docente para o uso das novas tecnologias: estratégia de um espaço virtual de aprendizagem. *Educación y Futuro: Revista de investigación aplicada y experiencias educativas*, n. 11, p. 83-88, 2004.



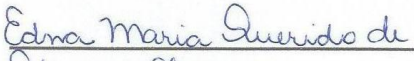

TARCIA, RL; CABRAL, ALT. O novo papel do professor na EAD. **Educação a Distância: o estado da arte**, v. 2, p. 148-153, 2011.

TURRA, NC. Reuven feuerverstein: “experiência de aprendizagem mediada: um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural”. **Educere et Educare**, v. 2, n. 4, p. 297-310, 2007.

VILLAS BÔAS, L; SOUSA, C. **Apontamentos sobre a questão da historicidade no estudo das representações sociais**. In: SOUSA, Clarilza Prado de, et al (orgs.). *Representações sociais: estudos metodológicos em educação*. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2011, p. 35-51.

VYGOSTKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

APÊNDICE I - OFÍCIO

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: MEDIACÃO E EAD: um estudo sobre as representações dos atores da educação presencial e a distância			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 58			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: DAVID VIEIRA CARNEIRO			
6. CPF: 105.556.627-99	7. Endereço (Rua, n.º): ANTONIO DELGADO DA VEIGA, 157 BARRANCO ap. 32 TAUBATE SAO PAULO 12041080		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 12991171721	10. Outro Telefone:	11. Email: davidvcarneiro@bol.com.br
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>08</u> / <u>11</u> / <u>2016</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade de Taubaté	13. CNPJ: 45.176.153/0001-22	14. Unidade/Orgão:	
15. Telefone: (12) 3635-1233	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável:	 CPF: <u>051.079.378-96</u>		
Cargo/Função:	 Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon Coordenadora do Mestrado Profissional em Educação		
Data: <u>08</u> / <u>11</u> / <u>2016</u>		Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

APÊNDICE II – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO



Universidade de Taubaté
Autarquia Municipal de Regime Especial
Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/76
Reacredenciada pelo CEE/SP
CNPJ 45.176.153/0001-22

Pró-reitoria de Graduação
Av. Nove de Julho, 245, Centro, Taubaté-SP
Cep: 12020-200
Tel: (12) 3633-4219/4231 | fax: (12) 3621-3270
e-mail: prg@unitau.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Com o fim de subsidiar a pesquisa intitulada "Mediação e EAD: um estudo sobre as representações dos atores da educação presencial e a distância", que vem sendo realizada pelo aluno David Vieira Carneiro, do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté, e após análise do conteúdo do projeto de pesquisa, autorizo a realização, pelo mestrando, de entrevistas com 9 (nove) docentes e 20 (vinte) discentes em fase de conclusão que atuam nesta Universidade, sendo mantido o anonimato da Instituição e das pessoas entrevistadas.

Os envolvidos deverão ser devidamente esclarecidos sobre a finalidade da entrevista antes do início.

Taubaté, 24 de janeiro de 2017.


Profa. Dra. Nara Lucia Perondi Fortes
Pró-reitora de Graduação

APÊNDICE III - Instrumento de Coleta de Dados - Docentes**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PROFESSORES DO CURSO DE PEDAGOGIA****INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE VOCÊ**

1. Qual é o seu gênero?

1. Masculino
 2. Feminino

2. Qual a sua idade em anos completos?

1. de 18 a 25 anos
 2. de 26 a 35 anos
 3. de 36 a 45 anos
 4. mais de 45 anos

3. Qual é o seu estado civil?

1. Casado
 2. Solteiro
 3. Viúvo
 4. Separado/ Desquitado/Divorciado
 5. Vive maritalmente

4. Qual é a sua renda pessoal?

1. Entre 1 a 3 salários mínimos
 2. Entre 3 e 5 salários mínimos
 3. Entre 5 e 10 salários mínimos
 4. Entre 10 e 15 salários mínimos

5. Você trabalha em outras IES com EaD?

1. Não trabalho
 2. Eu trabalho com EaD em outras IES

6. Você trabalha em outras IES em cursos presenciais?

1. Não trabalho
 2. Eu trabalho com cursos presenciais em outras IES

7. Em quantas IES você trabalha?

1. Trabalho apenas em uma
 2. Trabalho em duas
 3. Trabalho em mais que duas

8. A quanto tempo exerce a docência em curso superior presencial?

1. Não exerço
 2. Entre 1 e 5 anos
 3. Entre 5 e 10 anos
 4. Entre 10 e 15 anos
 5. Mais de 15 anos

9. A quanto tempo exerce a docência em curso superior na modalidade a distância?

1. Não exerço
 2. Entre 1 e 5 anos
 3. Entre 5 e 10 anos
 4. Entre 10 e 15 anos
 5. Mais de 15 anos

10. Utiliza algum tipo de recursos tecnológicos em suas aulas?

1. Não

2. Sim. Quais? () Power Point () Áudio Visual () redes sociais. Outros: _____

QUANTO À SUA ESCOLHA PROFISSIONAL

11. Porque você escolheu ser professor do curso de Pedagogia?

12. O que pra você é um curso de Pedagogia de qualidade?

SOBRE MEDIAÇÃO

13. Quais são os desafios que você encontra no dia a dia na relação professor-aluno?

14. Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância de um curso de Pedagogia presencial?

15. Acha que o processo de ensino aprendizagem é o mesmo no curso de Pedagogia presencial ou à distância? Por quê?

16. O que é para você mediação pedagógica? Ela é importante? Por quê?

17. Em sua opinião, a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso a distância? Em que consiste essa diferença?

18. Fale sobre as dificuldades encontradas para desenvolver o papel de mediador - professor.

19. Em sua opinião, quais os desafios para construirmos cursos de Pedagogia de qualidade?

**MUITO OBRIGADO PELA SUA
PARTICIPAÇÃO**

APÊNDICE IV - Instrumento de coletas de dados - Discentes

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DE CURSOS DE PEDAGOGIA

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE VOCÊ

1. Gênero

1. Masculino
 2. Feminino

2. Qual a sua idade em anos completos?

1. 18 a 25 anos
 2. 26 a 35 anos
 3. 36 a 45 anos
 4. 46 a 55 anos
 5. 55 a 65 anos
 6. Mais que 65 anos

3. Onde você vive?

1. Taubaté
 2. Outro Município do Vale do Paraíba
 3. São Paulo (capital)
 4. Outro município do Estado de São Paulo, fora do Vale do Paraíba
 5. Em outro Estado Qual? _____

4. Qual é o seu estado civil?

1. Casado
 2. Solteiro
 3. Viúvo
 4. Separado/ Desquitado/Divorciado
 5. Vive maritalmente

5. Qual é a sua renda pessoal?

1. Não tenho renda pessoal
 2. Entre 1 e 3 salários mínimos
 3. Entre 3 e 5 salários mínimos
 4. Entre 5 e 10 salários mínimos
 5. Entre 10 e 15 salários mínimos
 6. Mais de 15 salários mínimos

6. Quantos turnos você trabalha diariamente?

3. Não trabalho
4. Trabalho um turno
5. Trabalho dois turnos
6. Trabalho três turnos

7. Você já exerce a função de professor na rede pública ou privada?

1. Sim. Onde, que disciplinas ministra, e em que anos dá aulas? _____

2. Não
-

8. Você faz o curso de Pedagogia:

1. Presencial
2. Na modalidade a distância
-

9. Você já realizou algum curso a distância?

1. Sim. Qual? _____
2. Não

MEDIÇÃO PEDAGÓGICA

10. Quais são os desafios que você encontra no dia a dia escolar na relação professor-aluno?

11. O que é Educação a Distância? Você fez ou faria algum curso EaD? Por quê?

12. Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância de um curso de Pedagogia presencial?

13. Acha que o processo de ensino aprendizagem é o mesmo no curso de Pedagogia presencial ou à distância? Por quê?

14. Você sabe o que é mediação pedagógica?
() Não () Sim. O que é?

15. Considerando a definição:

O que se afirma é que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar. Ao mesmo tempo, o professor ajuda no questionamento dessas experiências e significados, provê condições e meios cognitivos para sua modificação por parte dos alunos e orienta-os, intencionalmente, para objetivos educativos. [...] É nisso que consiste a ajuda pedagógica ou mediação pedagógica. (LIBÂNEO, 1998, p. 27)

Em sua opinião, a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso a distância? Em que consiste essa diferença?

16. Você considera que uma aula com um professor que exerça papel de mediador é melhor ou pior? Explique sua resposta.

**MUITO OBRIGADO PELA SUA
PARTICIPAÇÃO**

APÊNDICE V - Estado da Arte

Tabela 1: Descritores encontrados no Banco de dados/CAPES

Descritor	Título	Ano	Autor	Tipo
Mediação em Educação à Distância	Mediação pedagógica em educação a distância: inovação na docência universitária no processo de elaboração de materiais didáticos	2010	MALLMAN, Elena Maria	Artigo
Mediação em Educação à Distância	Análise da usabilidade no processo de mediação pedagógica em Educação a Distância a partir da percepção da professora	2013	SILVA, Gerson André Da Silva E SANTOS, Gilberto Lacerda	Dissertação
Representações Sociais em EaD	As representações sociais dos participantes do curso Letras - Libras/EaD sobre surdos	2011	COSTA, Simone De Fátima Saldanha Carneiro Kelman	Dissertação
Representações Sociais em EaD	Cultura informacional, representações sociais e Educação a Distância: um estudo de caso da EaD na UFMG	2011	ARAUJO, Sinay Santos Silva de	Tese
Representações Sociais em EaD	As representações sociais dos professores e alunos sobre a relação ensino e aprendizagem em educação a distância na UNITINS	2009	SOUZA, Raquel Castilho Cerqueira	Dissertação
Mediação Professores Graduação	Mediação pedagógica o sucesso de uma experiência educacional online	2011	Ivana Maria Schnitman	Artigo
Mediação Professores Graduação	E-mediation: mapeamento de indícios de mediação por meio de um sistema de mineração de textos.	2012	SEVERO, Carlos Emilio Padilla	Tese
Mediação Professores Graduação	Análise da mediação em educação online sob a ótica da Análise de Redes Sociais: o caso do curso de Especialização em Gestão da Segurança da Informação e Comunicações	2013	SACERDOTE, Helena Célia de Souza	Dissertação

Descritor	Título	Ano	Autor	Tipo
Mediação Professores Graduação	Mediação Pedagógica online: análise das funções do tutor na Universidade Aberta do Brasil	2012	AMARO, Rosana	Dissertação
Mediação e tutoria	Espaço virtual de um grupo de pesquisa	2012	PRADO, Cláudia	Artigo
Mediação e tutoria	Educação a distância e tutoria: uma análise a partir das interações do tutor com o professor-formador e com o professor-cursista	2015	DE LIMA TERÇARIOL, Adriana Aparecida; GITAHY, Raquel RICIERY, Marilucia.	Artigo
Mediação e tutoria	Mediação Pedagógica online: análise das funções do tutor na Universidade Aberta do Brasil	2012	AMARO, Rosana	Dissertação
TIC e Educação a Distância	Os benefícios das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no processo de Educação a Distância (EaD)	2013	Farias, Suelen Conceição	Artigo
TIC e Educação a Distância	A Pedagogia da alternância na EaD mediada pelas TIC : uma complementaridade libertadora para a educação do campo?	2011	Souza, Natalina Pereira De	Tese
TIC e Educação a Distância	A utilização de recursos educativos digitais no ensino superior a distância: a percepção do estudante e o modo como utiliza os recursos digitais para fins educativos	2013	Barros, Daniela MelarÉVieira ; Francisco, Maria	Ata de Congresso
TIC e Educação a Distância	A importância das Tecnologias da Informação e Comunicação em cursos online: Um estudo exploratório em uma Universidade do Sul de Minas Gerais	2013	Ferrugini, Lílian	Artigo
TIC e Educação a Distância	As tecnologias de informação e comunicação como inovação no processo de formação e ação docente	2012	Carneiro Sarturi, Rosane ; Nogueira, Vanessa Dos Santos	Artigo

Fonte: Autor, 2016

Tabela 2: Descritores encontrados na base de dados/Scielo

Descritor	Título	Ano	Autor	Tipo
Mediação em Educação a Distância	A experiência de aprendizagem on-line em um curso de qualificação profissional em saúde.	2010	LAGUARDIA, Josué, CASANOVA, Ângela and MAC HADO, Rejane	Artigo
Mediação em Educação a Distância	Tecnologias e mediação pedagógica na educação superior a distancia	2016	SLOMSKI, Vilma Geni	Artigo
Mediação Professor Graduação	Interlocuções e saberes docentes em interações on-line: um estudo de caso com professores de matemática	2013	BAIRRAL, Marcelo A. and POWELL, Arthur B	Artigo
Mediação Professor Graduação	O processo dialógico de construção do conhecimento em fóruns de discussão	2012	BICALHO, Rute Nogueira de Moraes; OLIVEIRA, Maria	Artigo
Mediação e tutoria	Espaço virtual de um grupo de pesquisa: o olhar dos tutores.	2012	PRADO, Cláudia et al	Artigo
TIC e Educação a Distância	Levantamento dos temas TIC e EaD na biblioteca virtual Educ@	2015	SILVA, Ivanderson Pereira da and MERCADO, Luis Paulo Leopoldo	Artigo

Fonte: Autor, 2016

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa:“MEDIACÃO E EaD: um estudo sobre as representações dos atores da educação presencial e a distância”

Orientador:Prof. Dra. Patrícia Ortiz Monteiro

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto:“MEDIACÃO E EaD: um estudo sobre as representações dos atores da educação presencial e a distância”

Objetivo da pesquisa:Analisar as representações sociais de docentes e discentes do ensino presencial e a distância sobre a mediação na EaD.

Coleta de dados: a pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados questionário e entrevista, que serão aplicados junto a 18 (dezoito) docentes e 40 (quarenta) estudantes na cidade de Taubaté.

Destino dos dados coletados:o(a) pesquisador(a) será o responsável pelos dados originais coletados por meio das entrevistas e questionários, permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde o pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas e questionários serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado Profissional de Educação da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas e questionários. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem a mediação pedagógica na educação a Distância. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa,

para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: o investigador é mestrando da Turma 2016 do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (SP), David Vieira Carneiro, residente no seguinte endereço: Rua Antônio Delgado da Veiga, 157, Barranco, Taubaté-SP, podendo também ser contatado pelo telefone (12) 99117-1721, inclusive ligações a cobrar. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dra. Patrícia Ortiz Monteiro a qual pode ser contatada pelo telefone (12) 99117-1721. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que compõem a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pelo pesquisador, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre mediação pedagógica em Educação a Distância.

DECLARAÇÃO:

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa.

Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

LOCAL, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do Participante

Nome do Participante: _____

David Vieira Carneiro
Pesquisador(a) Responsável

Declaramos que assistimos à explicação do(a) pesquisador(a) ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha

ANEXO B – TRANSCRIÇÕES

Professor 1 EaD

**** *Prof_1 *S_Fmod_E id_4 exp_3

Porque você escolheu ser professora do curso de Pedagogia?

Professor 1 EaD: Quando eu comecei a trabalhar na educação, eu comecei básica na escola rural. E aí eu fui me encantando com a educação, fui querendo mais, querendo saber mais, fui buscando. E aí você vai indo trabalhar em todos os níveis da Educação Básica desde infantil até o médio. Entre coordenadora, coordenação e orientação educacional e professora até que chega uma hora e fui eu para educação superior. E aí fiz a minha primeira experiência, ainda não tinha mestrado mas fiz a prova de emergencial na Unitaui passei e aí entrei para dar aula na Pedagogia que é o meu campo de atuação porque eu fiz. Eu sou formada em história mas na verdade eu nunca atuei como professora de História, eu fui mesmo para área da Pedagogia até por conta da educação básica, da Coordenação, acabei ficando na Pedagogia. E aí a oportunidade que me apareceu de fazer experiência no ensino superior foi na Pedagogia e aí eu gostei muito. E aí desde 2016 eu fui trabalhando na Pedagogia quando apareceu a oportunidade de fazer mestrado, eu fiz, e era uma condição para ficar no ensino superior. Já que eu tinha gostado, eu precisava então seguir o caminho, do que era exigido pra função de professor do ensino superior aí me aposentei Educação Básica. E aí fiquei só no ensino superior e quando foi em 2010 veio o EaD.

O que pra você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 1 EaD: O curso de Pedagogia de qualidade é o que eu considero que eu fiz. Eu fiz um curso normal e depois eu fiz um curso Pedagogia então eu fiz o Magistério. Um curso de qualidade é aquele que você tem tempo de fazer com que os alunos, e que as questões, que eles pensem não só escola mas na realidade que está em que essa escola está inserida, a quem que essa escola está servindo. Que sociedade está inserida. Então eu penso que um curso de qualidade não pode trazer só as questões da Pedagogia e da sala de aula, ele tem que ampliar este conhecimento dos alunos porque senão a gente continua com professores que estão sempre respondendo os alunos: não é da minha área, isso aí não faz parte do meu trabalho. Então é um curso que vai trazer para esses alunos um questionamento, uma busca sobre as questões da educação e também que forme pessoas que saibam, como diz o Perreueud, agir na incerteza porque a sala de aula não é um lugar de brincadeira, não é um lugar fácil, na medida, em que toda hora você tem imprevistos. Ali que você tem que tomar

decisão e eu fico pensando que um curso de qualidade tem que dar essa condição para o aluno, tem que, pelo menos, trazer isso para aquele aluno, para que ele veja que aquilo ali vai ser realidade dele. Todo o planejamento é necessário mas todo planejamento que você possa ter flexibilidade nele e a pessoa do professor também tem que ser uma pessoa flexível na medida em que toda hora ela vai ter que estar mudando, trazendo coisas novas, buscando, estudando. Essa é uma outra questão que eu acho, assim, que os alunos da Pedagogia não tem muito consciência disso que a gente entende assim: nossa, ele vai ser médico ele vai ter que estudar a vida inteira então vou ser professor porque eu não preciso estudar a vida inteira e a exatamente o contrário. Eu ouvi de um aluno da segunda licenciatura história, não vou me lembrar o nome dele, ele foi seu aluno. E ele disse para mim ontem: professora, agora eu vim fazer segunda licenciatura em Pedagogia, antes de eu entrar no magistério, eu vim estudar a ciência que estuda a gente dar aula. Eu fiquei super feliz de ouvir aquilo: nossa, tem um pensa isso. Para mim, um curso de qualidade, um curso que não está restrito, um curso que amplia, um curso que traz realmente condições, que dá condições para os alunos. A gente sabe que não é fácil porque os alunos que vem também não estão querendo muito e está querendo aquilo ali, que é o arroz com feijão. Então é uma ginástica mas eu acho que esse é o curso de qualidade, tem foco na docência mas não naquela docência restrita da sala de aula. Vocês assim ensina o professor é ser professor eu acho que tem a ver com isso.

Quais são os desafios que você encontra no dia-a-dia na relação professor-aluno?

Professor 1 EaD: Eu acho que várias coisas entravam a relação professor aluno. Uma que eu considero grandiosa é que os cursos de formação de professor não ensinam os professores a trabalhar com grupos, eles ensinam professor a trabalhar com aluno, isso não é verdadeiro, na sala de aula que eu nunca tenho uma sala de aula de um aluno tem uma sala de aula de 30, de 40, de 20, de 10, mas é sempre um grupo e a nossa formação em termos grupo é muito falha. A gente não ensina isso então essa é uma questão que bate direto na relação. Outra questão que bate direto na relação, eu acho que é um pouco a falta de conhecimento do próprio professor e a falta de flexibilidade porque eu acho, assim, quando eu entro na sala de aula e aí eu estou falando, até pela minha experiência, e eu sei aquilo que eu vou dar aula, eu tenho conhecimento, eu tenho jogo de cintura para ouvir o meu aluno para discutir com ele, para aceitar o questionamento dele. Quando eu não tenho conhecimento, eu me apavoro diante das questões, o aluno principalmente no ensino superior porque aí eu não vou saber responder então aí eu antes que as coisas aconteçam, eu desarranjo tudo porque aí o aluno abre a boca eu já mando ele parar, já começa a gravar e criar um atrito é outra coisa. Falando em atrito, é que

eu acho que falta para essa relação ser melhor é o professor ter conhecimento que a escola é lugar de conflito, não adianta eu querer uma escola sem conflito. E que eu vou ser um mediador de conflitos, não tem jeito, porque eu vou trabalhar com grupo então não tem como não ter. E eu acho que a relação também se atrapalha aí. A falta de conhecimento, já falei, eu acho que é uma questão porque eu acho que o professor é essa pessoa dizer assim: ah ninguém mais é respeitado, que isso não é verdade. Professor que sabe, que dá aula, que faz uma boa aula, mesmo aluno que não gosta dele, respeita ele e mantém com ele pelo menos uma relação de respeito. Então acho que isso é muito muito importante e eu acho que tem uma questão que é questão do diálogo, do protagonismo, do aluno. Professor não está sabendo lidar com isso, não dá voz ao aluno. Aluno na nossa escola não tem voz e um agravante porque hoje ele tem voz em todo lugar. É até exagerado mas na escola ele não tem então as coisas vão ficando muito complicadas, você vai se estabelecendo ali uma relação e eu acredito que o primeiro a pessoa que tem que dar o passo primeiro para uma boa relação é professor, que ele é um adulto.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância e de um curso de Pedagogia presencial?

Professor 1 EaD: Eu acho que nem é só no curso de Pedagogia. Eu faço uma diferença entre o presencial e o à distância, mas de uma maneira geral, eu acho que nós temos uma escola, de uma maneira geral, culturalmente absolutamente paternalista. A gente tem uma escola que pega o aluno pela mão e leva o aluno. Presencial tem essa possibilidade, o aluno da EaD não tem. Um aluno da EaD, além da condição de inteligência cognitiva, ele tem que ter disciplina, ele tem que ter vontade que ele está sozinho para fazer. Ele vai ter o professor em alguns momentos da tirar suas dúvidas mas é ele quem vai atrás. Como eu disse pro professor na avaliação do MEC, ele falou assim: professora a senhora está me falando uma coisa muito interessante porque a gente passa a vida indo atrás do aluno a senhora está trazendo uma realidade que o aluno que vem atrás da senhora. Exatamente, a gente inverte isso. Então eu acho que é a diferença está aí talvez no perfil. Acho que não são todos os alunos que pode fazer EaD, não são todas, que as pessoas que não têm uma disciplina, que elas não consegue acompanhar mas eu vejo possibilidade de qualidade nos dois. Então eu acho que a diferença está aí no perfil do aluno a forma de estudar que é uma. É o aluno EaD, tem que correr mais atrás que ele vai ter menos naquele vai porque ele vai ter as situações em que se encontra com professor, não é que ele vai ter menos, mas o momento em que ele está com professor aproveitado é diferente do presencial. A gente tem pesquisas que dizem que nós, do Brasil,

somos um dos países que perdemos mais tempo em sala de aula. E na EaD, você não pode fazer isso. Tem dias para falar com ele, pede para falar com ele, você tem o fórum para falar com eles, são situações que tem que ser muito bem aproveitado tem que ser muito bem planejado e muito bem organizado, ao contrário do que muitos pensam.

Você acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo do curso de Pedagogia presencial ou à distância? Porque?

Professor 1 EaD: Eu acho que o processo de ensino aprendizagem varia de acordo com a pessoa, com a forma como ela melhor aprende, como ela melhor entende. Tem gente que lê e entende. Tem gente que tem que ler e ver o filme. Tem gente que precisa ouvir, além de tudo, professor explicando. Isto são características individuais e aí os alunos são diferentes, tanto no presencial quanto na EaD. Quanto ao processo de aprendizagem, agora eu fico pensando que a EaD, hoje, traz uma coisa nova, traz mais ferramentas, traz mais instrumentos para que a gente possa ter uma didática, talvez, mais completa que atenda a mais alunos. Eu acho que a gente ainda está engatinhando enquanto EaD mas eu também acho que esse é um caminho fantástico porque essa é a possibilidade de eu dar ao meu aluno diversos instrumentos de trabalho para ele poder construir o conhecimento dele. O presencial ainda está muito preso na fala do professor, no livro que está impresso, e ainda está muito preso no caderno que o aluno anota. Alguma coisa que está muito distante desse mundo que nós vivemos. Então eu acho que a EaD, se ela é bem trabalhada, ela está contribuindo nesse momento, mais do que o presencial.

O que para você é mediação pedagógica? Ela é importante? Por que?

Professor 1 EaD: Eu acho que a mediação pedagógica, ela é tudo dentro do trabalho da gente, dentro do processo de dar aula, de estar com os alunos, de ensinar os alunos, de aprender. Paulo Freire dizia que ninguém educa ninguém. E aí eu acho que é exatamente quando entra a questão da mediação, que está porque eu acho que a mediação ela está ali, exatamente entre o aquele conteúdo e entre o pensamento do aluno. Como a forma como ele pensa. Uma boa mediação seria aquela, é aquela, para mim, que consegue aproximar o conteúdo da forma de pensar do meu aluno. Se ele é mais auditivo, se ele, não da forma como ele pensa, e eu como mediador tenho que trazer esse conteúdo. Ajudá-lo a chegar neste conteúdo e a construir o conteúdo de conhecimento dele. Acho que a mediação ela está aí, ela está sempre entrando na escola, basicamente, entre conhecimento que já está estabelecido e o aluno. As formas de você fazer a mediação é que são as mais variadas. E aí aquela questão que a gente falando, no início, do professor estudar. O professor não pode parar de estudar, tem que buscar e tem que

entender. Ir atrás de formas novas de mediação para que ele seja um bom mediador e para que ele consiga fazer esse aluno construir o conhecimento dele já que hoje a gente não tem mais dúvida que todo mundo aprende, não temos mais o que a gente pensava antes, que isso aqui não deu para estudar.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso à distância? Se sim, em que se consiste essa diferença?

Professor 1 EaD: É diferente porém eu não acho que elas são exclusivas. Não falei direito. Eu não acho que uma não exclui a outra, eu acho que são formas, são diferentes, no meu entender, mas são formas que se complementam na medida em que na EaD, eu tenho muito forte a tecnologia que me ajuda a fazer a mediação. Tecnologia é um instrumento ali e que me ajuda nessa mediação. Na sala de aula, muitas vezes ou na maioria das vezes sou eu. Tecnologia entra como PowerPoint, ela entra como email, como trabalho, mas ela entra de uma forma diferente. Na educação a distância a tecnologia está ali presente e em destaque no meu trabalho de mediação. Então eu acho que tem diferença. Talvez o ideal fosse que a gente conseguisse juntar tudo isso. Não é tanto a forma de fazer presencial, como nós à distância. Aí talvez a gente conseguisse uma grande escola de qualidade.

E essa diferença influi na qualidade do curso de Pedagogia?

Professor 1 EaD: O curso presencial fica muito na mão de um professor, cada disciplina tem um professor. Na EaD, isso fica mais diverso, na medida em que você tem o professor no encontro presencial mas daí você outro na tutoria está te orientando. Aí você tem um outro coordenador que dá uma entrada. Então você tem mais coisa a própria estrutura da EaD, ela possibilita uma ampliar mais isso e talvez isso ajude. Eu não vejo isso como negativo, vejo como positivo até, eu acho que a estrutura do presencial ainda dependendo de como as coisas acontecem a cada ano pode empobrecer, você pode perder em qualidade nesse sentido.

Quais as principais dificuldades encontradas para desenvolver o papel mediador professor ?

Professor 1 EaD: Eu acho que uma das dificuldades, agora eu estou pensando bem. Assim no meu trabalho, eu acho que a diversidade de alunos. Eu acho que isso é uma coisa que a gente precisa trabalhar muito, estudar muito porque vai ficar cada dia mais difícil. Porque os alunos são diversos com pensamentos muito diferentes, com vontade e valores muito diferentes uns dos outros. Isso dificulta na medida em que você tem que dobrar pensar para fazer uma boa aula. Outra coisa que eu acho que também mexe na relação professor aluno é, um pouco, esse momento esse momento que a gente está vivendo mesmo, em que as pessoas acreditam que

eu sou o máximo, o meu tem que ser o primeiro, tem que ser agora. Eu acho que isso na escola dificulta muito porque eu não tenho paciência para esperar, não tem paciência para ouvir isto. Dificulta a mediação das aulas, dificulta a relação da gente na medida em que: fazer hoje eu te mandei isso ontem e até agora você não me deu uma resposta. Então, essas coisas vão ficando muito difíceis em relação. Você não faz assim relação, você não faz um minuto para o outro, tu vai entrar em contato um dia você falha outro dia. Você surpreende. E aí você vai construir uma relação legal bacana, não é uma coisa que surge. Então, eu acho que esse momento. E essas questões da diversidade, elas dificultam para gente do lado do professor que não está acostumado a ser questionado, o professor está acostumado assim. Então, essa é a última palavra, sou eu que estou dizendo. Aí quando você tem que ser, tem que rever uma prova, tem que rever um conceito, quando você tem, as pessoas ficam muito mal porque acho que: nossa, imagina aluno me chamou atenção disso, nem eu sabia qualquer coisa assim. A gente não tem ainda eu acho não chegou para gente. Professor, quem sabe, chega para essa geração que vem vindo aí, porque é nova que até é a sua. Assim é possível a gente hoje sabe tudo, a gente ainda quer saber tudo embora o discurso da gente seja possível saber mais. A gente quer, quando a gente tem que dizer para um aluno na sala de aula: não sei. nós vamos junto pesquisar. vamos buscar a gente não fica à vontade de sair. Então, acho que essas pequenas coisas que a gente faz, um tanto que está muito mais no entorno. Eu acho do trabalho da vivência dos dois, do que realmente ele entendeu, porque eu acho que se o professor tivesse mais preparado, no sentido de vida mesmo, de conhecimento também, mas de vida talvez ele soubesse melhor fazer dinamizar a coisa para que as relações, para que as coisas se estabeleçam de forma melhor mas eu acho que está difícil isso também e assim como todos nós também estamos nesse mundo e absolutamente individualistas.

E para finalizar, na sua opinião, quais os desafios para construirmos o curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 1 EaD: O curso Pedagogia é um curso de formação de professores. Como todos os outros, eu acho que uma das coisas que a gente ainda precisa fazer é tirar dos nossos alunos a ideia, e aí nem só para Pedagogia, dica para ser professor. Eu preciso estudar e preciso ter conhecimento. Eles ainda acham que é uma coisa assim :a gente nasce hoje em dia as pessoas nascem vão para a escola, eu passo a minha vida na escola, quando eu sento no banco professor, eu acho que aquilo é bobagem porque eu já sofri, eu já sei. Vou ser professor porque eu vi então sei dar aula tanto é que muitas vezes a gente dá aula igualzinho os professores da gente, a gente se espelha. Tem estudos que dizem assim: que a gente torna-se

professor com todas as vivências que a gente já teve de aluno. Então eu acho que para você fazer um curso de Pedagogia, você tem que pensar além dos conteúdos que você está trazendo para essas pessoas, que são conteúdos, conhecimentos importantes, as metodologias, a didática, tudo isso que você, ele tem que pensar nisso, porque você tem que pensar que aquelas pessoas ali, elas não estão começando do zero. Ela tem uma bagagem que é uma vivência de escola, então a gente tem que parar. Eu entendo que quando você vai organizar, montar um curso. Eu estou tentando fazer aqui, batalhar aqui, é que a gente olha para tudo isso e não só para aquele conteúdo. Eu Sou professora de Gestão de Sala de Aula então meu problema a é gestão em sala de aula. Ela vai brigando em todos os cantos daquela sala de aula e com aqueles alunos e aquela plataforma e de tudo aquilo. Inclusive eu tenho que pensar que ele passou a vida vivenciando uma gestão de sala de aula boa, ruim. Não tem isso, então eu acho que esse desafio é uma coisa que a gente não sabe fazer. Hoje a gente tem boas leituras, o nosso curso é um curso que eu considero muito bom, que a gente traz boas leituras, a gente traz os conhecimentos necessários, a gente tem sido bem avaliado, mas eu fico sempre pensando o quanto que a gente está dando a mais. A mais no sentido: Olha, você vai ser um professor neste mundo aqui, não vai ser professor na lua. Vamos pensar aqui, eu acho que este é o grande desafio. Juntar tudo isso em três anos. Em três anos você não faz nada, os desafios são muitos e muito grandes mas acho que a gente vai indo.

Professor 2 EaD

**** *Prof_2 *S_Fmod_E id_3 exp_2

Porque você escolheu ser professora do curso de Pedagogia?

Professor 2 EaD: Porque eu tenho já a facilidade de ensinar desde criança. então eu acredito que é natural o ensino. e tenho trabalhado a minha vida toda nessa área da Educação por facilidade de ensino, e nada mais natural do que formar agora outros professores passar adiante esta didática que eu já acredito que tenho, essa facilidade na transmissão.

O que pra você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 2 EaD: É um curso que promove, que oferece uma bagagem teórica densa, que dá base ao professor pensar sobre a sua prática docente e que também oferece, de certa forma, a prática para que ele possa visualizar as ideias e a teoria na hora de confrontar ideias e extrair a melhor docência. Para melhor conhecimento então ele confronta uma com a outra, e aí ele tem

as melhores condições de ter melhor prática. Ele pode, vamos ver, refletir a melhor prática que ele vai na sala de aula.

Quais são os desafios que você encontra no dia-a-dia na relação professor-aluno?

Professor 2 EaD: Bom, no nível superior porque eu também estou numa escola de ensino médio, então aí é uma outra vertente. Nesse curso especificamente a distância que a gente trabalha, a maior dificuldade é a limitação que o aluno tem, que o aluno que vem pra EaD, ele entrou na EaD talvez por conta do valor da mensalidade, é uma oportunidade de se graduar sem um custo grande então e dá acesso. A EaD dá acesso para muita gente ao nível superior mas de certa forma ele tem limite até cognitivo na capacidade de compreensão. Muitas vezes a gente propõe alguns textos, alguma atividade que precisa de um nível de compreensão na leitura e muitos deles não tem, a gente acaba tendo que fazer essa mediação às vezes. A aula não flui porque tem que ficar esbarrando nessa dificuldade dele.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância e de um curso de Pedagogia presencial?

Professor 2 EaD: O curso em si eu não vejo muita diferença do curso, mas o público é. a clientela é diferente mesmo. o público da EaD, acho que gostam de mais fácil e que não precisa de muita dedicação que não precisa de muito esforço então eles acabam achando difícil algumas coisas que são propostas no curso e, já no presencial, quem vai para uma sala de aula presencial, ele já vai dessa dificuldade aí já se desdobra. Mesmo uma pessoa, vamos ver assim que, normalmente é a faixa etária dos alunos da Pedagogia ala é uma e a faixa etária EaD é outra. então mesmo que uma pessoa mais madura vai fazer um curso presencial de vai pensar: aqui eu tenho que esforçar porque realmente vai ser difícil e eu tenho que estudar porque senão o professor vai monitorar. no EaD, quando passa a responsabilidade para ele, acaba pensando: que vai ser mais fácil porque ninguém vai e quando entra um tutor, por exemplo, que vai dizer esse exercício seu não está certo, ele não aceita meio que não aceita, assim você não estava aqui para me ajudar. Então na clientela, é a forma que eles vêm o curso mas a estrutura do curso não vejo nenhuma diferença, no mesmo do mesmo nível.

Você acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo do curso de Pedagogia presencial ou à distância? Porque?

Professor 2 EaD: Eu não acredito muito na interação e na mediação na EaD. mesmo que haja interação ela não é a mesma coisa então assim o processo de ensino aprendizagem quando movido com atividade, ele é mais fácil acontecer tem o toque, o estar junto, olho no olho, o cheiro do professor , volume da voz, toda é essa interação pessoalmente faz diferença na

aprendizagem agora o aluno quando ele faz EaD ele olha a tela fria que não vai ajudar, não está com um olhar afetivo. Então, de certa forma, tem essa dificuldade de compreensão, a gente percebe que numa aula quando a gente vai fazer apresentação de uma disciplina com meia hora que você falou sobre disciplina ele sabe mais do que é se ele tivesse lido 5 apostilas 5 artigos que você indicou. Então só na fala, a fala tem esse poder, a proximidade, então eu acredito muito na afetividade, que ela define muito o processo ensino aprendizagem. É demais quando ele tem alguém do lado, isso é verdade, isso é fato.

O que para você é mediação pedagógica? Ela é importante? Por que?

Professor 2 EaD: Estar ao lado orientando para qual decisão tomar, qual o caminho a seguir, é estar junto mesmo. Não é levar o conhecimento e entregar ele de bandeja mas a mediação é você estar entre um e outro. E você fazer aquele aluno conduzir, vai estar junto e entra a questão da afetividade que é importante só aquele professor que joga o conteúdo, ele é aquele que leva o aluno, que desce vai até perto do aluno leva ele lá no conhecimento.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso à distância? Se sim, em que se consiste essa diferença?

Professor 2 EaD: É complicado dentro dessa realidade da EaD principalmente, mercadorização, tratar educação como mercadoria. Mas assim vender o curso, termo que usa na educação, vamos vender o curso tal, então primeiro para ter um curso qualidade. Primeiro precisa ter uma infra estrutura. A EaD para ser eficaz como a presencial precisa meio que trazer algumas características que é essa resposta rápida e esse acompanhamento pessoal. Isso, a gente não tem, por exemplo, aqui. Esse acompanhamento bem próximo, mesmo os tutores online eles não ficam o tempo todo disponíveis.

E essa diferença influi na qualidade do curso de Pedagogia?

Professor 2 EaD: É um professor que atende 200 alunos, é impossível ele dar o feedback correto de cada resposta, não tem condição de fazer isso aqui. Para que a EaD seja de qualidade primeiro tinha que investir em infraestrutura de pessoas, de equipamentos, que realmente funciona. É assim em detrimento do tempo ele tem que funcionar todo dia toda hora para assistir o aluno aí gera alguma coisa agora se não tiver esse investimento.

Quais as principais dificuldades encontradas para desenvolver o papel mediador professor ?

Professor 2 EaD: A EaD no Brasil é visto como uma maneira de ganhar muito dinheiro pelos dirigentes das universidades porque com um tutor, um professor você atende 600 pessoas. E que eles pagam, eu tenho de ganhar dinheiro mesmo, de vender educação.

E para finalizar, na sua opinião, quais os desafios para construirmos o curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 2 EaD: Então para que fosse eficaz tinha que ser um grupo pequeno e um professor ou dois professores então aí não sei seria rentável essa EaD. Então, é complicado mesmo a nível de Brasil e pensar nisso mas os dois acho que os dois pontos principais são infraestrutura e gente para atender adequadamente um grupo pequeno, não pode ser mais, por exemplo, do que 20 pessoas, você gerenciar 20 pessoas é bastante e mais do que isso a qualidade começa cair.

Professor 3 Pres

**** *Prof_3 *S_Fmod_P id_4 exp_5

Porque você escolheu ser professora do curso de Pedagogia?

Professor 3 Pres: Para falar bem a verdade, a Pedagogia aconteceu na minha vida. Não era minha opção inicial quando eu fui fazer a graduação. Eu pretendia fazer história, já contei isso aqui na sala de aula. Por influência de uma professora que era então diretora do curso de Pedagogia, eu acabei fazendo Pedagogia a partir daí eu, na verdade, fui trabalhar na Secretaria Estadual de Educação. Eu fiz carreira na secretaria, fui professora, fui coordenadora. Neste tempo também eu fiz mestrado, eu havia concluído mestrado e me aposentei naquele, agora está essa discussão, mas naquele tempo a gente se aposentava muito cedo e eu me aposentei com 47 anos, e aí como eu já tinha concluído mestrado, sempre por conta de atuar sempre na formação os professores, mesmo como supervisora e coordenadora sempre foi minha área de atuação na Secretaria Estadual de Educação. Então recebi o convite para dar aula no curso de Pedagogia. E aí fui dar aula, não tenho que ver, ele não foi a minha opção inicial, minha carreira inicial. Por uma questão natural, na verdade o que foi natural na minha trajetória foi trabalhar com formação de professores, eu sempre fiz isso, mesmo no Estado, nesse sentido acabou natural.

O que pra você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 3 Pres: Ele é um curso, pela própria trajetória dele, e talvez é porque quando você pensa em qualidade tem que pensar no projeto, o curso Pedagogia. Ele surgiu e eu fui de uma das primeiras turmas. Eu fiz o curso de Pedagogia de uma das primeiras turmas quando ele aí curso de formação geral, do pedagogo, voltado pras ciências da educação depois ele foi por conta do período militar uma perspectiva mais de Formação profissionalizante ou de

especialistas ele passou a formar as habilitações. Nesse tempo é que eu fiz o curso Pedagogia e só mais recentemente que ele vem buscando uma outra identidade, ele não tem identidade clara e é difícil você pensar em qualidade quando você lida com o curso que ainda não construiu um identidade. Então eu acho que hoje pensar em qualidade a pensar no curso que forma adequadamente professor então ele tem como eixo a docência. Mas ele tem que dar uma formação ampla para esse professor não apenas voltada para os aspectos técnicos a docência mas tem professor capaz de compreender o mundo na onde ele vive capaz de compreender a criança que ele educa. Então, nesse sentido, eu acho a dimensão da qualidade do curso e por ser um profissional como a formação Ampla ele também pode atuar na gestão e eu acho hoje talvez a gente veja a Pedagogia pensando nas perspectivas numa questão mais Ampla de formar para processos educativos, não voltado apenas para criança, mas voltado também para adultos, para formação continuada processos de educação focada no como ensinaram, como formar pessoas sejam crianças sejam jovens ou adultos eu acho que ele tá ampliando um pouco essa perspectiva mas eu acho que ainda não é lar de clara. E acréscimo, a questão que em outros países, você não tem curso de Pedagogia. Não existe o que a gente tem aqui, não existe de Pedagogia para formar um pedagogo.

Quais são os desafios que você encontra no dia-a-dia na relação professor-aluno?

Professor 3 Pres: Olha, eu já faz um tempo que não venho dando aula na graduação, curso de Pedagogia, eu acho que é um curso em que as pessoas, primeiro, ele tem uma diversidade. Você tem, desde alunos jovens, que vão sair no ensino médio e tem também o segmento de pessoas mais adultas que voltam para a universidade para fazer Pedagogia. Então é um curso que lida com uma diversidade de alunos, de diferentes idades com diferentes perspectivas. Eu acho que seria o desafio seria realmente que esses alunos diferentes com diferentes projetos. Dizem olha eu já criei meus filhos agora eu estou voltando para o curso que agora é minha vez de estudar e tem um jovem que não tem clareza em relação ao que ele precisa saber. Então talvez um dos Desafios seja esse de você envolveria esses alunos deixando clara a proposta do curso. Eu acho que pensando no curso de Pedagogia na universidade que é o curso que eu conheço que eu acho que é aos poucos passados os primeiros meses, eles vão se envolvendo nisso. E ao contrário de outros cursos que a gente ouve referências, eles tem esta questão de disciplina, eu não tive esse tipo de dificuldade. Você pode ter o aluno mais empenhado ou menos empenhado mas de maneira geral acho que talvez não seria bem uma questão da relação professor-aluno mas a questão do tipo de conhecimento que esse aluno traz quando ele vem para o curso. Eles trazem dificuldades da formação inicial, trazem lacunas na

formação. Eu acho que para o professor da Pedagogia, particularmente o professor de ensino superior, de maneira geral isso. Aí não tá falando dessa instituição. É o grande desafio hoje é um aluno que chega no ensino superior trazendo lacunas na sua formação inicial, é parte da relação também lidar com isso mas eu acho que é maior dificuldade de hoje é esta.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância e de um curso de Pedagogia presencial?

Professor 3 Pres: Então eu não tenho grande experiência com ensino a distância então é difícil para mim pensar nisso mas assim considerando. Aquilo que eu falei anteriormente que nós estamos recebendo um aluno que vem com lacunas na sua formação, eu penso em uma de curso EaD. No presencial, a gente consegue lidar. No curso presencial e eu observo assim é um avanço considerável do aluno quando e entra nos primeiros meses, a gente percebe essa diferença e essa dificuldade ao longo do curso esse aluno escreve muito e lê muito porque nas aulas a gente tem as provas são dissertativas em muitos casos, ou seja, ele é de certa forma levado a ler escrever numa dimensão que ele não. A maior dificuldade que ele traz essa, ele provavelmente não teve esta prática de leitura escrita no ensino fundamental e ensino médio. Eu acho que o curso a distância, e aí como eu disse embora eu não tenha experiência. O curso à distância exige do aluno um nível de compreensão daquilo que ele lê, o que frequentemente não vai ter o professor presente para discutir, para ensinar, fazer essa reflexão com ele no curso aqui. Nós tivemos e temos em algumas experiências de fazer grupos de discussão, formas de apoio para este aluno, pode ser feito também curso a distância mas isto implica numa certa maturidade do aluno que muitas vezes ele não tem. Então eu imagino que uma das dificuldades da EaD seja essa.

Você acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo do curso de Pedagogia presencial ou à distância? Porque?

Professor 3 Pres: Bom, em geral, embora os instrumentos sejam, as ferramentas sejam diferentes, o processo de ensino aprendizagem é semelhante, o sujeito tem que entender aquilo, relacionar as práticas dele, tem que se apropriar deste conteúdo. O que eu acho embora tenha instrumentos para fazer isso hoje no ensino a distância, é a convivência entre alunos, ou seja, aprendizado entre pares, então, por exemplo, se você tem uma discussão em grupo um aprende com o outro, então isso embora possa ser feito. Vocês tem os chats, tem outras coisas no ensino a distância. Eu acho que esta interação que ocorre todo dia, de convívio com os colegas ele convive porque eu acho que a pessoa não aprende só na sala de aula. Ela aprende

nos intervalos, aprende quando conversa com professor com outro, no corredor. Então essa convivência. Eu acho, que talvez ela seja mais favorecida no curso presencial embora como os nossos cursos são presenciais noturnos. No noturno também tem esse aspecto o sujeito chega para aula aí vai embora, não tem tanto essa convivência não, eu acho que o ambiente universitário é fundamental no curso de graduação, principalmente. A gente talvez mesmo no mestrado, sinto falta disso aqui. Vocês não ficam na instituição, não vão à biblioteca não convivem e chega, assiste aula, e vai embora um pouco também mas de qualquer maneira certa convivência ele tem 4 horas. Geralmente convive mais Face a Face.

O que para você é mediação pedagógica? Ela é importante? Por que?

Professor 3 Pres:Essa mediação, que estou entendendo isso, como aquela que o professor organiza. Quando ele organiza a atividade de estudo ele organiza a aula o próprio programa dele ele tem Clareza em relação ao que é fundamental naquela temática. Quais são as ideias que realmente são essenciais, que não podem deixar de ser compreendidas, então, ele faz essa mediação entre o texto que o aluno tem que aprender aquilo que acontece na sala de aula. Então, eu acho que ele atividade, ação didática e também uma coisa que eu acho importante nesse papel do professor é estimular o aluno ou informar pra buscar outros autores quando está discutindo alguma coisa. Olha, tem mais isso mais aquilo mas aquele que você pode fazer. Então, na verdade, eu acho que o professor age um pouco como aquele que mostra não só o caminho, mas ele mostra um pouco o Horizonte daquilo que está ano que mais você poderia buscar então acho que nesse sentido é atuação do professor nessa mediação não que ela não possa também por outros alunos. Aliás, nós temos experiências justamente nesse sentido do curso Pedagogia para suprir algumas dificuldades dos em que nós tivemos alunos que são monitores atuam como monitores e eles faziam isso muito bem a gente orientava, a gente sugeria o texto e eles trabalharam aquilo com os colegas. Então, acho que essa mediação se dá em vários sentidos mas eu vejo que o principal responsável pela forma como ela acontece seja feita pelo próprio professor, ou seja, organizando a partir de outros alunos. Eu acho que professor, diferencial do professor.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso à distância? Se sim, em que se consiste essa diferença

Professor 3 Pres: Eu acho que não é tão diferente assim. O professor tem que ter clareza essencial na disciplina. Então, eu não sei até que ponto, por exemplo, no curso à distância você teria uma flexibilidade por exemplo de alterar aquela sequência da atividade quando surge. Isso acontece na aula presencial. Você está discutindo um assunto aí vem uma questão

ou vem uma situação ou alguém conta alguma situação dá prática e a gente acaba, isso me acontece muito, olha tal autor, que é essa ampliação do Horizonte do aluno, que acha importante. Pode ser também a distância mas que também depende muito de como o curso a distância é organizado. É ação direta do professor com atividades respondidas. Então aí nesse caso não teria a flexibilidade de reorientar atividade nesse sentido. Para falar bem a verdade, agora estou falando, eu acho que uma das primeiras experiências de ensino não seria bem, a um tipo de ensino a distância uma coisa foi uma coisa chamada projeto Ipê que foi programa da Secretaria Estadual de Educação que eu coordenei aqui em Taubaté há muito tempo atrás. Foi nos anos 80, e funcionava assim tinha os temas, tinha um vídeo, que era por um professor, um educador. Eles gravavam um vídeo e a gente recebeu um fascículo. Os professores da rede estadual que quisessem se inscrever eles poderiam participar mas aí a gente tinha o grupo aí eles vinham tal dia tal hora, normalmente aos sábados e aí você passava um vídeo depois tinha toda um setor de uma discussão orientada, tinha discussão e tinha uma orientação para discussão daquele vídeo e daquele. Texto isso funcionava assim, era um curso organizado. Provavelmente uma das primeiras experiências de ensino a distância que era na primeira na Secretaria Estadual de Educação mas era assim, era a discussão era presencial. Então, você podia trazer experiência do professor, acompanhar aquela discussão então, mas não deixa de ser uma forma de EaD.

E essa diferença influi na qualidade do curso de Pedagogia?

Professor 3 Pres: Eu acho que é muito difícil organizar um curso à distância de boa qualidade. Não que ele não possa ser um curso de boa qualidade. Mas ele Exige uma preparação, Exige uma série de condições, exige um acompanhamento do professor que ele esteja disponível para o aluno na maturidade do aluno. Então eu acho que ambos podem ser cursos de qualidade. Eu acho que a educação a distância é uma tendência hoje no mundo, não dá para você ignorar que passa por aí. Eu penso e é uma coisa que a gente propôs. A Pedagogia, acho que ainda também não está muito bem encaminhada mas é que ela tenha momentos presenciais e algumas disciplinas ou parte do curso à distância então eu vejo que o ideal seria um curso híbrido que ele tenha as citações presenciais por conta daquilo que eu falei da convivência no ambiente, da convivência com o professor. Mas eu acho que boa parte do que se faz na sala de aula poderia ser feito com recursos virtuais. Então estudaria mais tempo para organizar situações na sala de aula. Outra questão que tem sido um problema no curso presencial e eu calculo que seja maior talvez no curso a distância, é a interação com a prática. A questão do estágio é um nó em qualquer curso de licenciatura. Nós conseguimos, tem uma

experiência que eu vi que é muito interessante tanto lá no ensino presencial, eu não sei se tem curso à distância que faça isso que é o PIBID. Que é o quê? Colocar o aluno na escola pública orientado pelo professor da universidade e acompanhado por um professor supervisor da escola que tem bolsa para fazer isto. E aí ele acompanha, orienta. Aí sim você tem essa interação com a prática então no curso à distância como tem aluno de lugares distantes também, é difícil que a instituição tenha professores acompanhando essas práticas na escola. No presencial Isso é complicado no curso à distância Eu presumo que seja um pouco mais complicado. E ela é fundamental para não passar por uma licenciatura Sem ter uma inserção no ambiente escolar na sala de aula. O estágio não vem dando conta disso adequadamente, aquilo tudo pode ser feito de qualquer forma mas é complicado fazer isso.

Quais as principais dificuldades encontradas para desenvolver o papel mediador professor ?

Professor 3 Pres: Um pouco é que eu já tinha dito. Eu acho que aqui na universidade, aí eu vejo tanto no curso presencial quanto na distância a gente tem uma coisa que é favorável que é o fato de os nossos professores, por ser uma universidade Regional, os nossos professores tem experiência de sala de aula. É difícil um professor que venha ser professor na Pedagogia que nunca tenha sido professor da educação básica mas eu acho que para você fazer essa mediação porque o grande nó da licenciatura, essa aproximação essa relação entre teoria e prática, o professor que consegue fazer essa situação daqui que está sendo estudado com as questões da escola, questões que o aluno vai ver na escola. Então acho que essa seria a dificuldade porque se ele não tem experiência ele desconhece as ideias e não consegue fazer essa mediação.

E para finalizar, na sua opinião, quais os desafios para construirmos o curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 3 Pres: O Grande Desafio do curso para que ele seja um curso de qualidade é que ele consiga fazer esta aproximação entre aquilo que está sendo estudado com aquilo que acontece na sala de aula senão nós vamos formar um aluno que vai sair com alguma fundamentação teórica mas despreparado para exercer uma atividade profissional dele. E eu penso que é Um Desafio também. Que eu já me referi, é o curso Pedagogia repensar ou ampliar o seu olhar. Ele está hoje focado na formação inicial para os anos educação infantil e anos iniciais, estão no foco maior da docência nos anos iniciais de Ensino Fundamental infantil. Então acho que ele pensar que o campo da formação continuada de pessoas adultas, porque hoje ninguém para de estudar então processos educativos em outros ambientes. Nós

temos hoje a Pedagogia Empresarial, Pedagogia hospitalar. A gente tem disciplinas que discutem as coisas mas eu acho que realmente ampliar seu campo de Formação considerando esses outros olhares. Voltaria o projeto do pedagogo, alguém capaz de organizar processos educativos para crianças seja para adultos. Isso é lógico, que eu acho que isso é nota no curso de Pedagogia. Seria quase uma pós graduação mas eu acho que a Pedagogia já poderia oferecer bases para isso até porque os conteúdos. Quando você vê a psicologia da educação, você vê processos de aprender da Criança e do jovem e do adulto então você pode articular isso com processo de Ensino em outros ambientes. Eu acho que esse seria o caminho.

Professor 4 Pres

**** *Prof_4 *S_Fmod_P id_4 exp_4

Porque você escolheu ser professora do curso de Pedagogia?

Professor 4 Pres: Na verdade, foi assim. Eu sou formada magistério com 18 anos. A gente já ingressava, passava no concurso e ficava efetiva. E aí, eu neguei por um momento mas filha de professora e diretor de escola e fui fazer faculdade de economia. Fiz a faculdade de Economia. Terminei mas não mandei nenhum currículo, não tive emprego de economista, sempre fazendo a faculdade com dinheiro da docência e depois fui fazer Pedagogia porque eu percebi que a profissão teria que ser com Pedagogia. Fui fazer Pedagogia, interrompi porque meu namorado, na época, que hoje é meu marido, disse: vai fazer Pedagogia, não vai ter retorno. A gente casou, teve filho, e voltei depois com a vida muito mais atribulada para Pedagogia. Fui aluna mas a minha ideia era dar aula no magistério e não no ensino superior. Nesse intervalo, o magistério foi suprimido, principalmente no Estado de São Paulo, foi um dos primeiros a erradicar o magistério e eu fiz psicoPedagogia e eu fiz pós graduação. E uma professora que era muito representativa no departamento teve um problema e precisou entrar de licença e eu era boa aluna na época então a chefe do departamento me convidou para assumir umas aulas e calhou de, além do departamento Pedagogia, é muito grande porque tinha a Pedagogia nas habilitações e estava abrindo também normal superior, tinha também o campus de Ubatuba. Então foi um desafio e foi importante pra mim e foi assim que eu ingressei. Na verdade, eu emprestei mesmo seguindo essa minha toada de trabalhar educação. A primeira ideia era o magistério mas no fim acabou sendo a Pedagogia no ensino superior.

O que pra você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 4 Pres: Um curso de Pedagogia de qualidade para mim é um curso que vai formar o alunos teórica e prática, nas vias teóricas e práticas. Hoje está sendo muito difícil, a gente

formar o aluno em 3 anos. Nós, por exemplo, temos essa formação dos professores, que tem essa faixa etária. A minha trajetória fizeram 4 anos de Magistério mais 4 anos de Pedagogia. A Pedagogia nunca formou professores. Professores não formados no Magistério, quanta pressão do magistério, houve a necessidade de fazer uma mudança na Pedagogia. É o lançamento das novas e agora já tão antigas com muita discussão sobre qual seria a formação real do pedagogo e no nosso caso, na Pedagogia. Uma Pedagogia, então, você resume em 3 anos, uma preparação que era feita em 8, é muito complicado. O que que é uma Pedagogia de qualidade? Pedagogia que vai fazer com que o aluno se aprofunde teoricamente, não só nos autores da Psicologia, Piaget Vygotsky, Wallon. Mas aos grandes autores brasileiros e estrangeiros, por exemplo Libâneo, a discussão política ou até mesmo a questão da filosofia de Adorno. Então, acho que a gente tem muitas perspectivas teóricas que podem ser induzidas e provocadas na parte teórica do curso de Pedagogia. Eu penso nesse embasamento teórico e penso também nas metodologias de ensino no nosso curso de Pedagogia por exemplo, da Unita. As disciplinas que são fundamentos com disciplinas teóricas, tem a História, Filosofia e Sociologia que a gente chama de fundamentos e depois a gente vai abrindo para as metodologias. Dentro das metodologias, a gente aborda os conteúdos que as meninas vão ter que rever. Esses conteúdos e depois a metodologia, que é o como ensinar isso. Na verdade, a gente se surpreende muito porque muitas que estudam conosco acabam achando o sentido no que estudaram lá nos anos iniciais, agora na faculdade, agora estão entendendo o que é a matemática. Agora elas estão entendendo o que era história, os principais conceitos da geografia. Então, nesse sentido, a gente tenta, nesses 3 anos, trabalhar com essas duas vertentes da teoria e a prática. A gente tem estágio que todo o curso tem, lógico, estágio curricular supervisionado. E tem também o Pibid que é a iniciação à docência então o Pibid também tem força e tem sido um outro pilar de fortalecimento para essa aproximação ao campo de atuação do professor das meninas gostam, conseguem fazer regência, coisa que no estágio elas não conseguem fazer porque é proibido por lei elas assumirem sala. Eu acho que a gente tem dois momentos, que é o momento de observação no estágio e porque elas participam com as professoras do momento de regência e para quem consegue fazer o Pibid. A gente tem um número grande de alunos, 80 bolsistas do Pibid. Como o Pibid também circula, a gente tem gente do primeiro semestre, tem gente do quinto semestre, então há uma integração boa das alunas. E o que a gente tem percebido também pelo discurso delas é que às vezes elas começam cruas no primeiro semestre, numa escola por outra, e quando volta a essa

escola já estão no quinto ou sexto semestre tem uma outra visão, uma outra perspectiva da regência e do que era escola.

Quais são os desafios que você encontra no dia-a-dia na relação professor-aluno?

Professor 4 Pres: A gente tem um público bacana na Pedagogia. São pessoas que realmente estão a fim de estudar. Naturalmente, a gente tem uns que são mais engajados e outros que são menos. O que a gente tem sentido nos últimos anos, acho que eu vou dizer 3 ou 4 últimos anos, das meninas que vem muito novas, então saindo ensino médio com 17 anos, e vem para a Pedagogia. É uma questão quase que geracional dessa questão da instantaneidade, de querer que tudo seja rápido então quando você trabalha com as disciplinas, agora que ela já sabe disso, mas mesmo assim disciplinas práticas como as metodológicas, você precisa dar primeiro uma fundamentação teórica dessa disciplina. Cada uma tem uma natureza diferente, língua portuguesa tem uma natureza, matemática tem outra, história, geografia e elas não tem paciência pra isso. O olhar das meninas para Pedagogia é um olhar muito mais do que que eu vou fazer na sala de aula do que um olhar de fundação, de fundamentação teórica que, primeiro, eu preciso conhecer o conteúdo para depois ensinar esse conteúdo. Elas gostam mais de atividades que sejam voltadas para a prática. Então, nesse sentido, que a gente percebe porque eu vou falando pra você que é instantaneidade da coisa. Achar que vai fazer Pedagogia que daí já vai sair pronta para ir dando aula e por isso que o Pibid tem nos ajudado porque agora elas percebem que elas precisam planejar aulas práticas de relação professor aluno. Percebe? É possível, não sei nem se eu posso chamar de descompasso geracional, mas é essa possível concepção. Eu acho que vou dizer para você, se vai ser professor a prática é o principal objetivo, é lógico que é, mas ela não é uma prática esvaziada. Ela precisa ser uma prática fundamentada teoricamente.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância e de um curso de Pedagogia presencial?

Professor 4 Pres: Curso de Pedagogia presencial, diário, contato com professor diariamente. Eu percebo que, por exemplo, quando você está lá na sala de 35, 40 alunos. Eu gosto muito de memorizar o nome dos alunos, então às vezes, você está trabalhando com eles e você está vendo a fisionomia de quem está bem e quem não está bem. Você está acontecendo, acho que para a relação professor-aluno presencial. Me dá pistas para depois eu dizer, eu chamar, depois dizer: O que está acontecendo com você? Se entendeu e se não entendeu se não, porque. Eu tenho esse feeling do visual ou dela estar ali naquele momento e me fazer uma pergunta, de fazer alguma questão. Pedagogia a distância, eu sinto assim, primeiro, eu acho

que fazer uma faculdade à distância na graduação a distância requer muito, eu não sei, eu não sei, eu não estou fazendo uma afirmação. Se essa geração teria essa disciplina. A gente percebe que eles ingressam na faculdade tão infantis, que a gente tem que fazer cobranças que professor de Ensino Médio teria que fazer. Nesse sentido de: Olha, perceba, se você não tiver fundamentação teórica você não conseguir fazer isso. Eu não sei se a distância, eles teriam essa possibilidade. Agora se você está falando de Pedagogia, eu estou dizendo que muitos cursos de formação de professores são a distância desde o magistério nos anos 80, que eu fiz o projeto Ipê, assisti algumas formações na televisão e depois a gente discutia aí fazer algumas coisas do magistério. a gente tem o Salto para o Futuro que também forma professores. A gente tem o PCN em Ação. Surgiram os PCNs. Não estou dizendo que a distância é ruim mas tem que está naquele momento preparado para isso e tem que ter um perfil para isso, não estou dizendo para você, eu, particularmente. Acho que deve ser esse perfil da disciplina que você está bem, você tem que entrar no chat às 19:00, de saber que você tem que entregar essa atividade até dia tal. Não sei, como é que eu posso dizer, é essa afinidade ou essa possibilidade de você retomar um conteúdo com aluno ou de dizer: Sabe aquela pergunta que você fez a semana passada? Eu fiquei intrigada semana inteira com ela. Aquilo que você falou na minha última aula, sobre isso sobre aquilo, então eu tenho que contar com você na próxima semana uma coisa que você disse e que não me bateu bem, com uma dúvida que você pode ter apresentado um comentário que você tenha feito que possa me dar pistas de que outras pessoas, talvez, tivessem com essa mesma dúvida. Eu não sei se no curso à distância isso seria possível. Eu já fiz o curso do Moodle, a gente tava meio que participando dessa formação, da construção do curso de Pedagogia a distância e aí você tem algumas coisas, por exemplo, a sua mensagem escrita tem que estar muito clara. Porque dependendo de como ela está escrita bate mal para pessoa que está lendo, a clareza com que você tem que fazer todos os enunciados. Eu penso que o curso presencial tem essa mobilidade tanto para relação quanto para esse processo ensino-aprendizagem.

Você acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo do curso de Pedagogia presencial ou à distância? Porque?

Professor 4 Pres: Não, eu acho que não é a mesma coisa, que eu falei para você, a gente tem um contato semanal com ele então eu estou ao longo de 16 semanas me encontrando com esse aluno e o andamento da sala ou as discussões te levam a refletir, porque dificilmente você fecha a porta da sua sala e tu vai dizer. Leva um pouco para lembrar das discussões dos

alunos, outros momentos da sala de aula para que você tenha. Na graduação, a gente dá número de aulas embora grande mas que você ainda consegue conhecer os seus alunos. Você ainda consegue lembrar de fatos que aconteceram, gosto muito, gosto muito dessas coisas de: aula passada você falou isso, essa semana na minha cabeça, pensando maturando aquele que você tinha dito uma passada. Eu não sei se a distância você conseguiria fazer isso, uma vez que apresenta conteúdo, depois mesmo. Os chats que você pode retomar isso com os alunos, se seus alunos se inscrevem novamente e acessam novamente algumas questões.

O que para você é mediação pedagógica? Ela é importante? Por que?

Professor 4 Pres: A mediação é imprescindível, se você for pensar que o professor é um mediador, mas a mediação não é só professor se você pensar do ponto de vista vigotskyano. O livro é um mediador, a tecnologia é mediadora. Você tem N possibilidades. Eu não penso que o professor é o único mediador pedagógico, o professor pode também usar outras mediações que nem, como se meu questionário, se for com seus recursos tecnológicos, posso pegar um episódio, uma entrevista do PCN em Ação e trazer para as meninas para elas verem algumas coisas. Posso pegar um vídeo e ilustrar. A mediações são mediações importantes, claro. Toda mediação tem que ter um objetivo, tem que demonstrar para seus alunos ou pelo menos mostrar pros seus alunos: meu objetivo com isso é fazer isso. Você está disparando uma discussão, mas eu penso que a mediação pedagógica que vai fazer esta construção do processo ensino aprendizagem. E todo objetivo ou fim da mediação pedagógica é a aprendizagem do aluno. A mediação tem que ser feita mas como é que eu posso tornar isso possível? Ou usando diferentes habilidades. Você trabalha ou você usar técnicas, ora você usa o visual e pode trabalhar com charges. Técnicas de ensino ajudam também na mediação pedagógica, só que isso depende do conhecimento pedagógico do professor, é o repertório pedagógico do professor que vai trabalhar dentro dessa mediação.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso à distância? Se sim, em que se consiste essa diferença?

Professor 4 Pres: Eu penso nessa mediação pedagógica. É diferente no sentido do relacional, então, por exemplo, a gente tem essa fala. Curso à distância, dentro do próprio presencial, a gente tem um espaço virtual então é possível no curso presencial você ter 20 por cento de carga horária do curso de estudo virtual. Você consegue fazer uma mediação. Você consegue um grau de interação das alunas interessante também, mas você está associando as duas coisas. Quando você está numa mediação de um curso à distância é evidente que você vai

fazer mediações senão como é que você se comunicou? Então, eu acho diferente, é realmente o momento que você fale com ele: ora eu com o Davi, ora eu com Cristina, ora eu com Beatriz. Fazendo essa leitura de como a aprendizagem está acontecendo mas eu não acho inviável a mediação pedagógica no curso a distância.

E essa diferença influi na qualidade do curso de Pedagogia?

Professor 4 Pres: Claro que influi. Você pode estar fazendo uma mediação pedagógica com seu colega, não necessariamente você é professor dele, e claro que boas mediações vão resultar em boas aprendizagens. Você tem que escolher esse momento da mediação pedagógica. O Shullman que fala do conhecimento pedagógico do conteúdo então quanto mais repertório você tiver melhor vai ser essa mediação pedagógica. Pode ser por ouvir mediações ou técnicas do elenco. Os instrumentos que são muito favoráveis para aprendizagem dos alunos, eu acho que a mediação pedagógica influencia o curso de Pedagogia, em qualquer Curso. Ler um texto para os alunos não significa uma ação pedagógica porque os seus alunos da graduação também sabem ler. Depende de como você disse que esse texto tudo, que você fala com ele, quais perguntas você faz para suscitar o saber.

Quais as principais dificuldades encontradas para desenvolver o papel mediador professor ?

Professor 4 Pres: A gente dá aula a tantos anos. Eu não sei se a gente tem essa dificuldade. Um fator que tem nos intrigado, é essa geração nova que pensa na aplicabilidade da coisa achar que não precisa de teoria. Eles pensam em um texto como informação e não conhecimento. Do que para a preparação de um professor é necessário. E isso demanda tempo, a gente precisa de um bom poder de persuasão, convencimento, para que eles mudem esta concepção. 3 anos passam muito rápido mas com ele 20 horas mais. As coisas que eles têm que fazer, mas ao longo dessas 20 horas, todas as disciplinas, ou pelo menos a maioria delas, como é o caso das metodologias, você tem que bater: olha, pessoal isso é a teoria, isto é a prática, uma se aplica a outra. Elas estão intimamente envolvidas, elas têm movimento dialético. Esse eu acho que tem sido o nosso maior desafio. Pelo menos para mim que trabalho com metodologia. Com outras amigas que a gente conversa, outras parceiras lá na faculdade. Para essa nova geração, a gente tem um público diferenciado. A gente tem, ou as meninas novinhas que já saíram do ensino médio ou as senhoras que pararam de estudar muitos anos e estão voltando, que também tem uma concepção de escola bastante diferente e

aí é o momento em que elas estão reaprendendo conteúdo, ressignificando conteúdo, para depois elas ensinarem esse conteúdo. Então essa mediação com essa geração mais antiga tem um outro teor, não dizem que não é esse convencimento mas é um teor de resgatar significados para que ela consiga preparar uma boa aula, como preparar uma boa sequência didática, um bom plano de ensino.

E para finalizar, na sua opinião, quais os desafios para construirmos o curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 4 Pres: Você tem que obedecer um pouco. Está escrito nessas diretrizes que os conteúdos com elas, porque elas tem defasagens grandes, algumas vem de escolas particulares. Então a gente percebe que tem um embasamento melhor. Mas a maioria que tem vindo de escola pública, tem de conteúdos dos anos iniciais agora elas estariam no estágio formal. Se você for pensar no ponto de vista piagetiano agora que elas estão compreendendo aquilo que tinha sido ensinado para elas quando elas tinham 6, 7, 8, 9, 10 anos. Eu penso que o conteúdo é uma coisa importante que elas tem que ver e a metodologia, ver bons exemplos, experiências exitosas que sirvam de modelo, egressos da Pedagogia com coisas interessantes. E manejo da sala de aula que não é fácil e o Pibid te nos ajudado. A leitura não é estudo, estudar é não ser superficial.

Professor 5 Pres

**** *Prof_5 *S_Mmod_P id_4 exp_5

Porque você escolheu ser professora do curso de Pedagogia?

Professor 5 Pres: O curso de Pedagogia surgiu na minha vida, assim de forma, não muito sistemática muito programada e nem planejada. Eu lecionava história e filosofia no colégio Alfredo Balbi da Universidade Taubaté e professora Mércia era diretora de colégio e na ausência, na necessidade de preencher uma vaga na disciplina de História da Educação, a professora me chamou para assumir essas aulas como professor colaborador, na época existia essa categoria na universidade professor colaborador. E foi, ela me convidou numa sexta-feira e eu teria que assumir as suas aulas no ensino superior, iniciar minha trajetória de professor do ensino superior na segunda feira. Eu tive um final de semana para planejar as aulas, era bem começo do ano e eu fiquei muito motivado com a possibilidade de iniciar o exercício docente no ensino superior que, na verdade, era um projeto pessoal, uma motivação que eu tinha desde o início e agarrei essa oportunidade. Foi uma grande uma grande alegria e realizei e continuo

me realizando como professor de ensino superior, especialmente. E essa disciplina, História da Educação, é uma disciplina que compõe o currículo de todas. Acabei abraçando o curso de Pedagogia porque era o curso carro chefe, é ainda de alguma forma, o curso carro chefe das licenciaturas e como eu já lecionava história. Iniciei meu magistério no Ensino Fundamental e Médio lecionando história, lecionei história no ensino médio na rede particular de ensino e Filosofia na Rede Pública de ensino. Então a minha carreira docente sempre foi correlacionada com essas duas áreas do conhecimento na história e filosofia. Com a experiência adquirida e acumulada no exercício de professor de história, eu tive que efetivamente mergulhar no campo, na área da História da Educação. Comecei a estudar muito e logo já ingressei no mestrado. 2 anos de exercício de ensino superior eu procurei uma titulação mesmo porque aí é porque o CNPQ, o Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação passaram a exigir que os professores fossem titulados. A LDB de 1996 passou a exigir um percentual específico de mestres e doutores das instituições de ensino superior e eu fui buscar esta titulação. Como eu tinha começado na Pedagogia com História da Educação, procurei a PUC num programa de Mestrado que se chamava História da Educação e disse: aqui eu vou armar minha barraca. Passei por esse mestrado 2 anos, defendi minha dissertação na área da História da Educação, que inclusive área que já vivi muito, tendo não se constituindo como uma área específica do saber, um saber específico. Uma área epistemológica, hoje, bastante reconhecida. O meu ingresso no curso pela forma aleatória, sem muita programação, sem muito planejamento, mas correspondeu a um projeto pessoal antigo, direcionado ao ensino superior. Então eu não escolhi o curso de Pedagogia. Ele veio até mim e acho que essa é a questão que eu gostaria de colocar em relação à escolha do curso.

O que pra você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 5 Pres: O curso de Pedagogia forma professores de um segmento, de dois segmentos específicos de ensino, é educação infantil e Ensino Fundamental, mas não era assim antes. Surgiu com a reforma Capanema para formar especialistas em Educação, não é tipo assim, durante várias décadas esse formato novo da Pedagogia, salvo engano, com a própria lei de diretrizes e base da Educação de 96 que incluiu no curso de Pedagogia em nível superior, a formação de professores para educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. E me parece que um curso de Pedagogia de qualidade é aquele que aquele que articula saberes teóricos fundamentais para você entender o campo da educação. Eu acho que você tem a filosofia, história, ciências de referência que podem fornecer um substrato teórico

a formação básica do futuro professor. Acho que essa formação fundamental deve ter em mente, está relacionada com algumas competências técnicas, não do ponto de vista docente da alfabetização, das primeiras letras, os primeiros conhecimentos. Então acho que o curso de Pedagogia de qualidade é aquele que reúne talvez três grandes pilares. Um é o Pilar da reflexão, pilares da operação e das técnicas e o pilar da produção do conhecimento.

Quais são os desafios que você encontra no dia-a-dia na relação professor-aluno?

Professor 5 Pres: Como eu leciono já há 30 anos, esse ano comemoro 31 anos de magistério e 25 anos de ensino superior. Eu acho que essa relação professor aluno muda com o tempo, demarcadas pelo contexto, conjunturas, por ações circunstanciais de tempo espaço então não sei se você pode ter uma teoria sobre as relações professor aluno e elas se dão no chão da sala de aula. O dia dia gera experiência, a relação professor aluno se faz na operacionalidade da sala de aula e cada sala de aula é cada sala de aula, cada aluno é cada aluno e cada turma é cada turma. Então, eu acho que o principal desafio é você entender o universo, o universo muito complexo e heterogêneo que constituem os corpos discentes, eu acho que o professor tem que ter esta habilidade de compreender que uma turma do noturno é diferente da turma do matutino, que os alunos são diferentes entre si. E acho que o principal desafio é o da relação humana com o aluno, acho que esse é um grande desafio, a meu ver, não estão na tecnologia, não estão no conteúdo mas o grande desafio é possibilidade do professor criar relações humanas com seus alunos, que estas relações possam interferir positivamente na aprendizagem dos conteúdos.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância e de um curso de Pedagogia presencial?

Professor 5 Pres: Eu não teria a parâmetros para definir um curso de Pedagogia a distância porque nunca trabalhei nessa modalidade. A minha experiência sempre foi no presencial. Então o que eu vou tentar responder aqui diz respeito a especulações reflexões próprias, é do que venho lendo, localizando a respeito dos cursos na modalidade a distância. Eu acho que a principal diferença está na pergunta anterior. No curso presencial, existe uma possibilidade concreta do estabelecimento de relações humanas mais objetivas, talvez mais autênticas, porque a relação se dá corpo a corpo, a relação se dá no âmbito do empírico, no olhar, na fala, do contato no contato reflexivo. Os cursos à distância possuem essa limitação apesar de não ser contra a modalidade a distância, acho que o mundo avançou e a educação precisa acompanhar e se adaptar a esses avanços, mas eu acho temerário e arriscado que, por exemplo, um aluno recém egresso no ensino médio, sem experiência acadêmica possa ter

algum sucesso, eu tenho dúvidas no curso a distância do ponto de vista da sua preparação profissional e teórica. Eu acho que outra grande diferença é que a modalidade a distância inibe um aspecto que, para mim, é essencial na universidade que é o da pesquisa. O cursos presenciais, como eles estão alocados e articulados no universo acadêmico, eles são mais propícios para iniciar o aluno a ciência. Então, por exemplo, em cursos presenciais a operacionalidade da iniciação científica é muito mais viável do que os cursos a distância. E sem contar o contato acadêmico que o aluno estabelece em um trabalho de projeto de extensão, projeto de pesquisa, as atividades acadêmico científicas, assembleias, as semanas pedagógicas, de congressos. Enfim esse ambiente acadêmico científico talvez falte na modalidade à distância.

Você acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo do curso de Pedagogia presencial ou à distância? Porque?

Professor 5 Pres: Não é o mesmo, como eu vinha falando, nos cursos a distância há uma motivação muito individualizada e o aluno tem que se virar, praticamente sozinho, com apoio certamente de um tutor ou de um professor. Eu conheço suficientemente para dar num apoio pedagógico mais eficaz e então me parece que mesmo quando não é na modalidade a distância e parece que há uma lacuna na operacionalidade da aprendizagem a distância e o que não ocorre na modalidade presencial. Também é meio difícil você precisar porque na modalidade presencial pode ter deficiências na aprendizagem mas essas dificuldades podem ser sanadas pela presença física do professor que é responsável por aquele ou aqueles componentes curriculares.

Talvez não tenha na minha cabeça uma definição mais precisa e objetiva do que seja mediação pedagógica. Acho que a mediação pedagógica é relação professor aluno para além do tecnicismo. Para você ensinar, você precisa de técnicas mas as técnicas não podem se sobrepor a relação com o aluno. Mediação pedagógica, para mim, significa operacionalizar a relação professor aluno que ocorre dia da sala de aula, e a sala de aula é um composto, é o ambiente que contém toda uma cultura específica desde a lousa, o giz, o ambiente espacial como ele está organizado. Isso é mediação pedagógica e o professor tem que ter competência para organizar tudo isso.

O que para você é mediação pedagógica? Ela é importante? Por que?

Professor 5 Pres: A mediação pedagógica no curso presencial é muito diferente, porque eu estou trabalhando o conceito de sala de aula porque a sala de aula é espaço de aprendizagem

desde o século 16 e 17 na Europa, surgiu o exatamente como ambiente específico para o exercício dessa que a moderna Pedagogia, a contemporânea Pedagogia, chama de mediação pedagógica. Então as diferenças para mim são substanciais. Eu acho que a mediação pedagógica no curso a distância é feita quase que exclusivamente midiaticamente, utilização da tecnologia, quase que exclusivamente e posto que na presencial a mediação pedagógica, ela é mais completa, mais integral, os vários elementos que a gente entende que a escola, no sentido tanto da formação básica, quanto à formação superior.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso à distância? Se sim, em que se consiste essa diferença?

Professor 5 Pres: Eu disse anteriormente, um aluno que ingressa na Pedagogia presencial vai ter oportunidade em todo o percurso da sua formação de entrar em contato com diferentes variáveis, diferentes possibilidades de formação acadêmica, ele pode ingressar no projeto de extensão e pode ingressar um projeto de iniciação, ele pode participar concretamente da vida acadêmica e das atividades do seu curso promove mas especialmente congresso.

E essa diferença influi na qualidade do curso de Pedagogia?

Professor 5 Pres: Tudo isso é um universo que influi na qualidade do curso, seja ele de Pedagogia ou outro. Por exemplo, na semana passada, naquele período de manifestações do Brasil, o curso de Serviço Social e História aqui, no dia da manifestação, saíram às ruas. Fizeram uma aula pública ali na praça da Eletro e tudo isso compõe elementos formativos, soluções pedagógicas. Um aluno de história que conhece as cidades de Minas Gerais, as cidades auríferas no período do século 18 e vai viajar com um grupo de alunos com um professor, ele compõe o aspecto formativo que no curso distância parece que não.

Quais as principais dificuldades encontradas para desenvolver o papel mediador professor ?

Professor 5 Pres: Salas de aula lotadas, falta de disponibilidade, para preparar as aulas, uma carga horária intensa de trabalho, limitações físicas de muitas salas de aula, obstáculos mas ao mesmo tempo desafios que o professor tem para devolver o seu papel. Isso, no dia a dia, não é independente das estruturas. Eu acho que elas são importantes, institucionalmente, falando mas o professor sempre é o professor e o seu modo. Ele vai exercitar essa mediação menos acelerado e mais tranquilo. No sentido, por exemplo, de dar oportunidade para o futuro profissional se formar com calma com tranquilidade. De grande relevância para o futuro de qualquer país em desenvolvimento futuro crítico coletivo de qualquer país.

E para finalizar, na sua opinião, quais os desafios para construirmos o curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 5 Pres: Eu acho que o principal desafio é criar propostas curriculares que promovam uma formação reflexiva crítica o mesmo tempo técnica mas que não seja a tecnicista mas que seja fundamentalmente reflexiva.

Professor 6 EaD

**** *Prof_6 *S_Fmod_E id_3 exp_4

Porque você escolheu ser professora do curso de Pedagogia?

Professor 6 EaD: Foi a única faculdade que eu pude fazer na época.

O que pra você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 6 EaD: Que forme o professor com capacidade de realmente mediar o processo de ensino-aprendizagem, tornar um cidadão crítico, pensante, influente na sociedade.

Quais são os desafios que você encontra no dia-a-dia na relação professor-aluno?

Professor 6 EaD: Falta de respeito.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância e de um curso de Pedagogia presencial?

Professor 6 EaD: A única diferença que eu vejo é que na Pedagogia presencial aluno fica mais dependente do professor, a professora está ali o tempo inteiro, no curso distância nesse processo exige um esforço maior por parte do aluno, o aluno tem que estar realmente a fim de fazer a faculdade e se não fazer nada senão não vai valer. Tudo depende estritamente da vontade dele não necessariamente dessa forma, mas é o que mais vai diferenciar.

Você acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo do curso de Pedagogia presencial ou à distância? Porque?

Professor 6 EaD: O processo ensino-aprendizagem, para mim, eu vejo isso como o foco do aprendizado. Então depende do processo de aprendizagem. Qual o termo que a gente usa hoje em dia, processo de ensinagem? Talvez seja o grande problema da situação mas eu acho que sim, se não é, deveria ser. Tem algumas coisas que não ocorrem, acaba sendo diferenciado por estar a distância, ser através de uma máquina muitas vezes e tal mas o X da questão é mesmo o aprendizado do aluno.

O que para você é mediação pedagógica? Ela é importante? Por que?

Professor 6 EaD: Mediação pedagógica, ela sai da questão só de transferir o conhecimento, é a questão de quando dessa ponte mesmo que o professor tem com o aluno e o aluno com o professor. Seria a questão do vínculo entre um e outro, da troca diária, ela é importante sim, porque sem ela o aprendizado não acontece.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso à distância? Se sim, em que se consiste essa diferença?

Professor 6 EaD: Porque o curso a distância é na verdade tem ali a troca também pessoal, não pessoal diretamente, face a face. Está ali o contato indireto tempo inteiro, via bate-papo, até os recursos tecnológicos hoje permitem. A questão de um Skype, até faltar ele em outras questões então eu acredito que não em algumas instituições, infelizmente ela nem acontece, a gente sabe disso mas também existe instituições que ela acontece até melhor que no presencial.

E essa diferença influi na qualidade do curso de Pedagogia?

Professor 6 EaD: Esta diferença influi na qualidade do curso porque tem faculdades, como eu disse, que ela nem existe para o aluno, fazendo, vai lá e faz uma faculdade à distância e está na sala de aula com um tutor que deveria fazer a mediação, por exemplo, alguns cursos, sem citar nome, algumas instituições, que colocam 100 200 alunos de uma sala de aula de Pedagogia, liga vídeo aula e o aluno fica 4 horas. Assistir a mesma vídeo aula que ele tem na plataforma, ou seja, não precisa ir até lá mas ele vai porque lá teria o tutor que faria a mediação do conceito ali para ele poder assimilar e acomodar direito e as coisas no aprendizado dele realizar esse TCC porém é o tutor se limita talvez por sua falta de formação talvez por daí entra 1001 questões que não vem ao caso diretamente nisso. Se a gente for pesquisar é de baixo salário, de baixa valorização, de tudo, de não serviço como professor, baixo auto estima entre outras coisas que o professor não faz o papel que ele seria fazer a mediação. O que seria a medida ele senta na mesa o aluno vai e pergunta e ele muitas não sabe responder e esta mediação não acontece.

Quais as principais dificuldades encontradas para desenvolver o papel mediador professor ?

Professor 6 EaD: Eu acho, eu acredito que a educação, ela é um processo de ida e vinda a partir do momento que nós fazemos, que você passa a ser educador. Você tem que ir se colocar no lugar do aluno, se um dia você foi aluno e quando você faz esse processo inverso, você consegue ver a necessidade dessa mediação analisar como que deveria ter sido o processo com você. Como você gostaria que tivesse sido. Fazer essa prática para que ela

aconteça e acho que a grande dificuldade é essa, de professores colocar no lugar do aluno, lembrar que um dia ele foi aluno.

E para finalizar, na sua opinião, quais os desafios para construirmos o curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 6 EaD: Todos esses que eu falei anteriormente mas o principal disso é se antenar que nós estamos num tempo diferente. A gente saiu totalmente da casinha com essa era da tecnologia e os professores que estão na ativa ainda não sabem trabalhar com recursos tecnológicos. Com você, quando eu falo não é só data show, vídeo, essas coisas, é filmes e tal. Ele vai além de trazer as redes sociais e essa sim, dentro da sala de aula e também na faculdade. E a partir desse momento que a gente consegue visualizar essa prática essa vida mas a Pedagogia se ela ainda é uma formação arcaica e eu acho que isso é o mérito. Uma qualidade de ensino toda a tecnologia que a gente tem em torno do ensino a distância. Ele valoriza essa questão em onde a gente consegue fazer aqui melhor do que a Pedagogia presencial em alguns casos se a gente não fizer com qualidade, é lógico. Então eu acho que o grande desafio é incorporar essa nova realidade de aluno que é um aluno tecnológico hoje, high tech. Ele só consegue se colocar no lugar do aluno.

Professor 7 Pres

**** *Prof_7 S_Mmod_P id_3 exp_4

Porque você escolheu ser professor do curso de Pedagogia?

Professor 7 Pres: Eu trabalhei com, o início da minha carreira foi o professor há vinte e três anos, e eu trabalhei no CEFAM. CEFAM em Guaratinguetá foi a primeira experiência como profissional de educação. O CEFAM é um Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, uma experiência muito bonita, onde o curso é integral. Havia um processo seletivo para os alunos entrarem, havia ou famoso vestibulinho para os alunos serem selecionados. Os alunos recebiam um salário para estudar, e foi um projeto muito bacana, que por ser muito bacana ele acabou, infelizmente. É isso que acontece às vezes né, as coisas começam a dar muito certo e enfim. Mas teve uma durabilidade de mais de uma década, pega a reforma trazida pela lei de diretrizes e bases, pela LDB, o que na verdade desqualifica aos poucos o magistério em nível secundário, justamente qualificando ainda mais a Pedagogia, que por ser também sofrerá modificações para atender essa demanda diferenciada. Bom, então primeiro que eu tenho esse contato, a formação de professores no início da minha carreira, então quando um dado momento da minha carreira eu achei que deveria ter outras

experiências na área da educação, experiências essas tais como a coordenação pedagógica, eu achei que eu deveria partir para uma especialização, algum curso de pós-graduação ou mesmo mestrado. Mas na época eu optei fazer psicoPedagogia para acreditar, que como eu almejava a coordenação pedagógica, a psicoPedagogia me traria algum conhecimento interessante, significativo. E assim aconteceu. E foi nesse curso de psicoPedagogia aqui na Universidade de Taubaté que eu conheci alguns docentes que contribuíram de forma significativa com a minha carreira, com a minha formação. Dentre eles a professora Maria Teresa, dentre eles a professora Lídia Boal, professora Mércia que também, professor Mauro Castilho. Terminando... terminando a pós-graduação o professor Mauro Castilho acaba se afastando da sala de aula para assumir a diretoria do departamento de Pedagogia daquela ocasião e onde ele me chama por perceber algumas afinidades, naquela época conceituais, de correntes teóricas que mais ou menos nos percebemos mais próximos e autores que razoavelmente tínhamos em comum e apreciar, vemos esses mesmos autores e quando foi chamado para trabalhar no curso de Pedagogia, mesmo que eu tenha me estendido um pouco, mas por que faz sentido, foi algo realmente muito interessante mas que eu pude resgatar ou de uma maneira desafiadora, naquele momento, a formação de professores. Entendo então que quando eu tenho a oportunidade de trabalhar no curso de Pedagogia, e eu fiz durante 13 anos, entende como sendo uma oportunidade única, singular, muito substancial, no tocante à possibilidade de contribuir para a formação de futuros educadores. Então mesmo que minha atividade docente no ensino superior não esteja, no momento desta entrevista, vinculada ao departamento de Pedagogia, mas eu tenho certeza que, insisto em dizer, trabalhar na formação de professores significa, ao meu ver, acreditar na possibilidade transformadora da educação. Então trabalhar especificamente no curso de Pedagogia existe o otimismo pedagógico, exige me parece, que a manutenção de uma utopia transformadora.

O que para você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 7 Pres: Penso que a Pedagogia atualmente, com três vertentes muito claras, com três linhas que se entrecruzam de uma maneira muito clara, a Pedagogia, ela necessariamente hoje tem um campo de atuação interessante, um campo de atuação diferenciado. Mesmo que tenhamos que discutir o tempo todo pela dinâmica da nossa realidade, discutir currículo e carga horária sobre o formato desse curso. Mas é, quais seriam essas três vertentes? Basicamente nós temos que pensar no curso de Pedagogia que precisa ter uma um conteúdo e por isso uma reflexão das disciplinas que compõem que podemos chamar de

fundamentos na educação. E quais seriam elas? História da educação, Sociologia da educação, Filosofia da educação e por que não dizer também, a própria psicologia. Uma outra vertente são os estudos necessários a respeito da gestão e a importância de se refletir sobre as possibilidades dessa gestão se concretizar materialmente. E obviamente uma terceira vertente que não, não menos importante, muito pelo contrário, as três justamente para se consolidar um curso de Pedagogia de qualidade, essas três vertentes devem estar de uma forma sintética e numa harmonia na qual não se concorre, mas se complementam. E essa terceira vertente se refere ao aspecto prático do curso de Pedagogia. Me refiro então as metodologias: a Língua Portuguesa, Artes, Ciências, História e Geografia e ainda associado à prática do estágio. Então me parece que um curso de Pedagogia é aquele que consegue justamente num esforço de síntese criar um diálogo entre fundamentos gestão e as disciplinas de caráter mais prático.

Quais são os desafios que você encontra no dia-a-dia na relação professor-aluno?

Professor 7 Pres: Me parece que os maiores desafios estão ou se encontram na necessidade que nós temos de nos atualizar. Não ao contrário até do que alguns colegas venha dizer, nos atualizar, não no ponto de vista do conteúdo e do conhecimento somente. É lógico que esse é um desafio, mas é um desafio que em qualquer época, e pela velocidade do conhecimento e das pesquisas esse me parece ser um desafio interessante, mas não é o único. O que é mais realmente desafiador é você recuperar os canais de diálogo, os canais que nos aproximam, que faz com que de alguma forma aluno e professor consigam estabelecer relações mais sensíveis, relações mais próximas, isso me parece mais desafiador: relações que podem ser extremamente profundas, significativas. Aí está o desafio. O conhecimento é desafiador, mas mesmo que mude há veículos que possibilitam o acesso a esse conhecimento. Mesmo que veloz, há cursos tecnológicos que hoje não que nos lançam, eles abrem oportunidade que até pouco tempo não, não tínhamos. Hoje se faz um doutorado sem sair de casa, e não tô falando de doutorado distância, tô falando da possibilidade de ter acesso à documentação disponível. E você consegue ali no seu escritório escrever um milhão de coisas de qualidade. Então o que é realmente desafiador, que era precisar frisar, era recuperar a humanidade das relações entre humanas como eu costumava dizer.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância de um Pedagogia presencial?

Professor 7 Pres: Me parece que as diferenças que podem inicialmente ser óbvias, eu coloco em xeque que diferenças óbvias que são essas, exatamente a presença e a distância. Parece óbvio de um lado eu tenho um aluno na minha frente e do outro lado eu tenho um aluno a 200, 500 quilômetros e aí tanto faz, porque quando eu falo de internet eu não falo de um lugar né. Então eu tenho questionado essa diferença óbvia, essa obviedade, por que a distância entre pessoas não está mais na presença física. Eu posso estar distante estando perto, e perto estando distante. Eu gosto de recuperar, por mais que pareça démodé, eu gosto sempre de recuperar o pensamento muito bonito de Rousseau, filósofos do século XVIII, livro A nova Heloísa ele coloca que amar é estar unido, mesmo que separado. Então do mesmo jeito que para o amor não existe distância, a presença de alguém sou eu quem qualifico e isso subjetivamente o quanto no caso em questão o aluno é presente para mim e o quanto essa presença é significativa e deve ser considerada, amada, respeitada. Observada isso na verdade, modifica ao meu ver, inicialmente, dizia ser óbvio. Então eu posso ter uma relação com um aluno à distância pelo computador na qual a minha vida está presente na dele e a dele na minha de tal maneira que, é, um professor presencial talvez não consiga com a mesma qualidade. E ao mesmo tempo o contrário também é verdadeiro: o professor presencial por ter ali o corpo que precisa, do afeto, do toque, do olhar, do abraço, essa sensibilidade, ele tá ali ao seu alcance. Então se de um lado eu posso ignorar o meu aluno presencialmente ou a distância, por outro eu também posso amá-lo presencialmente ou a distância. A dificuldade talvez esteja que tamanho é essa distância que eu estabeleço, quais são os mundos, quais são os obstáculos que eu estabeleço para me relacionar com esse aluno.

Acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo no curso de Pedagogia presencial ou à distância? Porque?

Professor 7 Pres: Eu não acho que seja o mesmo por algumas questões que a gente pode levantar. Primeiro que me parece que ainda o público é diferente, e parece que o público presencial é de alguma forma de pessoas que têm um tempo maior para estudar, que consegue ter o deslocamento, que consegue e aprecia, ou de repente necessita do acompanhamento mais sistemático do professor que fala, que acompanha e tal. Eu, e me parece que mesmo que isso tenha mudado, que quem procura os cursos a distância é que um dos maiores vilões talvez seja o tempo disponível para o estudo. O tempo disponível, mesmo que isso seja uma via de mão dupla e haja a possibilidade de se contradizer tudo que estou acabando de afirmar, justamente o cara de repente percebe que o tempo disponível dele pra estudar ele não quer

perder tempo no trânsito e por isso ele tem que estudar em casa. Porém eu acho que o processo (Na verdade a diferença né isso a diferença é a 13 ainda né que a gente tá falando Sim estamos na 13 ainda não agora na catorze) mas o processo é diferente porque eu penso que a distância exige uma autonomia que talvez presencialmente a heteronomia é que seja ainda mais presente nas relações. O aluno presencial ele tende a ser ainda mais heterônomo que autônomo e há uma exigência do aluno à distância nesse sentido. Me parece que o aluno à distância ele necessariamente ele precisa amadurecer com maior velocidade que o aluno presencial, justamente pela facilidade dos professores estarem ali. Então eu acho que o processo é diferente, o que não significa necessariamente na qualificação ou desqualificação de um ou de outro, apenas diferentes. E me parece que essa questão da heteronomia e da autonomia seja algo que deve e que merece uma atenção. Alunos presenciais tendem a ser, tendem a esperar mais, aguardar mais, a confiar e não sentido moral, confiar mais no professor porque ele vai me dar uma aula e eu estou aqui nesse momento e à distância esse desenvolvimento da autonomia me parece uma exigência mais presente, mais desafiadora inclusive.

O que pra você é mediação pedagógica? Ela é importante? E por que?

Professor 7 Pres: Pois é, que legal né, a gente pensa mediação pedagógica, a própria palavra por si mesma ela se auto explica né, quando de alguma maneira existe por meio de alguém ou de algum recurso algo que vai proporcionar um veículo, um meio que vai proporcionar o aprendizado de algo entre quem ensina e quem aprende, a maneira com que isso acontece, nós podemos caracterizar com recursos tecnológicos ou não. E aliás discutir tecnologia parece ser um outro debate. A mania da gente falar de tecnologia pensando em computador, em plataforma mundo. Giz é tecnologia, a quadro tecnologia, a caneta é tecnologia. Mas me parece sim que é entre o ensino e aprendizagem, que me parece algo tão mecânico e até banalizado. Ensino-aprendizagem até colocado com o hífen como se como se começasse e terminasse de uma forma mecânica. Então existe mediação para que aquilo que se pretende ser ensinado seja aprendido. Acho que uma educação a distância, se nós pegarmos, sei lá, fundamentalmente ali, se buscarmos as bases que possam fundamentar esse ensino a distância, eu me arrisco até em dizer de uma forma em que medida ousada, os tutores que sejam, professores ou por que não dizer os mediadores em alguns lugares, até facilitadores do conhecimento, nós podemos pensar em até, em com base em Vygotsky a zona proximal de conhecimento quando se aquela percepção em que as pessoas são capazes de desenvolver

alguma coisa, mas precisa desenvolver por si só, precisam da mediação. Então me parece que que ousadamente que a ideia de mediação está vinculada à uma reflexão lá de Vygotsky em que as pessoas podem conseguir algo que podem conquistar em determinados níveis de conhecimento, desde que haja uma boa mediação. Não sei se responde ou não, se foi tão claro.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial de Pedagogia a um a distância? Se sim, em que consiste essa diferença?

Professor 7 Pres: É de certa forma a gente até conversou realmente o sobre isso ali na 13, na 14 também, como o processo e tal. Então a mediação ali vai ser diferente, eu acho que sobretudo pela maneira em que se dá o tratamento do conhecimento em si: de um lado eu tenho ainda muito mais presente aquela aula no seu estilo mais clássico, aquela aula onde se explica onde as coisas são explicadas mesmo que o aluno tenha a possibilidade de discussão de debate em fim de se colocar numa postura mais crítica e tal. Ali diante do professor, mas ainda há uma, ainda há uma tendência do professor que fale e de um aluno que escuta, aí dá a tendência de um. E no caso da educação a distância, a mediação acontece por meio da tecnologia disponível, da qual aluno ele vai precisar saborear outros conhecimentos inclusive para se poder fazer críticas diante daquilo que ele está realmente querendo aprender. Então ele vai precisar de conhecimentos auxiliares. Eu tenho que dominar bem a plataforma que eu uso para poder entrar no chat, tenho que dominar bem para poder justamente conseguir discutir com meu professor, com o meu tutor que seja. Então a mediação é diferente pelo fato de que, inclusive eu tenho demanda de uma escrita, uma certa velocidade de raciocínio para poder participar, que seja das salas de discussão, que seja de outros espaços possíveis nesse processo de formação a distância, em que na sala de aula as coisas se resolvem razoavelmente pela oralidade. Então levantar a mão e fazer a pergunta se estabelece, naquele momento, um tipo de relação na qual a mediação é muito mais simplificada, muito mais praticamente direta e paradoxalmente imediata do que por meio da Educação à Distância por conta mesmo do que a gente, do que eu acabei de apresentar.

E essa diferença influi na qualidade do curso de Pedagogia?

Professor 7 Pres: Pois é né, pode ser que sim, pode ser que sim. Porém uma linha filosófica que eu acredito, que eu aposto ainda, é que uma leitura que me agrada bastante que é o existencialismo Sartre, Jean-Paul Sartre e por meio dele eu tento repensar e revisitar possibilidades do sujeito como aquele que uma vez incondicionalmente livre se compromete e

se responsabiliza por todas as suas decisões, uma vez constituindo desse sujeito materialmente concebível em meio às suas condições de vida de classe eu posso dizer que mesmo que possa comprometer a educação à distância, uma vez que a qualidade perpassa a consciência do sujeito que cursa, mesmo que haja uma tendência de diminuir ou sei lá de desqualificar um curso à distância, esse sujeito pode obter muito mais conhecimento no curso a distância do que no curso presencial, onde palavras mais simples (uma vez que depende do sujeito ele pode decidir sobre a qualidade daquilo que se propõe a fazer) agora me parece obviamente que a mediação paradoxalmente imediata no curso presencial pode e parece facilitar, desde que haja esse olhar atento do docente. Pode facilitar esse processo de maneira a conscientizar esse aluno a estar, eu detesto o termo conscientizar! É um termo rigoroso, impositivo, “vou conscientizar” como se eu pudesse entrar na consciência das pessoas, mas o minimamente mostrar outras possibilidades ali. Dessa forma mais imediata, dessa forma mais, sei lá, até informal e questionando a postura, questionando interesses e tal e me parece que a distância, posso estar errado, como os processos são outros, e também depende bastante do interesse do discente. E tem uma intervenção diferenciada, mas pontual dos de instrutores ou dos professores, que seja. Então talvez inclusive pelo público ainda diferenciado os cursos a distância, Pedagogia em questão aqui, a distância pode ter ainda uma qualidade, não esteja ainda no mesmo nível, mas o que não significa que não possa estar e até superar, considerando novamente o início da minha fala, a valorização que eu atribuo e superestimo, mesmo a qualidade subjetiva de cada um. De repente eu estou num curso presencial onde eu tenho público absolutamente desinteressado, aí tem nada que eu faça que me esforce que eu consiga atingir aquele público. E eu tenho público maravilhoso à distância. Então por mais que haja uma tendência percebemos que as tendências não são arbitrárias, elas são movimentos, são movimentos mas que podem ter rupturas, que podem ter falhas. São movimentos que podem ir e vir. Há uma tendência ainda dos cursos à distância não conseguirem abarcar a totalidade do conhecimento que se pretende no curso presencial me parece ainda ser uma tendência, mas não é arbitrário demanda desse sujeito, demanda da qualidade do professor tanto no presencial quanto à distância.

Fale sobre as dificuldades encontradas para desenvolver o papel de mediador professor.

Professor 7 Pres: Toda vez eu penso sobre isso, todo tempo penso sobre isso. As dificuldades elas estão, sobretudo, acredite, nos preconceitos que estabelecemos quando entramos na sala numa sala presencial ou numa sala virtual. Nós temos que nos despir dos preconceitos que

temos, nós temos que renovar. Eu acho que esse é o desafio do educador. E tem que renovar a utopia, da possibilidade da construção de uma educação transformadora. Quando nós entramos na sala de alguma forma, prêmio desses preconceitos que a sociedade e os processos sociais e o estado desinteressadas, enfim, toda essa questão, esse mundo sistemático em que vivemos, se nós não conseguimos nos despir esses preconceitos, olhar o aluno sempre com alguém extremamente dependente de mim, que eu decida aquilo que ele deve ou não fazer, deve ou não falar e tal, a maior dificuldade me parece eu conseguir olhar o aluno como alguém capaz alguém que pode tanto quanto eu alguém, que pode mais do que eu, alguém que pode me superar. E a grandiosidade do mestre é se perceber superado. Me parece que é sábio eu me perceber superado, me felicitar por isso. A educação faz sentido quando os educandos superam. Não adianta criar uma sociedade de escravos e a minha felicidade ser maior, eu tenho que justamente criar uma sociedade de pessoas livres. Então me parece que a dificuldade não é material, a dificuldade é cultural, a dificuldade ela transcende a materialidade tanto que daí a gente volta no início da nossa conversa e eu dizia que a distância, eu gosto de (mesmo que isso não contribui exatamente com a com o material que você vai coletar) eu tenho uma irmã que mora na Polônia e somos muito próximos, muito próximos. E de repente eu poderia ter um outro irmão que mora na rua de casa e sermos muitos distantes. Então me parece que a dificuldade não é material, não é a quantidade de alunos, mas está mesmo na nossa capacidade de nos despir daquilo que nos distancia do outro.

Em sua opinião quais os desafios para construirmos um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 7 Pres: Me parece que são três desafios: O primeiro desafio é um movimento mercadológico. O movimento de mercado atual nos obriga, não que em outros tempos isso não existia, mas atualmente com um apelo muito mais forte, nos obriga a buscar aquilo que dá dinheiro. Então quando a Pedagogia se propôs o curso de Pedagogia os especialistas em educação docentes e pesquisadores se propuseram a pensar um curso de Pedagogia mais dinâmico, um curso de Pedagogia com currículo mais renovado e tal foi obviamente claramente para atender uma demanda de mercado. Então apelo mercadológico que é o primeiro item pode ser uma grande armadilha, porque a medida (é lógico que para ter educação é preciso de professor, mas eu preciso de professor sendo formado numa velocidade absolutamente desnecessária) então quando nós aceleramos os processos de formação a distância ou presencial, me parece que isso é um risco a perda de qualidade. Então primeiro

problema é mercado, é a gente conseguir conciliar qualidade do currículo das relações e ao mesmo tempo satisfazer os anseios e demanda de mercado. O segundo item é uma exigência que acompanha essa velocidade que as coisas têm acontecido dessa nossa modernidade líquida, onde o imediatismo o agora centrismo povoa a cabeça das pessoas, onde as pessoas são levadas a crer que ao assimilar as técnicas disso ou daquilo, saber fazer algumas coisas eu já me torno um profissional competente ou me tornarei um profissional competente. Quanto mais cursos fizer e assim por diante. Estou falando do que especial como o segundo ponto os currículos se tornando mais ligeiros a educação foi aos poucos se tornando mais rasa. Então me parece que o segundo desafio está em resgatarmos a profundidade do conhecimento, as experiências humanas precisam ser mais profundas, mais sólidas. E o terceiro, claro, o terceiro daí é a informação propriamente dita. O conhecimento em formação/conhecimento se transforma em conhecimento o conhecimento que necessita da informação para se consolidar porque diante da velocidade das coisas. O número de pesquisas cada vez maiores (e que bom que as pesquisas tem crescido cada vez mais) um percentual cada vez mais atrativo de pessoas buscando o mestrado, doutorado e tal. Eu acredito, sem dúvida alguma, que esse é o terceiro desafio os formadores: estarem suficientemente atualizados para formar pessoas atualizadas. A velocidade é tão grande que cursos hoje longos correm o risco de formações do começo do curso estarem defasadas no final do mesmo curso. Então esse é um terceiro desafio. Uma Pedagogia de qualidade ou qualquer outro curso de qualidade, aquelas pessoas que estão vinculadas a esse processo formativo devem estar bastante atentas aos apelos de mercado a profundidade das relações do conhecimento da experiência Educativa e a necessidade de atualização do conhecimento transmitido.

Professor 8 EaD

Prof_8 S_Fmod_E id_2 exp_2

Por que você escolheu ser professora do curso de Pedagogia?

Professor 8 EaD: Na verdade a minha formação em Pedagogia me possibilita trabalhar com as disciplinas pedagógicas não só nos anos iniciais, mas no ensino superior também. Então foi bem uma escolha, foi um caminho foi uma porta que abriu ao longo do mestrado e já com a tutoria com a Educação a Distância. Estou desde então.

O que, pra você, é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 8 EaD: Um curso de Pedagogia de qualidade pra mim, eu vou me basear pela minha formação. Quando eu terminei meu curso de Pedagogia, eu não me via enquanto professora.

Eu tinha uma lacuna, a princípio, eu vi isso como um ponto negativo. Eu me formei. Acabei de me formar, de sair de uma universidade e eu não sei dar aula. Mas com o tempo eu vi que isso era um ponto positivo, porque o processo formativo me fez pensar que eu precisava de mais, que não é só a formação que dá base para a gente ser um bom profissional. A gente precisa da prática e precisa dos nossos colegas, de ajuda, de apoio de conversar com as pessoas, ter alguém que nos ensine. Então, hoje, eu penso que o curso de Pedagogia precisa. Um bom curso te ajuda a pensar no que que você quer no que você quer ser. A ter compromisso com aquela profissão. O que é Pedagogia? Ela te abre mil portas. Você pode ser professor nos anos iniciais, você pode ser diretor e você pode trabalhar em empresa juntamente com o recrutamento de pessoas. Você tem alguns espaços nos hospitais, então, quando você tem um leque de possibilidades na sua frente, com a formação de qualidade. Você pode atuar naquilo que você tem mais afinidade e buscar uma formação complementar. Todos os outros requisitos que eu comentei para você ser um bom profissional. Começar a crescer, não que você saia do curso de Pedagogia já um bom profissional. Mas que você tem consciência de que você precisa melhorar, continuar buscando. Mas já tem um caminho definido. Isso que eu quero fazer? Então, vou fazer melhor que eu posso.

Quais são os desafios que você encontra no dia a dia na relação professor-aluno?

Professor 8 EaD: Eu não trabalho no sistema presencial já faz um bom tempo. Então, a minha referência é à distância. Como tutora, minha relação com aluno, eu vejo que ela é muito boa. Eu sou a linha de frente da EaD. Sou eu que lido com o aluno tempo todo. Mas sempre tem um professor por trás, tem toda uma equipe, secretaria e tudo mais, mas a tutora é linha de frente, então, o relacionamento com o aluno se dá por mensagem, basicamente, por mensagem. Então, é a forma como você escreve e trata esse aluno por meio daquilo que ele lê. Eu já tive vários casos de escrever uma mensagem enorme e dentro dessa mensagem de uma palavra assim: reprovação e aluna me responde. Professora, você disse que eu vou reprovar na tal disciplina, você não está contribuindo para minha auto-estima. E aí eu respondo para ela: “olha o tamanho da mensagem que eu mandei para você te explicando tudo e como eu estou te mostrando que eu estou preocupada, que eu estou aqui para te ajudar e não o contrário”. Então depende muito da comunicação que o aluno tem com o professor, nesse sentido da escrita, como você escreve, como você interpreta isso e não tem problema. Ele pode interpretar de uma forma e você tem chance de esclarecer aquilo melhor, mas a principal forma é a escrita.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância e de um curso de Pedagogia presencial?

Professor 8 EaD: O curso de Pedagogia presencial, eu penso, que as coisas se tornam menos abstratas quando um aluno tem dificuldade por exemplo de entender que ele não pode copiar um texto simplesmente como resposta dele, é o caso do plágio. O presencial, eu acho que você tem uma forma de explicar isso um pouco melhor. Utilizando mesmo a lousa, desenhando, enfim, explicando um pouco melhor na prática de forma coletiva. E quando um não entende, o outro imediatamente já pode auxiliar. O presencial não é só aluno e professor, ele tem outros alunos. Então, é um conjunto de pessoas que se ajudam. Na EaD, a interação tem esse problema. Ela se dá só entre o aluno e professor, na maioria das vezes. Não que nos outros casos ela não aconteça. Então eu penso que a dificuldade é exatamente essa, nas soluções dos problemas. Assim, quando o aluno não entende alguma coisa, a gente tem que pensar em mil estratégias para que ele consiga entender determinada coisa. Utilizar recursos e linguagens. Não que no presencial isso não aconteça. Mas eu acho que na EaD isso se expande mais. Talvez eu demore mais para alcançar esse aluno, no presencial talvez duas, três estratégias eu já consigo alcançar maioria dos alunos. Na EaD, já é um pouco difícil, uma estratégia para um, pode não funcionar para outro e eu tenho que pensar em 30 estratégias para cada um aluno. É uma hipótese.

Acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo no curso de Pedagogia presencial e a distância? Por que?

Professor 8 EaD: O processo ensino-aprendizagem, ele não depende só da modalidade de ensino, se ela é presencial ou a Distância. Ela depende bastante do aluno. Eu tenho um certo receio em cursos EaD para primeira graduação. Justamente por isso, porque o processo de ensino e aprender, mais de aprendizagem do aluno na EaD é bem abstrato. Ele não conhece a área acadêmica, como que ele tem que se comportar, como escrever um texto, ele não tem essa vivência. Em uma segunda licenciatura você já tem essa noção. Então eu acho que também são coisas diferentes que a gente tem que pensar. Então, pensa numa primeira graduação, diferença entre presencial e EaD. Eu acredito que é bastante. Meu aluno na EaD tem que ter autonomia, ele tem que ser organizado, ele tem que ter perfil para EaD mas ele não pensa nisso. E as instituições às vezes também não. Eles pensam muito na questão financeira, enfim, o aluno também na questão financeira porque é um curso de baixo custo, é o que tem mais perto da casa dele. Então, assim, não que eu não acho que tem que ter eu acho que tem

que ter sim! Mas que precisa ficar um pouco mais claro: Olha você quer ser aluno de EaD então você tem perfil para isso: não tem mas eu tenho condições de me adaptar então eu posso me organizar, o meu horário flexível mas eu preciso de tempo porque a diferença é, no presencial você tem aula de segunda a sexta de 7 da noite às 10. Uma pessoa trabalha o dia inteiro, se organiza para aula. A única diferença é que ele tem horário flexível. Então ele tem uma segunda de manhã livre, uma quarta à noite, numa quinta à tarde mas ele precisa ainda tem tempo, porque se o discurso do aluno fala sair eu faço muito bem que eu não tenho tempo não é compatível com a ideia, então eu acho que é ideia dela é um pouco, as pessoas, algumas pessoas, pensam que é uma transposição presencial, não é. E outras pensam que é uma forma mais fácil e também não é. Ela tem assim especificidades que a gente tem que levar em consideração quando a gente opta por ela, nem tanto para trabalhar quanto para estudar então tem diferença de várias coisas de custo de organização da forma que você se organiza para estudar, como você aprende como você ensina tem bastante diferença.

O que pra você é mediação pedagógica? Ela é importante? E por que?

Professor 8 EaD: A mediação pedagógica, ela é fundamental. Vou pensar assim, no extremo, uma pessoa que é autodidata, ela faz parece que ela faz a sua própria mediação, quando ela lê um texto, quando ela pega um violão para aprender uma música, e se tem alguma coisa aqui que a facilite nesse processo ou então ela recorre a vídeos ou seja, isso é um processo de mediação. Quando ela recorre alguma coisa que explica aquilo para ela, ela tá fazendo um processo de mediação e tanto na EaD quanto no presencial isso é fundamental porque o aluno ele chega sem entender a cultura acadêmica. Então mais o papel basicamente é esse de ensinar cultura acadêmica, de passar como que funciona o sistema e fazer com que ele tem uma postura crítica sobre isso sobre o que é passado, para ele não só sendo mero receptor do que a gente faz então a mediação, ela vem pra isso, pra problematizar questões, pra instigar o aluno a ir além, a sair do senso comum, porque senão ele vai ler um texto por ler e não avançaria então a mediação ela vem justamente para tirar meu aluno de um determinado ponto e ir até outro.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso à distância? Se sim, em que consiste essa diferença?

Professor 8 EaD: Acredito que alguns pontos da mediação seja diferente justamente porque eu comentei um pouco antes, como a gente não tem um dinâmico vínculo, posso chamar de

vínculo, assim na sala de aula com outros alunos ou professor na EaD, as estratégias de mediação, eu acho que na EaD ela é mais incisiva. Ela precisa ser mais incisiva porque senão a coisa não acontece. No presencial parece que o aluno é um pouco mais comprometido, ele vai mais até o professor, então a coisa parece que vai um pouco mais. Na EaD parece que é um movimento contrário, as pessoas que pensam e fazem EaD elas precisam estar fazendo o movimento inverso: chamar o aluno ir atrás dele ver se ele está com dificuldade. Acho que é um pouco do movimento inverso me parece

E essa diferença influem na qualidade do curso?

Professor 8 EaD: Depende. Independente de como a mediação aconteça ela precisa existir se ela não existe não tem como Influenciar, se ela existe também influencia. Então não é um padrão de mediação, cada instituição vai se organizar de uma forma e aí vai medir aonde que vai dar certo onde precisa ser modificado porque também nem na EaD e nem no presencial é 100%, há lacunas e a gente vai tentando sanar as suas lacunas.

Quais são as dificuldades encontradas para desenvolver o papel de professor mediador?

Professor 8 EaD: A dificuldade eu penso que é como as ferramentas da EaD. A gente não explora como deveria ser. Ferramentas, eu sei e defendo também que a principal ferramenta seja a caixa de mensagens individual, mas há outras, fóruns, a própria Wiki ou qualquer outro tipo de ferramenta que você tem. Ainda que ele te auxilie a fazer uma determinada atividade, ela proporcionam uma mediação. Quando a gente não sabe usar essa ferramenta, a gente não consegue fazer uma boa mediação a gente fica presa o único padrão de mediação que é a conversa e tal individual ou em grupo de acordo com as demandas. E aí eu acho que não espante muito a interação entre os alunos com alunos. Então eu acho que precisa pensar um pouco e ter uma formação para lidar com as ferramentas. Quando a gente pensa numa sala, pensa num curso, enfim, o que que vai estar naquela plataforma como que vai funcionar. A gente tem que conhecer os recursos, senão eu acho que a gente fica muito preso ao presencial e aí fica com essa ideia de transpor assim no presencial “ah, eu vou dar esse texto, esse texto lá na EaD também”. Mas aí como que você vai trabalhar esse texto? “Eu vou dar perguntas, eu vou fazer seminário.”, “Ah, mas na EaD não tem seminário”, “Então eu vou dar perguntas”. Será que não tem jeito de fazer um seminário, sabe na EaD também? Mas de um outro formato, não é o seminário que a gente tá acostumado, que o aluno vai lá na frente e apresenta, tem outras possibilidades, mas aí só se a gente conhecer os recursos.

Em sua opinião quais os desafios para construirmos cursos de Pedagogia de qualidade?

Professor 8 EaD: Desafio é ter uma equipe não é só qualificada conformação mas que entenda o que que é a educação a distância o que que ela precisa, qual é o perfil do aluno. Uma das minhas experiências na EaD na outra instituição eu percebi que o perfil de aluno da EaD não é aquilo que a gente imagina. Não são jovens que tem facilidade com os recursos tecnológicos pelo contrário, são pessoas, vamos dizer assim, com 30 anos ou mais, já casados, com filho, que não teve a oportunidade de estudar ou está retomando os estudos. Então ele tem dificuldade tanto quanto nós de utilizar essa plataforma de estudos, de se organizar naquele ambiente. Então pra ter qualidade nesse sentido a gente precisa ter uma equipe que pensa e faz EaD, EaD, não presencial. E o aluno precisa como que funciona esse sistema, ele precisa avaliar se ele ta de acordo, ele não pode simplesmente pensar que vai fazer um cursa EaD porque é mais fácil, porque é mais barato, porque isso não garante a qualidade da formação dele. O que garante a qualidade da formação dele é ele se dedicar àquilo que ele se propôs a fazer, seja presencial ou EaD. Se ele se inscreveu num curso que tem aula todos os dias e ele não precisa ir todos os dias, na EaD se ele entender que ele precisa entrar todo dia no e-mail dele ou na plataforma pra ver se tem alguma coisa, ele ta criando uma cultura de organização do seu estudo, e é isso que precisa pra ter qualidade.

Professor 9 EaD

**** *Prof_9 S_Fmod_E id_3 exp_2

Porque você escolheu ser professora do curso de Pedagogia?

Professor 9 EaD: Na verdade foi assim, David, eu era aluna da Pedagogia da professora Ana Reis, lá em Jacareí, e depois que eu terminei a Pedagogia eu fui procurar ela porque eu queria fazer mestrado e queria, tanto ser coordenadora de escola, quanto dar aula no ensino superior. E daí ela me mostrou os cursos de mestrado que tinham. Depois eu fui para a PUC fazer processo seletivo. E aí ela me convidou para ser professora do curso de Pedagogia lá em Jacareí. E principalmente porque eu queria fazer a pesquisa nessa área e queria trabalhar com a formação de professores. E daí aconteceu isso comecei a dar aula de Pedagogia lá e depois vim para Taubaté.

O que para você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 9 EaD: Eu acho que um curso de Pedagogia de qualidade é aquele que consegue articular bem a formação do futuro professor com as questões da prática que consiga fazer o aluno refletir sobre essa importância da docência de verdade, mas na prática então se ele vai ser um professor de educação infantil, quanto dos anos iniciais, que ele consiga fazer essa transposição do que ele estuda na universidade com a realidade da escola, da escola pública, que ele saiba o que fazer quando entrar de fato na sala de aula. Acho que esse é um grande mal dos cursos de Pedagogia de modo geral, essa dificuldade em acompanhar os alunos no estágio, acompanhar os alunos na inserção profissional. Eu acho isso ainda um grande nó. Se a gente conseguisse sanar esse nó, a gente conseguiria contribuir com uma formação de qualidade uma formação inicial de qualidade.

Quais são os desafios que você encontra no dia-a-dia na relação professor-aluno?

Professor 9 EaD: Eu acho que tem algumas questões que a gente tem observado nos cursos de graduação principalmente, que a grande maioria dos alunos que vem procurar o curso de Pedagogia, por exemplo, são alunos trabalhadores, então eles não conseguem se preparar para as aulas, eles não conseguem ler os materiais, eles têm, além dessa questão de preparar as aulas, que ler antes da aula e fazer atividade depois da aula, tem outra questão também, que é questão de repertório. Os alunos, bem, por exemplo com muita dificuldade escrita, de entendimento, interpretação dos textos, muito difícil fazer interpretação sozinha sem uma mediação de fato do professor, sem uma intervenção direta, sem o professor sinalizar “Olha, presta atenção nisso presta atenção naquilo”. Então hoje tem vindo cada vez mais alunos com essa dificuldade também, entende, de interpretar e depois de fazer a transposição conceituais para o dia a dia na sala de aula. Então acho que essas são duas questões importantes, eu vejo na relação professor-aluno nos cursos de formação.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância e um curso de Pedagogia presencial?

Professor 9 EaD: Eu penso aqui de verdade, acho que na formatação do curso. Então o curso presencial existe um currículo que ele é pensado de forma linear que o aluno passa pelos semestres, ele tem várias disciplinas acontecendo ao mesmo tempo. Essa questão do formato de organização curricular, de vir todos os dias, de ter o tempo que ele tem que virar na universidade e ter as aulas. Enquanto que no curso EaD parece que o currículo é um pouco mais flexível, no sentido de que ele não tem várias disciplinas acontecendo ao mesmo tempo.

Em geral as disciplinas são modulares, então ele faz uma disciplina e depois ele vai para outra, mas não acontecem ao mesmo tempo. Penso que os materiais em EaD eles têm que ser pensados com mais antecedência pelo professor. Então acho que isso é uma diferença bastante grande que a gente tem visto no presencial, é que embora você faz o planejamento de uma disciplina e ela acontece por exemplo ao longo de um semestre ou longo dos anos nos cursos anuais, conforme vai acontecendo o curso às vezes o professor toma a decisão de incorporar o material, mexer no sistema de avaliação, pensar de uma forma diferente. Na EaD esses planejamentos me parecem que acontece, o planejamento um pouco mais anterior, mais fechado, não no fechado de sítio de ser enriquecido mas de ser bem melhor articulado, com antecedência, ressocializado melhor com os alunos no curso presencial. Às vezes eu vejo que o aluno acaba sabendo o que vai acontecer minutos antes de acontecer ou com no máximo uma semana de antecedência numa disciplina, em EaD o aluno tem a visão da disciplina no começo dela. Então quando ele começa aquela disciplina ele já tem uma noção do que vai aprender em cada unidade, do que ele vai ter que ler e daí ele pode ter um pouco mais de autonomia para se organizar, para se preparar antes para fazer as atividades no tempo que tem. Então ele já planeja quanto tempo ele tem que destinar para ler o material, para pensar. Na atividade, se ele tem que fazer uma atividade na escola ou na comunidade ele consegue se organizar com mais antecedência, o que acaba não acontecendo no presencial, embora devesse né. Na relação no dia a dia do professor um professor dá uma atividade hoje para semana que vem, ele tem que se virar naquela semana para tentar correr atrás daquela atividade, enquanto na EaD ele entrar direitinho na sala ele consegue ter uma noção geral de todos os atividades que ele tem que ver. Uma outra coisa que eu percebo no dia-a-dia dessas duas modalidades é que nem sempre todos os alunos falam com o professor no ensino presencial. Então numa sala presencial, por exemplo quando o professor está explicando alguma coisa ou conversando com os alunos ou propondo atividades sempre a gente tem um pouco na sala daqueles que falam muito todas as aulas e tem o grupo daqueles que não fala nunca. Então enquanto professor do presencial não usar estratégias para que todos se posicionem, por exemplo na sala, sempre vai ter os caras que falam os alunos que falam muito e os alunos que falam não falou nada. Eu não quero aqueles que vão se posicionar na atividade específica, seminário uma vez ou outra. Numa sala em EaD quando o professor propõe atividades para que o aluno faça, todos têm que responder todas aquelas atividades, não faz atividade de prova, por exemplo. Todos têm que se posicionar no fórum para tirar dúvida. Então de uma certa forma ele consegue usar de algumas outras ferramentas, ele tem

que pensar em algumas outras ferramentas para que ele consiga ter um panorama de todos aqueles alunos durante todo o processo em que aquela sala de aula virtual ta aberta. Então ele consegue ter uma noção de como cada um, todos pensando e não só como ele pensa, mas como ele produz o texto escrito, nem que seja um parágrafo, nem que seja uma coisa muito curta, coisa que no presencial acaba não tendo esse cuidado porque o feedback é muito mais oral. Então aquela primeira dificuldade que você me perguntou lá, aquela dificuldade de professor aluno que é uma dificuldade escrita, no presencial parece que a gente demora mais tempo para descobrir isso, a gente acaba descobrindo as dificuldades que estão na prova no final lá do trimestre ou do semestre no mecanismo. Em EaD você já pensa no aluno fazendo coisas para mostrar o que ele aprendeu. Essas coisas sempre estão escritos, então você consegue diagnosticar com um pouco mais de antecedência qual o problema que ele tem na hora de escrever coisa que no presencial o professor está muito atento a esse processo desde o começo. Ele acaba se deixando levar pelo que o aluno fala. Então às vezes o valor ele é muito articulado para falar, mas na hora de escrever ele não consegue expressar tudo o que ele pensa de uma forma escrita, e é uma das competências que o professor que tá sendo formado na Pedagogia tem que ter, porque o curso de Pedagogia hoje ele é pensado para a formação dos professores nos anos iniciais na educação infantil, nos iniciais do fundamental representam coordenação escolar, supervisão, então ele é um profissional que tem que saber escrever, tanto na parte de gestão, tanto na fase de alfabetização das crianças. Então nessa competência ela precisa tá no nível de desenvolvimento muito elaborado, e o que a gente tem visto hoje é que os alunos que chegam para ingressar nesses cursos, eles têm dificuldade tremenda com essa questão de escrita. Então se por um lado os cursos de EaD são criticados por conta de uma tendência histórica, a gente tem curso de baixa qualidade, por outro lado ele permite que o professor estabeleça uma relação com aluno de forma que o aluno tenha que desenvolver essas competências e tenha cada vez mais habilidade na forma escrita.

Acha que o processo de ensino-aprendizagem ao mesmo é o que curso presencial de Pedagogia eu a distância? Por que?

Professor 9 EaD: Nossa mas que loucura né? Eu acho que se a gente pensasse assim, digo loucura por que no meu entendimento, eu acho que tanto uma modalidade quanto outra, elas têm maneiras de acontecer de forma diferente, mas em termos de o que o aluno tem que aprender, ele tem que aprender as mesmas coisas, ele tem que ser um profissional competente, ele tem que entender o da docência, ele tem que ter as articulação entre ensino e

aprendizagem, tem que entender como as pessoas pensam, como as crianças pensam, como ele próprio pensa, como ele próprio se constrói. Eu acho que agora os processos em que, pelos quais ocorre o ensino, eles são diferentes por conta do tipo de modalidade que é. Então em EaD não dá para eu pensar com a mesma cabeça de um ensino presencial, de que todos os dias eu estou vendo o aluno. Eu tenho que pensar além, saber como ele está onde ele está, qual é a idade dele, como eu vou permitir que por meio do computador ele construa a esse conhecimento. Então exige do professor, como eu falei antes, e a essa questão que ele tem que se planejar, ele não pode depender só como está o dia, aquela relação né, do dia a dia, ele tem que pensar antes. Então o que é seu antes que era uma crítica para a educação a distância, hoje eu tenho visto que o ensino presencial tem incorporado uma porção de ferramentas, tem interação que os bons cursos EaD já fazem. Então essa história de que como permitir os alunos utilizem os recursos tecnológicos para favorecer a aprendizagem, converte seus alunos escrevam mais, e melhor, como pensar além daquela aula. Então é assim, eu acho que os cursos presenciais incorporaram muitas coisas bacanas do curso de EaD, porque tem aprendido que o importante nessa relação para a qualidade do curso. Essas atividades de mediação pedagógica e que elas podem acontecer de forma virtual, quanto elas podem acontecer de forma presencial. Se eu entender a forma de como elas acontecem, então eu me adequo como fazer um nome de ação melhor no modelo de curso EaD ou não, curso presencial. Então não se entender é que assim eles são dois cursos iguais em todo seu formato mas eu entendo isso aqui, como eu faço parte desse entendimento, eu acabo transpondo, por exemplo, do presencial um modelo. Você disponibiliza para o aluno um cronograma de texto e à medida que as aulas vão acontecendo você vai finalizando. “Olha, leiam esse texto para aula seguinte que a gente vai discutir sobre esse tema”, entendeu? Então na aula se você tem um monte de texto para ele que ele tema em um curso EaD, não basta apenas mandar para o aluno essa lista de texto e falar “Leia isso nessa semana, ler aquilo naquela outra”. Eu tenho que pegar aquele texto daquela semana, fazer um registro de texto “Olha você vai ler isso desse jeito, responder esse fórum, essas atividades”. Tem que ver quais os recursos que a plataforma EaD tem e eu tenho que finalizar para o aluno que não tá perto de mim, todos os passos que ele tem que compor. Então seu transpõe esse modelo presencial para EaD ele não dá certo, mas eu entendo que são dois modelos diferentes que eu tenho os mesmos texto, por exemplo, para trabalhar nos dois modelos. Eu tenho que entender o jeito que como um funciona e como outro funciona e tenho que planejar a minha ação pedagógica para cada um dos dois.

O que para você é mediação pedagógica? Ela é importante? E por que?

Professor 9 EaD: Eu penso aqui, mediação pedagógica, ela é o centro mesmo de toda nossa ação educativa. A gente, que é professor de licenciatura principalmente, a gente tem que entender como funciona esses processos e o papel central do professor. Nisso eu acho que na licenciatura acontece de duas formas, acho que primeiro na forma de como a gente ensina que é, a gente organiza os processos de aprendizagem. Então eu, como professora, tem sempre entender como que existe uma, entendo que a educação pedagógica. Exige, não espaço de tempo entre o que eu quero ensinar enquanto professora, e o que os alunos vão aprender e como eles vão aprender. Então eu tenho que pensar né, então acho que não é processo de mediação pedagógica, é justamente esse processo intelectual. Primeiro então, eu tenho que pensar com aquele conteúdo que o aluno tem que aprender. Eu entendo que aquele conteúdo é o conteúdo teórico que precisa ter implicações prática. Eu tenho que pensar assim: qual seria a melhor forma para esse grupo de alunos aprender esse conteúdo? E daí pensar em estratégias para que esse aluno vá construindo conhecimento e se aproxime, tá, cada vez mais daquilo que eu pensei para eles. E daí eu tenho um leque de estratégia para usar, pode ser tecnológicas, pode ser leitura, pode ser de perguntas, pode ser estratégia de vivência, pode ser estratégia de desenho, sei lá. Pode ser uma série de estratégias, mas acontece exatamente nessas horas, né, aquele que diz que aquele que acontece naquela zona de desenvolvimento proximal do que o aluno sabe, do que eu quero que ele saiba, e como vai ser minha ação. Então isso vai de uma questão. Acho que por isso mesmo que você perguntou se ela importante. Eu acho que é mediação pedagógica fundamental nos cursos de licenciatura principalmente, e ela tem no curso de licenciatura um outro papel muito importante que é medido enquanto eu enquanto docente tenho clareza que meu papel é de transmissora de conhecimento quanto mais de aprendiz mediador de aprendizagem dos alunos. Eu Vou permitir que os alunos aprendam a como fazer isso, então não vou só dar aula para eles, porque ela, Pedagogia, tem um as outras licenciaturas também, tem a psicologia da educação. Então você estuda todos esses teóricos e você ensina o que eles falam. Então é assim, tem professor que ensina o que Vygotsky diz sobre zona de desenvolvimento potencial proximal e real, sobre o que o Piaget diz, então tem todos esses autores. Então tem uma porção de autores que construíram essas conceitualmente, mas eu não consigo fazer o meu aluno de licenciatura vivenciar esses processos. Para ele é muito difícil transformar isso em ação com os alunos pequenos. Você é um aluno que está

fazendo Pedagogia como uma segunda licenciatura por exemplo porque ele quer fazer uma gestão. Eu tenho que fazer com que ele aprenda a fazer isso em atividades formativas com os professores dele. Então como fazer esse aluno da licenciatura vivenciar esses processos e depois fazer a transposição para os conteúdos menores? Então se eu pego, estou ensinando numa disciplina para os alunos de Pedagogia na metodologia de alfabetização por exemplo, são atividades que são norteadas diretamente por atividade de mediação. Ele tem que entender o que o aluno dele pensa sobre a leitura escrita e como fazer ele avançar por partes então não posso pegar um aluno que não reconhece a diferença entre letra e número, por exemplo, e esperar que ele em uma semana esteja lendo e escrevendo convencionalmente. Tem etapas e para que o aluno avance nessa etapa, o papel do professor enquanto mediação, enquanto mediador nesses processo é muito importante. Só que o professor não vai saber fazer se ele não souber o que que é mediação e qual o papel dele como mediador e como fazer essa mediação. Então acho que assim nosso papel de mediação pedagógica nos cursos de licenciatura, ele é muito importante porque tem que pensar ao longo de quanto tempo dura esse curso, e como que eu enquanto professor vou ensinando os nossos alunos a esse tipo de vivência. E tem então tanto faz se é o curso presencial ou EaD, só tenho que ter o que eu penso que só tem que ter clareza de que tipo de curso é esse que eu tô lecionando agora, e de como eu vou ensinar esses alunos a vivenciar mediação para depois conseguir fazer a reflexão de como exercer o papel de mediador. Os Pequenos, no caso da Pedagogia ou nos cursos de licenciatura, com os adolescentes mas eu acho que também passa primeiro por viver isso viver a experiência para depois transpor essa experiência para os pequenos ou para os adolescentes.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente no curso presencial para um curso à distância? Em que consiste essa diferença?

Professor 9 EaD: Eu acho que essa diferença consiste justamente nos modelos de curso. Se o professor tem clareza de que o papel dele mediadora é de mediação, e especialmente de mediação, se torna tranquilo para o professor exercer isso no presencial, as ferramentas que ele tem quanto exercer isso na EaD. Eu só acho que na EaD é como se fosse sabe uma condição que não tem como fugir, ou você usa essa condição de mediador ou vai ficar muito explícito que não deu certo. Porque assim, se você posta uma atividade na EaD e essa atividade não ficou clara, não demora muito, não demora nada, vem uma porção de perguntas “eu não entendi” e ouvem respostas muito diferentes do moço falando que não entendeu. Diferente do presencial que se você não faz meio que direito a aula expositiva e repetição uma

lista de perguntas e tal, os alunos vão responder porque ficou claro. Então demora muito para o professor perceber que no presencial que as atividades de mediação não são de mediação de fato, são de transmissão. O que na EaD é muito claro é muito rápido essa resposta, por conta do tipo de organização curricular do curso, do tipo de atividade. Mas eu penso que em termos conceituais a mediação é mediação, independente da ferramenta que eu vou utilizar, presencial, virtual, por meio de tecnologia, de relação que é uma questão conceitual de prática antes de tudo.

Essa diferença influi na qualidade do curso?

Professor 9 EaD: Sem dúvida eu acho que aí é que tá, acho que a questão crucial da aproximação da teoria e prática, acho que na primeira pergunta que você me fez que eu achava que era o grande problema, do a distância, que eu falava que era esse distanciamento entre as questões teórica e prática. Mas eu acho que essa grande dificuldade e esse grande desafio, essa grande possibilidade, está junto justamente no campo da mediação que seu organizo um curso pensando nesses processos de mediação pedagógica, de aproximação do aluno, do campo teórico, do campo prático. Eu consigo pensar em uma estratégia para que ele vá se construindo enquanto professor, enquanto docente dos anos iniciais, do que ele precisa saber, do que ele precisa fazer, do que ele precisa pensar sobre. Por que é uma construção individual do aluno não são conhecimentos que a gente trabalha que vão ficar conhecimento para ele, para ele usar ou numa atividade de trabalho em uma máquina. Ele sempre vai trabalhar com gente, com pessoas e é um processo de construção dele, de convencimento dele, de transformação dele, de transformação cognitiva prática e transformação de conhecimento de crenças, de valores. E para trabalhar nessa área que é deformação de pessoas, eu preciso entender que o meu papel de docente é um papel de mediação. Então se eu consigo pensar em como esse aluno que chegou no curso, o que eu espero dele enquanto egresso do curso, a minha atividade docente ela não pode ser uma atividade de transmissão de conhecimento, ela tem que ser uma atividade de mediação pedagógica nos primeiros conhecimentos conceituais, depois na articulação prática. Então da entender como que ele vai para a prática no estágio, por exemplo, na observação. Que elementos ele vai trazer pra minha aula, para eu conseguir fazer com que ele reflita sobre aquela realidade, para que ele possa incorporar depois a prática dele de docência. Isso eu só consigo de acordo com a mediação. E daí tanto faz a ferramenta que eu vou usar, seja só em ferramentas da EaD só ferramentas do presencial, porque tá muito mais na relação que eu estabeleço com esse aluno para que ele pense do que o instrumento

seja presencial ou à distância. Então acho que esse é o grande nó, hoje, nosso, dos cursos que interferem diretamente na qualidade de ensino na qualidade de formação desses alunos que são egressos em cursos de Pedagogia.

Fale sobre as dificuldades encontradas para desenvolver o papel de mediador professor

Professor 9 EaD: Eu acho que sem dúvida uma grande dificuldade é excesso de trabalho do professor, o acúmulo de horas que você tem para se dedicar, que tá congelado especificamente a remuneração do professor. Tem então hoje um professor, ele tem que acumular muitas horas em sala de aula e no ensino superior não é diferente do ensino básico. Então você tem uma jornada, por exemplo de 20 horas com aluno, sejam essas horas em EaD, sejam horas presenciais, você tem um tanto de horas que você gasta preparando e um tanto de horas que você gasta ao aluno. E assim as horas em sala de aula é um número muito, muito pequeno se comparado a grande média em sala de aula, com professores de graduação. Então esse grande volume de aulas que o professor tem, por conta da sua faixa de remuneração, ele interfere diretamente no trabalho intelectual do professor. Que eu entendo que trabalho de mediação é um trabalho muito mais intelectual ao nosso de pensar quem são esses alunos e aí tanto faz são os presenciais. Então quem são esses alunos? O que eles sabem de onde eles vêm? Então esse trabalho de pesquisa, para fazer um diagnóstico de quem aquele grupo de alunos, que deveria ser um trabalho bastante sério, ele exige tempo do professor, então, para fazer mediação, como analisar. E daí pensar quais as melhores estratégias usar para fazer tudo isso que eu disse: aproximar o aluno do conhecimento, fazer refletir sobre a prática, fazer melhores coisas, melhores informações. Estar atento ao que de conhecimento novo é produzido, então, de trazer literatura recente, fazer reflexão recente, então isso demanda muito tempo. Então o professor que está muito tempo em sala de aula, há muito tempo, ele acaba se cansando. É escasso a estresse isso eu acho que é um complicador muito sério que acaba alterando, senão assim num período curto de tempo, ao longo do tempo eu acho que acaba sendo um complicador e o professor no presencial, por exemplo, acaba se vendo tendo que repetir uma aula, que usar de estratégias de improviso para trabalhar de um jeito, para trabalhar de outro ou acaba trabalhando de madrugada usando muito tempo para fazer ou acaba, o que eu tenho visto em algumas pesquisas, acaba se estressando, acaba adoecendo. Porque eles se vêem diante de um dilema ético, do que eu faço hoje e do que eu gostaria de fazer. Eu entendo que é o meu papel para fazer. Então eu acho que esse complicador do tempo, por conta da remuneração, do valor social que é atribuído a nossa profissão, eu acho que isso

acaba dificultando muito o papel. Isso é um fato. O outro fato eu vejo também assim, na resistência dos docentes entender que a importância desse processo de mediação nos grupos pelos quais eu trabalhei é um fator preponderante, não de serve muito, mas nas pesquisas que eu faço sobre as condições de trabalho docente, a gente percebe uma parcela dos professores muito resistente a esse papel da mudança de entender que, para ser professor hoje, na qualidade, seja uma qualidade crianças adolescente ou de adultos, é preciso entender o contexto que a gente vive. O contexto que a gente viu hoje, ele é tecnológico. Ele é pensado a partir da mediação que os alunos têm, informação sobre tudo quanto é lugar. Mas como pensar sobre essas mediações e como intervir de uma forma significativa sobre elas, precisa ser ensinado. É um trabalho reflexivo, então se o professor não entender que esse papel, que isso mudou hoje, não dá mais para se pensar na docência hoje como se pensava há 30 anos atrás, 40, 50 anos atrás nem a 10 anos atrás, é muito rápido. Então tem o fator de resistência que eu tenho observado e o outro fator que eu acho de dificuldade para desenvolver esse papel de mediação, a precarização da formação do professor hoje e também outro dado que pelo visto não nos pois, os quais eu trabalho mais com os dados de pesquisas ou professor por exemplo da Educação Básica que não consegue se enxergar enquanto mediador, é porque ele tem muitas lacunas nessa formação, tem problemas conceituais, muita dificuldade conceitual e daí previamente ele não consegue exercer o papel de mediador, porque ele nem sabe aonde ele tem que chegar né. Então são algumas questões que eu tenho observado.

Em sua opinião quais os desafios para construirmos um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 9 EaD: Eu penso que tem alguns desafios. Eu acho que um deles é a questão de como articular a teoria e a prática no sentido de como promover a inserção desse aluno na escola, observando de forma como repete, acontece e voltando para a universidade tendo condições de refletir sobre essa prática. Então acho que essa aproximação com a escola e com a escola pública, eu acho que ela ainda é um grande nó em todos os lugares né, não tanto nas observações na parte de observação do estágio, mas na hora de pensar em projetos, nas atividades que ele tem que fazer exercício né, que antigamente era chamado de regência e hoje a gente chama de docência compartilhada. A gente tem muitas escolas que tem muitos problemas em se permitir que o aluno faça isso, então o aluno se forma sem ter feito nenhuma atividade com criança e no dia seguinte ele tem que ir para uma sala de aula, que geralmente as salas de aula que são oferecidas pra ele não são as salas de aulas mais tranquilas,

geralmente são aquelas salas de aula que não são atribuídas a nenhum professor experiente. Essa sala que o fulano que o aluno inexperiente pega sem experiência nenhuma. Acho que essa articulação entre a teoria e a prática, ela é muito fragilizada nos nossos cursos, principalmente porque a gente faz parte de uma sociedade educativa educacional que não pensa nas condições em que se formam os professores de fato né, é uma sociedade que tá acostumada a criticar a criticar mas enquanto parceiro, o diretor acolhe esse aluno que tá em formação, os professores mais antigos não acolhem esse aluno que tá formando, que tá em formação e nós, enquanto demanda do curso, acabamos cedendo o controle do que que esses alunos estão fazendo na sua articulação entre a teoria e a prática. Então acho que tem que se pensar muito nos espaços onde acontece essa inserção esse trabalho de inserção profissional para que a gente possa de fato pensar em um pouco mais de qualidade dos nossos cursos.

Professor 10 EaD

**** *Prof_10 S_Fmod_P id_3 exp_2

Porque você escolheu ser professora do curso de Pedagogia?

Professor 10 EaD: Bom, eu já tô na área de educação a mais de 20 anos mas não atuava em instituição de ensino superior, e eu sempre gostei de dar aula para esse público de jovem adultos. E aí optei pela Pedagogia por tá na minha área.

E o que para você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 10 EaD: Então, eu acho que a Pedagogia tem uma função muito importante pensando na educação, na formação docente. E eu acho que um curso de Pedagogia de qualidade ele vai trazer professores de várias áreas com conhecimentos diversificados, e acho que tem que trazer sempre a formação crítica do aluno. Então formar um aluno que seja, que tenha esse pensamento crítico com relação à educação, que não seja só um reproduzidor das teorias ou das, né, que seja um profissional que vai atuar nesse sentido então. Eu acho que principalmente na minha área, que é mais voltada para educação inclusiva e diversidade, eu acho que essa temática na Pedagogia ela tem que ser sempre muito forte e tem que permear em todas as disciplinas. Então esse aluno tem que tá nesse curso de Pedagogia, que eu acho que seja um curso de qualidade, tem que tá preparado em todas as áreas.

Quais são os desafios que você encontra no dia-a-dia na relação professor-aluno?

Professor 10 EaD: Eu acho que hoje a gente tem uma defasagem muito grande com relação ao aluno que tá hoje na universidade, e esse aluno, a gente vê várias falhas nessa formação. Então eu acho que hoje se a gente for atuar como professor de uma faculdade, da Pedagogia no caso, que espera que esse aluno tenha o conhecimento, um cabedal de informações, a gente se decepciona. Então eu acho que essa relação professor-aluno tem que ter essa compreensão de que a gente tem que dar continuidade nessa formação desse aluno e tem que ter essa compreensão porque senão a gente não consegue avançar.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância de um curso de Pedagogia presencial?

Professor 10 EaD: Pensando na presença do professor eu acho bem importante essa presença, essa relação direta do professor com aluno. Então eu acho que no à distância tem algumas vantagens que desenvolvem, que o aluno consegue desenvolver a sua autonomia de outras formas. E acho que são outras formas de mediação, mas acho que, ah, o curso presencial, eu acho que ele ainda agrega um pouco mais. Porque eu acho importante essa presença, esse sentir ali na hora, o que o aluno precisa, do que ele tá, até por causa disso que eu falei anteriormente, nessa defasagem. Toda essa dificuldade que a gente encontra hoje com esses alunos, eu acho que você tá ali vendo e se mostrando aberto para esse aluno para que ele possa te fazer perguntas para que ele possa até vir até ver você ficar mais perto dele, em outros momentos não só na sala de aula, na aula de reforço, uma conversa mais, orientação na hora dos TG's né. Eu acho que tudo isso, eu acho que essa diferença do presencial você consegue agregar um pouco mais e se dedicaram um pouco mais a esse aluno.

Acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo no curso de Pedagogia presencial ou à distância? Porque?

Professor 10 EaD: Com relação ao aluno, é porque assim, eu entendo o processo de ensino-aprendizagem, o nome é esse né, é uma via de mão dupla. Então tanto para o professor que tá ali, eu aprendo demais na sala de aula, muito. Esses alunos me trazem sempre informações novas, perguntas novas, e isso tá sempre agregando para mim, então eu acho que é para o aluno também. Então eu acho que a diferença é essa né, presencial porque você consegue ali ter um potencial maior de surgirem novos assuntos de ter um desenvolvimento maior tanto do professor como pro aluno.

O que para você é mediação pedagógica? Ela é importante? E por que?

Professor 10 EaD: Bom, faz parte nessa continuação do que eu tô falando né, é isso: a mediação pedagógica é você conseguir tá ali, perceber que o aluno precisa, eu acho que entender essas fases ao longo de uma disciplina, você vai vendo esses, esse desenvolvimento do aluno muito mais de perto. Então eu entendo a mediação pedagógica é isso, é você tá do lado, acompanhar esse aluno e de várias formas, na aula, na sua escrita através dos trabalhos, no contato hoje em dia (redes sociais a gente conversa demais com os alunos) e as ver as dúvidas. Eles mandam WhatsApp para perguntar isso aquilo e eu acho que isso também faz parte da mediação, acho que é um conjunto.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso à distância? Se sim, em que consiste essa diferença?

Professor 10 EaD: Sim, eu acho que é diferente sim. Porque no à distância você tem poucos encontros, então eu acho que não permite que você faça essa mediação plena que você realmente, assim, eu entendo que a mediação pode acontecer com vários instrumentos, de várias formas, mas eu acho que a principal mediação é com a presença do outro. Então eu acho que é essa diferença, nisso que consiste essa diferença. Então é diferente e a diferença é essa.

E essa diferença influi na qualidade do curso de Pedagogia?

Professor 10 EaD: Não sei dizer porque não tenho tanta experiência com EaD. Dizer que a qualidade também vai depender muito do aluno. Então de repente a mediação na EaD pode ser mais, pode ser boa também para determinados tipos de alunos. Eles dão, também vão atingir seus potenciais, vão conseguir ter um bom curso, então, mas assim, eu defendo mais o presencial porque eu acho que a mediação com a presença do outro é muito mais forte.

Fale sobre as dificuldades encontradas para desenvolver um papel de mediador professor.

Professor 10 EaD: A gente como o professor a gente tem muitos condicionamentos, então a gente pode começar, como eu já falei, por essa dificuldade, essa defasagem histórica desse aluno em sala de aula. Dependendo de qual Universidade, dependendo de qual, alguns condicionamentos também, até com materiais, com instrumentos de sala de aula a gente também, o professor também, nessa mediação, acho que no geral, muitas vezes a gente idealiza alguma coisa e quer levar isso para sala pensando que isso vai ser uma coisa ótima

naquela sala e na hora ali você tem que mudar isso. Acho que faz parte da relação teoria-prática. Então professor tem que ter essa consciência de que nessa hora da mediação, ali presencial, aquilo que ele idealizou pode não ser exatamente daquela forma então ele também vai ter que ter planos B planos C e caminhar por outros rumos, porque esse público hoje realmente é muito, é, imprevisível. É um público que a gente não sabe o que espera.

Em sua opinião quais os desafios para construir um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 10 EaD: Eu penso assim, no professor, eu acho que uma falha não ter a formação continuada interna em serviço. Então eu acho que o professor no curso de Pedagogia, até por conta de todos esses desafios, e falei com poucos, vão surgindo mais, acho que a gente tem que ter mais reuniões, mais encontros pedagógicos de formação e isso acontece de forma esporádica e teria que ter um plano mesmo de formação docente em serviço.

Professor 11 Pres

**** *Prof_11 S_Mmod_P id_4 exp_5

Por que você escolheu ser professor do curso de Pedagogia?

Professor 11 Pres: Bom, eu escolhi porque eu também fui aluno do curso de Pedagogia e ali tive contato com outros colegas que incentivaram a fazer esse caminho, depois, ah..., acho que a discussão, né, os problemas que a Pedagogia coloca nesse processo de ensino-aprendizagem, ele foi familiar pra mim, né. Então eu na verdade concentrei mais a minha leitura, mais a minha discussão e o meu esforço todo dentro dessa temática, é, que a Pedagogia propõe. Que em grosso modo é ficar, né, entendendo melhor esse processo ensino-aprendizagem: como ensinar melhor, como fazer com que o outro aluno, o outro sujeito aprenda, né. Acho que foi essa a questão de fundo né.

O que pra você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 11 Pres: Olha, eu acho que um curso de Pedagogia de qualidade é um curso que tá, digamos assim, atento àquilo que de mais novo, instigante aparece no universo da educação, acho que a gente não pode ficar alheio às discussões que estão sendo propostas, seja pra você aderir ou, e/ou, pra você fazer a crítica né. Eu acho que um curso de Pedagogia de qualidade é um curso também que provoca nos alunos, é, a necessidade deles terem acesso aos clássicos da Pedagogia, aos, aquilo que os educadores escreveram, mas não a partir de resumo, mas a

partir da leitura dos textos, né. Eu acho que um curso de Pedagogia de qualidade é aquele que ajuda você a depois também do curso concluído, que você tenha condições de tá, né, tendo possibilidade de ser aprovado nos concursos, porque eu também vejo que tem essa preocupação assim, né, de você fazer um bom curso, mas você também sair daqui tendo condição de passar no processo seletivo, né, e de ter condições de dentro de uma sala de aula, é, trabalhar a situação que lhe foi posta, né. Ou seja, que a gente não fique perdido dentro de uma sala de aula olhando pra trás e falar “po, que que eu aprendi que não me serviu pra nada?”, né. Então acho que um bom curso de Pedagogia tem que atender um pouco essas questões.

Quais são os desafios que você encontra no dia a dia na relação professor-aluno?

Professor 11 Pres: Olha, eu dividiria assim: acho que dentro do curso de licenciatura, é, você ainda tem um pouco mais de conforto, né. Eu acho que, grosso modo eu acho que ainda os alunos que vêm fazer licenciatura têm um certo interesse por aquilo que vem fazer. Eu acho que situação diferente são outros cursos né, porque quando a gente fala de relação professor-aluno aqui, a gente tá falando de maneira geral. Então, em outros cursos que não sejam cursos de licenciatura a gente observa um pouco mais de resistência dos alunos, menos comprometimento (quando falo menos comprometimento, com essa rotina da escola né, de leitura, de tarefas, de respeito pra com os colegas e até para com os professores, né). Então eu acho que o grande desafio hoje é você fazer o aluno se sensibilizar com aquilo que você tá propondo, né. Eu sempre vejo e brinco com os colegas, né, nós como da área de humanas, a gente tem que convencer o outro de aquilo que a gente tá propondo como leitura, como discussão é importante, porque parece que predomina hoje na escola um espírito muito pragmático né: “eu só vou estudar aquilo que eu vou usar”, e daí dentro desse universo das ciências humanas (embora isso seja profundamente necessário, a gente entende, mas dentro desse ambiente social parece que a coisa tá meio colocada em segundo plano, né) e os alunos enxergam isso, eles colocam dessa maneira pra gente. Então acho que o grande desafio é convencer o aluno de que aquilo que você tá propondo pra ele é importante, coisa que outros professores não têm muito problema né. O professor de matemática chega na engenharia e todo mundo sabendo que vai ter matemática e tá tudo certo. Agora, se você chega com outra discussão, aí é complicado. Você tem que ganhar, entre aspas, o aluno.

Quais são as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância e de um curso de Pedagogia presencial?

Professor 11 Pres: Então, eu não conheço a educação a distância, assim, a sua operacionalização. Eu evidentemente que tenho as minhas críticas em relação ao curso de educação ou qualquer outro curso à distância, mas eu acho que, na minha opinião evidentemente, mas eu acho que a presença do professor, aquele contato que você tem ali mesmo com os demais alunos, esse ambiente que cria essa cultura universitária, eu acho que esse é um diferencial que somente os cursos presenciais tem. Conheço gente que faz curso à distância, uma disciplina todos fazem, outros não fazem, uns presencial outras distância, ou seja, essa coisa do grupo eu acho, que essa preocupação com os demais eu acho que isso é próprio do curso presencial, que hoje na verdade ele tá sendo meio que substituído, né, pelos cursos a distância em função de várias coisas e uma delas é a questão da mensalidade que acaba assustando as pessoas. Pessoalmente acho que uma primeira graduação, para você entender, para você experimentar um pouco desse ambiente universitário, eu acho que uma primeira graduação tem que ser presencial depois a gente vê o que faz. Mas então eu não tenho muito o que falar da Pedagogia a distância porque eu nunca trabalhei no curso à distância, até porque tenho também as minhas opções né entendeu?

Acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo no curso de Pedagogia presencial e à distância? E porque?

Professor 11 Pres: É, eu acho que não eu tenho que comparar. Algumas pessoas que fazem curso é a distância e esse à distância significa alguns dias da semana. E eu tenho me deparado com algumas tarefas que os professores solicitam que são complicadas. A gente não vê assim um acompanhamento, né, paulatino do aluno. Então eu vejo bastante problemas quando se fala de educação a distância. Acho que o processo de ensino-aprendizagem é muito diferente, muito diferente, eu acho que esse acompanhamento mais de perto, né, o saber de que maneira o aluno tá progredindo, quais realmente os problemas que ele tá experimentando em sala de aula, eu acho que isso é muito mais perceptível quando você tá com ele. Eu acho que a educação a distância acaba escondendo muita coisa que você não observa.

O que para você é mediação pedagógica? Ela é importante e por quê?

Professor 11 Pres: Ah, eu vejo que a mediação pedagógica é tudo aquilo que possibilita tudo aquilo que serve de meio, todos os recursos que você tem e que lá no final garanta um

processo ensino-aprendizagem. Então todos os recursos didáticos, a tarefa do professor a organização dele, tudo isso serve como mediação pedagógica para que o aluno e professor lá no final a gente possa olhar para trás e dizer “olha o que que eu tinha que fazer, eu fiz”, “aquilo que eu tinha que eu aprender eu aprendi” utilizando-se dos mais diferentes meios, sejam eles os recursos tecnológicos, os livros didáticos, enfim. Eu acho que tudo isso em tese deve ser de todo meio para que não limite o objetivo final seja conseguido, o aprendizado de modo então que ele é importante e se ele não for bem arquitetado isso pode comprometer o processo ensino-aprendizagem e o professor pode até ensinar e o aluno não aprender, enfim aí fica essa lacuna né. Então é fundamental que o professor nesse processo ensino-aprendizagem, o professor tem uma visão mais ampla do processo do ponto das leituras da diferença ele que deve dar o tom do trabalho. A gente eu acho que não deve ficar esperando muito do bom humor do aluno, o que que a gente vai fazer hoje você tem que organizar ir e você que acaba dando o tom do trabalho. Isso é bem importante esse bem organizado você tem grandes possibilidades de conseguir um bom trabalho e se mal organizado e se na organização na forma deficiente utilizar esse recursos, ele pode comprometer o processo formativo, né aí é ruim.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial é um curso à distância? E em que consiste essa diferença?

Professor 11 Pres: Pelo que eu vejo sim né. Pelo que eu vejo sim, a educação a distância utiliza-se muito dos recursos tecnológicos do computador, o que veja não tem nenhum problema priori utilizar o computador, mas eu vejo que as tarefas, elas são pouco largadas. Os alunos têm uma certa dificuldade e mesmo nas disciplinas de um curso de graduação quando você tem aí a possibilidade de 20% de ser a distância os alunos têm muita dificuldade, eles revelam isso nas aulas de não conseguir entrar o sistema”, não funcionou aquele negócio todo né. Então eu acho que é a mediação pedagógica ela é diferente porque eu vejo que sobretudo, na educação a distância os recursos tecnológicos, eles são priorizados. Até apostilas, uma outra linguagem, você tem um outro material. Eu acho até que se isso bem utilizado com professor consciente, competente, alguns problemas podem ser sanados. Mas a tendência, pelo que eu escuto, pelo que eu vejo, alguns alunos ficam largados e aqui mesmo na Instituição a gente recebe alunos de outros lugares aonde as aulas eram feitas nessa modalidade e eles preferiram o presencial, justamente por conta de uma maior organização, de uma maior presença de alunos e professores e que os problemas podem ser resolvidos ali. Acho que é mais por aí.

E essa diferença influi na qualidade do curso de Pedagogia?

Professor 11 Pres: Eu acho que essa diferença influi qualquer curso. É muito diferente, eu acho, que quando você tem uma pessoa, aquilo que eu falava quando você tem uma pessoa mais madura, que já entendeu um pouco esse espírito da universidade e vai fazer uma segunda graduação eu acho que dá para fazer um EaD. Mas eu acho que uma primeira é complicada. A pessoa tá nova ainda, não conhece esse ambiente, não sabe desse espírito, a produção acadêmica o jeito que se faz, enfim, eu acho que é fundamental. Então eu acho que o curso de Pedagogia ou qualquer curso de graduação se a gente não organizar bem as tarefas pedagógicas, ela acaba influenciando sim na qualidade do curso e aí eu não acho inclusive justo que um curso de graduação tenha uma avaliação e ali dentro do cômputo estejam alunos que fizeram graduação à distância e que fizeram a graduação presencial. Eu acho que é diferente né então eu acho que isso interfere sim no resultado.

Fale sobre as dificuldades encontradas para desenvolver o papel de mediador Professor.

Professor 11 Pres: Olha eu acho que uma grande dificuldade, ela é histórica, é, digamos assim, e se interfere na sala de aula. Parece clichê, mas eu acho que o professor ainda é uma figura que não tem todo o apoio que precisa. Você tá vendo aí agora para estudar, você tem que sacrificar, você tem que deixar um monte de atividades, mas você também precisa se manter no curso, o gasto é alto. Então assim eu acho que a carreira do professor, isso é uma questão histórica, a carreira do professor ela é a ela nunca foi prestigiada privilegiada, isso só ficou nessas discussões mais românticas; de que o professor é importante para a sociedade mas no campo operacional a tarefa do magistério, o ofício do professor, ele ainda continua sendo, eu diria, até mal visto no sentido de que não devidamente visto por aqueles que devem fazer não só alunos pais e comunidade mas também aqueles que gerem a política da educação no Brasil. Então eu acho que essa é uma grande dificuldade e eu acho que uma dificuldade que o professor hoje encontra é de tentar escutar os apelos que estão externos a sala de aula. Hoje você pega um aluno ou qualquer aluno dentro da sala de aula e tem celular, tem internet tem *iPad* e aí às vezes a gente ainda também tem que ficar naquilo que a gente chamaria de tradicional, o que não é ruim né, sei lá, você pega um clássico, você pega um texto e o aluno ele não tá acostumado com aquilo ele não ele tá acostumado com essa linguagem um pouco mais de margens etc. Então acho que os alunos que estão chegando na sala de aula hoje são alunos menos concentrados por que porque aí fora da escola a gente tem outros dispositivos

que fomenta nos alunos outras disposições, eu acho que a escola ainda eu acho que isso é bom né a escola ainda preserva aquilo que ainda é dela historicamente falando né, mas eu acho que um grande desafio nosso hoje é tentar motivar o aluno, ter o aluno ali presente participando, lendo, debatendo aquilo que a gente chamaria de né da cultura escolar, mesmo os textos. Por que para o aluno ele fala não a gente já pegou esse autor, esse autor é velho já tá ultrapassado, eles não entendem a importância da história dos clássicos. Eu acho que é um grande desafio nosso.

Em sua opinião quais os desafios para construirmos cursos de Pedagogia de qualidade?

Professor 11 Pres: Eu acho que reconhecer que a educação ela é necessária, a educação é fundamental. Eu acho que é pensar que o curso de Pedagogia, no caso nos moldes em que ele é oferecido hoje, um curso rápido de 3 anos, ele não dá conta de ler minimamente aquilo que a Pedagogia sugere né. Vou dar um exemplo muito concreto: eu fiz Pedagogia em 4 anos e não li a didática mãe o que é um texto grande e é um clássico da Pedagogia do século XVII. Como é que você vai estudar Pedagogia e não vai estudar um sujeito que escreveu sobre Pedagogia no século XVII. Mas enfim, por que que isso não se faz isso não se faz porque não tem para o reduzido de formação? Enfim, então eu acho que o grande desafio nosso é hoje o debate tá sendo hoje né, de você esticar mais esse processo formativo ao invés de 3, 4 anos não que isso vá solucionar, mas é que um pouco de mais tempo para leitura. Eu acho que um outro desafio nosso é fazer as pessoas compreenderem a necessidade né da gente ter acesso a essa produção, vamos chamar de clássica né, não ficarmos apenas nos autores que fazem comentários dele acho que esse é um grande desafio né e eu acho que um outro desafio no curso de Pedagogia, lutar contra a correnteza, ou seja, dizer para todos os nossos alunos que, digamos assim, é importante a tarefa do professor na sociedade, ele tem uma tarefa muito particular muito específica e que a gente não pode esperar a sociedade mudar ou que as políticas educacionais mudem para gente fazer aquilo que a gente pode fazer melhor na sala de aula né. A gente tem que fazer dizendo aquilo que é bom etc.etc. e ao mesmo tempo denunciando pouco espaço a pouca valorização que o professor tem mas a gente não pode é deixar de fazer isso né, a gente não pode ficar esperando alguma coisa mudar para a gente poder fazer melhor e demais os alunos que estão em sala sobretudo as crianças, não é o meu objeto do trabalho né, mas essa crianças, elas não tem nada com isso. Eles vêm para escola com uma certa ingenuidade achando que o professor é o melhor, vai ensinar tudo de bom, vai se dedicar e o professor não pode em nome de problemas diversos negar esse conhecimento a

educação do aluno Então eu acho que nós temos aí grandes desafios né, mas eu acho que os professores no nosso caso aqui né, os professores dos colegas, também tem essa consciência e sabe que a luta é pesada, a luta é árdua mas eles não abrem mão desse valor da educação como formação humana em fim pra gente poder entender melhor a onde que a gente tá. Acho que é isso aí.

Professor 12 EaD

**** *Prof_12 S_Fmod_E id_3 exp_2

Porque você escolheu ser professora do curso de Pedagogia?

Professor 12 EaD: Na verdade eu sempre quis ser professora por conta de uma vivência com a minha mãe pela docência, mas quando eu decidi mesmo escolher a profissão eu queria ser fonoaudióloga. Então quis ser professora, mas eu quis ser fonoaudiologia. Aí como era integral eu e decidi pela Pedagogia mesmo, que era o que eu podia fazer. E quando eu fiz era no modelo de habilitações, então a gente fazia anos 2 anos de comum e 2 anos de habilitação, e eu queria dar aula no magistério. Então assim, meu foco sempre foi formação de professores, só que quando eu me formei acabou magistério, então nunca dei aula no magistério. E depois eu trabalhei todo um grande tempo com educação básica até ter a oportunidade de trabalhar com a Pedagogia e me encontrei na verdade com essa questão da formação de professores, de estudar diferentes metodologias em relação professor-aluno e tudo que envolve o ensino.

O que pra você é um curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 12 EaD: Para mim um curso de Pedagogia de qualidade é aquele que prioriza a formação do professor, tanto numa questão da fundamentação teórica, tá, na qual, é, a gente articula com a prática. Pela Minha experiência eu vejo que o curso para ser considerado de qualidade nós temos que fazer sempre a integração do que a gente estuda, todos os teóricos de todas as linhas pedagógicas, com que acontece na realidade, né, então a gente tem alguns momentos da Pedagogia que favorecem isso, que são os trabalhos em grupos, os seminários, vários debates, né, que devem ser promovidos para garantir a qualidade do curso. A questão do estágio que é um grande momento de discussão da teoria articulada com a prática e que a gente também trabalha alguns conteúdos fundamentais, porque quem tá estudando Pedagogia

vai ensinar alguém, então tem que ter conteúdo básico ali para poder ensinar. Então para mim a Pedagogia de qualidade é isso.

Quais são os desafios que você encontra no dia-a-dia na relação professor-aluno?

Professor 12 EaD: Olha, dificuldades desafios, por incrível que pareça, eu tenho um bom relacionamento, como é, entre como professora com os alunos. O que eu vejo as vezes é que a questão do tempo é que interfere. Então talvez o que interfira na relação, a gente acaba ficando pouco tempo com os alunos e isso interfere. Numa a gente não consegue fazer passar tudo o que quer, não consegue, eu digo, a gente não consegue. Na verdade é assim, estender a temática então seria a questão do tempo é pouco tempo que a gente passa a carga horária de disciplinas que a gente dá acaba sendo muito pequena, agora outras dificuldades do aluno de Pedagogia da relação entre professor aluno eu não tenho como apontar.

Quais as principais diferenças de um curso de Pedagogia a distância e de um curso de Pedagogia presencial?

Professor 12 EaD: Olha a diferença seria que no curso presencial eu posso explorar mais a questão da minha vivência enquanto professora. Então eu conto mais relato, a questão da experiência com o aluno, a dificuldade que às vezes a gente encontra com pais, relacionado a questão de material didático: como é que faz, como é que entende aquele material didático, qual a concepção que está por trás, né, então a gente consegue ter um relacionamento maior, ouvir mais a demanda do aluno. Porque sempre um aluno faz muitas perguntas não encontro presencial, então uma coisa que ele não tem entendido que ele queira um exemplo prático a gente consegue fazer que a distância acaba ficando prejudicado porque o aluno ele tem uma sala web que a gente elabora quem é o produtor, quem a produção da sala até elabora levantando hipóteses do que que o aluno quer saber e do que que é importante ele aprender, mas a gente tem um pouco desse retorno realmente da prática que acaba ocorrendo quando eles têm um encontro presencial. Então nos encontros presenciais que eu tenho do curso de Pedagogia eles tiram muitas dúvidas, mas como que é isso na sala de aula então eles não querem sua fundamentação e aquele exemplo escrito; eles querem um depoimento, eles querem um depoimento, quero que a gente conte qual seria a nossa atitude a nossa percepção seria nesse sentido a diferença.

Você acha que o processo de ensino-aprendizagem é o mesmo do curso de Pedagogia presencial ou à distância?Porque?

Professor 12 EaD: Não. O processo de aprendizagem não é o mesmo. Primeiro que o perfil do aluno à distância tem que ser, ele é bem diferente do aluno presencial, tá.O aluno presencial geralmente faz um caminho inverso, ele assiste à aula e depois ele faz a leitura para aprofundar o que foi dito em aula.O aluno da Educação a Distância ele faz a leitura, faz o estudo e depois que ele levanta os questionamentos que ele tem.Essa questão da interação e a envolve muitas coisas diferentes, né. Então um aluno da distância ele tem que ter um autodidatismo, ele tem que ser muito mais organizado, ele tem que dispor de um tempo grande de estudo, tem que ser um aluno com perfil pesquisador, ele tá com a dúvida ele não vai perguntar para colega a questão também né. De que ele não tem a troca entre pares, que seria a troca com outros colegas. Isso acaba sendo muito pequena, então ele que tem correr atrás, ele que tem que procurar, ele que tem que rastrear, ele que tem que entender as diferentes significados outros textos que complementem aquele texto que ele não conseguiu compreender é diferente.Eu respondi? É isso mesmo, não? Então eu falei da questão do ensino da aprendizagem relacionado ao ensino é diferente porque a gente não tem na educação a distância o trabalho em grupo que a gente consegue fazer com o presencial, que a gente já sabe que é uma estratégia de ensino imprescindível para qualquer ser humano que seria fazer a troca onde ocorre a socialização de ideias de estratégias.Isso a gente não consegue mesmo utilizando algumas ferramentas que grupo a gente não consegue no ensino à distância

O que para você é mediação pedagógica?Ela é importante? Por que?

Professor 12 EaD: Então, a mediação pedagógica para mim é todo esse caminho que o professor faz né, essa relação que o professor faz com o aluno e com o conteúdo né. Então funciona meio que uma... uma... um elo entre o que está sendo ensinado com o aprendizado do aluno e a intervenção do professor. Então seriam os questionamentos, seriam os textos oferecidos, seria analisar o erro do aluno né ou diante de uma dúvida gente poder fazer diferentes intervenções. É isso que é mediação pedagógica para mim.

Em sua opinião a mediação pedagógica é diferente de um curso presencial para um curso à distância? Se sim, em que se consiste essa diferença?

Professor 12 EaD: A verdade, ela, os recursos acabam sendo até que parecidos tá. Então a gente até propõe para o aluno a distância que ele faça diferentes leituras, leituras complementares que ele traga alguns questionamentos, que possa enviar mensagens para o seu tutor, para o docente. Tem os cheques que a gente também permite toda essa troca, mas a diferença é que no presencial a questão é no tempo né, o a distância demora. Então não é naquele momento que a gente consegue às vezes intervir e dar a intervenção adequada, porque quando a gente não consegue fazer a leitura da pessoa com outras linguagens que a pessoa tem, então no presencial a gente vê os traços faciais da pessoa, a gente vê a inquietação, percebe na tonalidade de voz uma coisa que a gente consegue mediar mais, que a gente consegue, daí talvez, a intervenção adequada. Na distância não, fica uma coisa geralmente mais voltada para texto, algo que é escrito e nem sempre é tão claro. Então há uma grande diferença e creio que a mediação acaba sendo mais difícil na educação a distância do que no presencial.

E essa diferença influi na qualidade do curso de Pedagogia?

Professor 12 EaD: Olha, na qualidade nem sempre. Eu acredito que não interfira 100% na qualidade, porque como eu disse o perfil do aluno de Educação a Distância, ele é diferente, ele tem que ser autodidata, ele tem que ser disciplinado, ele tem que ter perfil de pesquisador, de querer aprofundar o conhecimento. Ele não pode ficar só naquela sala que ele tem para fazer atividade que ele tem para fazer, tem que procurar mais. Então dessa forma ele acaba exigindo menos do seu professor. Então as intervenções são em quantidades menores do que o presencial né, então não acredito que interfira na qualidade porque a qualidade para mim de um curso à distância está na seleção dos conteúdos e todos os recursos tecnológicos que podem ser oferecidos: boas referências, boas atividades de reflexão de sistematização. É isso que vai interferir, porque às vezes também a gente tem no preferencial uma boa mediação entre professor e aluno e não tem boa qualidade de texto, não tem bons exercícios. Então é muito relativo né, eu teria que para afirmar com alto curso que teria maior qualidade, eu teria que ver todas essas variáveis.

Quais as principais dificuldades encontradas para desenvolver o papel mediador professor

Professor 12 EaD: Olha, eu acredito que dificuldade que nós tenhamos para fazer essa questão da mediação, no curso de Pedagogia em específico né, que eu tenho contato, seria um grande

número de alunos que eu tenho por sala. Então é fazer uma intervenção adequada mesmo que sejam adultos, por conta mesmo da diferença de aprendizagem entre as pessoas. Seria que nós temos um tempo muito reduzido e a gente não consegue intervir diretamente com aquele tipo de dificuldade, fazer uma atividade diferenciada para aquele sujeito, até porque os adultos acabam tendo uma aceitação menor de atividades diferenciadas do que com aluno menor. Que isso permite, isso seria talvez uma dificuldade. No mais eu não tenho, eu não vejo nenhuma dificuldade. Que eu tenho bom relacionamento com os alunos, eu desenvolvi a longo de tanto tempo, que eu trabalho há bastante tempo com a questão da docência, um olhar refinado para perceber algumas dificuldades de aprendizagem, dificuldade de perceber questão relação de relacionamentos. Então se eu percebo que tem aluno que não consegue se inserir em grupo que um adulto eu utilizo uma dinâmica em que eu formo todos os grupos e eles são misturados evitando aquelas panelinhas. Se é um conteúdo muito difícil, um texto muito difícil, eu promovo uma questão mesmo do vocabulário, um estudo mais que possa ajudar. Muitos exemplos diferentes, estratégias. Então eu não vejo dificuldade, eu vejo que o papel é minha profissão mediar né, já que a gente sabe que não existe essa questão da transmissão de conhecimento, né, o conhecimento nem sempre é natural, então o papel do professor é mediador. Então não vejo como dificuldade, mas acho que o desafio é buscar mais estratégias cada vez, mais estratégias de diferentes para estabelecer essa relação.

E para finalizar, na sua opinião, quais os desafios para construirmos o curso de Pedagogia de qualidade?

Professor 12 EaD: Quais os desafios para construir o curso de Pedagogia de qualidade? Primeiro a que eu falo é que assim, eu não consigo aceitar até hoje é uma formação de professor em 3 ou 4 anos. Acho que já começa aí tá. Eu fiz o magistério e também a formação para docência foi de 8 anos; fiz 4 anos de Magistério 4 anos de Pedagogia, então é questão de você formar uma pessoa que vai dar aula na educação infantil, vai desenvolver o trabalho com as séries iniciais do fundamental, vai poder exercer o papel de gestor, orientador pedagógico, supervisor educacional, pode atuar em Pedagogia, em como o pedagogo em ambiente não escolar. Em 3 anos a gente não consegue, até mesmo 4 (a gente tem a matriz né de 4 anos) a gente não consegue porque cada área de atuação tem uma especificidade que difere das licenciaturas. O pedagogo, ele é professor de língua portuguesa, ele é professor de matemática, ele é professor de história, ele é professor de geografia, ele é professor de ciências físicas e biológicas, ele tem que entender um pouquinho de química, um pouquinho de física,

né, porque ele lida com todas essas disciplinas, então ele tem que ter o conteúdo específico. Ele tem que ter o conteúdo metodológico, então ele tem que saber como que trabalha cada uma dessas áreas né na formação. Para isso todo um conhecimento da questão legal, da legislação, conhecer todo desenvolvimento do ser humano, como que é que a criança aprende pra ele poder saber como ensinar. Então o desafio é colocar todo esse rol de conhecimento necessários para um professor no curso de Pedagogia. O que que a gente pode pensar em melhorar na qualidade seria a seleção de bons materiais, uma boa fundamentação teórica, a utilização de diferentes recursos um trabalho bem voltado à análise de práticas, mesmo do que ocorre em sala de aula para que as pessoas possam ver os estudantes de Pedagogia, possam ver o que realmente acontece não é só falado. E seria interessante uma escola de aplicação, seria querer muito mais para ter um curso de Pedagogia de qualidade eu não vejo outra solução.

ANEXO C – MEMORIAL

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Iniciei minha formação aos 5 anos, em 1990, na escola Nossa Senhora do Rosário, uma escola gerida pela Congregação do Divino Coração e dirigida por freiras, na cidade de Volta Redonda no estado do Rio de Janeiro. Entrei nesta escola para cursar o que na época se chamava de Jardim de Infância. A instituição era tradicional na cidade e por isso era de difícil acesso. A matrícula era considerada um privilégio.

Esta “seleção”, imposta aos alunos e pais que queriam matriculá-los, colocava uma constante pressão sobre nós já que qualquer infração disciplinar ou de desempenho escolar poderia gerar a expulsão da escola ou a não-renovação da matrícula. A escola exigia uma disciplina rígida e era totalmente uniformizada. Cada série possuía um uniforme diferente o que, de certa forma, nos hierarquizava, já que o sonho de todas as crianças era usar o uniforme dos mais velhos. Por exemplo, eu sempre sonhei em vestir o uniforme branco do Ensino Médio.

Meu desempenho era mediano, o que era considerado ruim já que meus irmãos tinham desempenho excelente, porque eu fazia apenas o necessário para tirar a nota suficiente da média. Este comportamento afetava minha relação com os professores e até alguns colegas. Nunca tive uma relação muito amigável com as pessoas durante minha vida escolar.

Eu tinha um gosto pela leitura desde que fui alfabetizado pois minha família possuía livros e revistas variados e meus pais sempre incentivaram que eu lesse e por isso acredito que desenvolvi um gosto pelas ciências humanas, nas quais eu tinha um desempenho melhor na escola.

Durante a 8ª Série, tive minha primeira atenção especial à História, curso que viria a me formar posteriormente. Neste ano, tive aulas com um professor, que evidentemente era mal visto pelos pais e direção da escola, chamado Edson. Ele falava de História de forma muito clara e crítica e eu tive pela primeira vez a capacidade de perceber que poderia compreender muito do que se passava no mundo com o aprendizado na escola. A escola, naquelas aulas, fazia sentido. Passei a estudar mais História e outras disciplinas da área de Humanas.

Ao chegar no Ensino Médio, quando vesti meu uniforme branco, tive uma frustração pois o professor Edson já não estava na escola e minha professora era tão tradicional quanto à escola e as aulas perderam o sentido novamente. A partir daí eu já estudava história por conta própria por meio de outros materiais.

Mudei de escola para cursar o 3º ano do Ensino Médio quando passei a estudar em uma escola que tinha como objetivo a preparação para o vestibular. Nesta instituição tive dois professores que deram sentido à minha formação escolar novamente. O professor Cláudio de Geografia e História Geral e o professor Samuel de História do Brasil. O primeiro tinha um conhecimento e didática impressionantes, que influenciam muito minha atuação hoje, e o segundo tinha um amor pela profissão e pela História que se deixava emocionar em alguns momentos da aula. Prestei vestibular para História.

Em 2002, iniciei minha militância política, me engajando na campanha do Partido dos Trabalhadores para presidência. Esta prática era condenada por praticamente todos os meus amigos, mas eu aprendi muito nestas participações. Me preparava para um novo momento.

MINHA LICENCIATURA

Em 2003, ingressei à Universidade de Taubaté para realizar o curso de História, repleto de expectativas. Eu vivia um momento especial em que acreditava em mudanças radicais no país com a eleição recente de Lula para a presidência. Eu depus em meu curso a esperança de ser parte de uma mudança social por meio da educação. Pela primeira vez, eu morava sozinho e longe dos meus pais, era um momento de mudanças e eu queria estar no centro dela.

Para minha frustração, o início de minha vida acadêmica foi decepcionante. Encontrei professores e alunos conservadores e de opiniões preconceituosas e elitistas. Este início foi difícil, mas importante para que eu conhecesse como funcionava a vida acadêmica que, para mim, até hoje é repleta de rivalidades e um comportamento arrogante. Eu continuei o curso e tinha um interesse maior pela área de História do Brasil em particular a Ditadura Militar.

No ano de 2004, ingressei como participante no Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Práxis Contemporâneas, o NIPPC, por intermédio do professor Carlos Pimenta, que lecionava Sociologia Geral no curso de História. A minha participação no núcleo de pesquisa deu um novo ar para minha vida acadêmica. Ali, eu encontrei pessoas que tinham uma visão humana e buscavam uma nova academia. Com eles, fiz leituras de sociologia e antropologia que me esclareceram e complementaram meus estudos em História.

Ao mesmo tempo, ingressei no movimento estudantil disputando espaços no Centro Acadêmico e dando continuidade na militância no PT, que nesse momento vivia seu maior período de popularidade. Minhas esperanças reapareceram.

Ainda em 2004, me tornei bolsista de Iniciação Científica, pesquisando sobre a relação entre a violência na/da escola e sua relação as políticas educacionais da Ditadura Militar com a orientação do professor Carlos Pimenta. Neste período, pude realizar diversas pesquisas bibliográficas e presenciais. Esta pesquisa possibilitou que eu entrasse em escolas pela primeira vez desde que eu havia terminado o Ensino Médio. Foi uma experiência inicialmente chocante, as escolas estaduais de São Paulo eram muito diferentes daquelas que eu conheci quando estudava. Eram evidentes as marcas da violência e a agitação na escola.

Neste momento, me chamou a atenção como a formação pedagógica era menosprezada por outros professores de áreas específicas da História e se fazia uma oposição bem evidente no espaço da universidade. Esta idéia nos leva a refletir a idéia de Saviani (2009)

O dilema se expressa do seguinte modo: admitisse que os dois aspectos – os conteúdos de conhecimento e os procedimentos didático-pedagógicos – devam integrar o processo de formação de professores. Como, porém, articulá-los adequadamente? A ênfase nos conhecimentos que constituem a matéria dos currículos escolares leva a dar precedência ao modelo dos conteúdos culturais-cognitivos. Nesse caso, na organização institucional, seríamos levados a situar a questão da formação de professores no âmbito dos institutos ou faculdades específicos. Inversamente, se nosso ponto de partida for o modelo pedagógicodidático, tenderemos a situar os cursos no âmbito das faculdades de educação. (SAVIANI, 2009, p. 151)

O autor coloca a necessidade uma relação entre o pedagógico e o específico no processo de formação de professores o que fez bastante falta na minha atividade profissional posterior.

Fiz a pesquisa de forma tranqüila, pois me adaptei à realidade que eu presenciava e pude aprender a lidar com uma situação que enfrentaria ainda muitas vezes. Também contribuiu para esta noção de das escolas minhas experiências com o estágio. Fiz o estágio supervisionado em duas escolas estaduais e uma particular e ali pude conhecer de perto a ideia de indisciplina, más relações da escola com os alunos e até mesmo rivalidades entre os próprios professores.

Neste período, ironicamente vide minha própria formação inicial, me chamou atenção como as escolas públicas estaduais de São Paulo tinham a presença forte da religião cristã. Salmos em sala de aula, sermões religiosos na entrada da escola, repreensões às religiões diferentes e a presença em todos os lugares da escola do personagem Smilinguido de cunho evangélico. Percebi que estamos longe do estado laico. Outro ponto que me chamou atenção

foi a forma com que professores e alunos se tratavam, a impressão que eu tinha é que se passava uma guerra dentro das salas de aula em que professores e alunos se ofendiam.

Ficou bastante evidente neste momento, do estágio, como as teorias que eu estudava na Graduação não se refletiam dentro do ambiente escolar e o quanto estas teorias era deturpadas pelos dirigentes das escolas. Para Gatti (2010), ao analisar a formação em cursos de Pedagogia

Nas ementas observou-se um evidente desequilíbrio na relação teoria-prática, em favor dos tratamentos mais teóricos, de fundamentos, política e contextualização e que a escola, como instituição social e de ensino, é elemento quase ausente nas ementas, o que leva a pensar numa formação de caráter mais abstrato e pouco integrado ao contexto concreto onde o profissional-professor vai atuar. Pelo estudo citado pode-se inferir que fica bem reduzida a parte curricular que propicia o desenvolvimento de habilidades profissionais específicas para a atuação nas escolas e nas salas de aula. (GATTI, 2010, p. 1372)

Para a autora é necessária uma atenção maior às relações feitas entre a teoria e a prática para que a formação dos professores se torne completa e dê condições para seu desenvolvimento profissional.

Meu último período de estágio foi em uma escola particular religiosa da cidade onde conheci uma professora, Sônia, que tinha uma relação muito divertida com as crianças fazendo com que elas rissem e se interessassem pelo assunto ao mesmo tempo, fiquei encantado e este episódio marcou minha prática profissional.

PRÁTICA PROFISSIONAL: INICIANDO A DOCÊNCIA

Minha iniciação como docente se deu em uma escola estadual conhecida como Estadão, uma das mais antigas da cidade de Taubaté, em 2005. Fui até lá com a intenção de realizar estágio e a diretora me propôs que eu substituísse uma professora que havia faltado. Eu aceitei e dei minha primeira aula em um 6º ano, a aula era de inglês e eu não sabia o conteúdo a aplicar e os alunos também não sabiam onde estavam com o caderno que utilizavam. Fiquei conversando com os alunos durante 50 minutos. Continuei fazendo substituição na escola por seis meses e adotei a prática de trabalhar com interpretação de textos e letras de músicas já que não havia um conteúdo específico para mim.

No ano de 2006, tive a oportunidade de, no ano de minha conclusão, ter duas experiências importantes: três salas atribuídas na rede estadual e duas salas em um supletivo particular. Estas salas, por serem contínuas sobre minha responsabilidade, possibilitaram um aprendizado maior na docência já que com elas eu pude planejar ações e aulas que atingissem objetivos mais ambiciosos e consistentes. Tive diversos problemas com a direção da escola

estadual que tentava me criticava pela proximidade com os alunos e que eu dava muito espaço para que eles falassem.

Um ponto importante deste início é que não houve em nenhum dos casos um planejamento ou acolhida para o recebimento de um professor iniciante de forma que eu me adaptei sem a ajuda da equipe gestora que em um dos casos tentou piorar minha situação de trabalho. Para André (2012)

Reconhecer que a formação para a docência não se encerra na conclusão dos cursos de licenciatura, mas deve prosseguir ao longo da carreira, é um passo importante para que o iniciante não desanime diante das dificuldades e possa buscar os instrumentos e apoios necessários, sejam eles colegas mais experientes, ex-professores da universidade, ações oferecidas na escola ou em outros espaços formativos. Mas essas iniciativas não podem depender de vontade pessoal nem se limitar ao âmbito individual. (ANDRÉ, 2012, p. 116)

Para a autora, é necessária um incentivo para a formação continuada de professores e eu senti esta necessidade no meu início de carreira como docente.

FORMADO, ENTRANDO NA DOCÊNCIA

Me formei em História no final do ano de 2006. No mesmo período houve um concurso público para ingresso na rede municipal de Taubaté. O concurso foi bastante concorrido já que, naquela época, a rede municipal tinha salários altos em relação às outras cidades da região. Fui aprovado com a 3ª nota mas devido aos critérios de desempate fiquei em 7º lugar e fui chamado para lecionar logo na primeira atribuição.

Ingressei na rede em fevereiro de 2007, e tive minhas aulas atribuídas em uma escola da periferia de Taubaté no bairro do Parque Aeroporto. A comunidade é muito carente e existe um fluxo intenso do tráfico de drogas. Estas dificuldades foram impactantes no início mas percebi que elas não atingiam diretamente o cotidiano da escola e com o passar do tempo fiquei mais tranquilo.

Minhas aulas iam de 6º ano até 9º ano. Já faz 10 anos que estou nesta mesma escola e lá posso dizer que tive minha maior formação. Costumo fazer o exercício de repensar minha evolução como docente neste período. No início, me lembro de tentar impor uma ordem em sala por meio de gritos como se fosse uma forma de respeito. Sempre tive uma boa relação com os alunos, mas por este comportamento por vezes ocorriam conflitos em sala. Percebi com o tempo que os gritos mais tumultuavam o ambiente do que criavam um ambiente propício para aprendizagem.

Neste período, percebi que faltavam espaços de formação dentro da escola e mesmo entre os professores. Para Nóvoa (1992)

O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional. Mas a criação de redes coletivas de trabalho constitui, também, um factor decisivo de socialização profissional e de afirmação de valores próprios da profissão docente. O desenvolvimento de uma nova cultura profissional dos professores passa pela produção de saberes e de valores que dêem corpo a um exercício autônomo da profissão docente. (NOVOA, 1992, p. 13)

Esta falta de diálogo e a experiência docente fizeram com que eu passasse a ler mais sobre aprendizagem e a função do docente. Foi neste período de 10 anos que li as obras de Paulo Freire, por exemplo, que foram pouco citadas em minha formação inicial. A partir daí, pude refletir com mais cautela e sistematicamente minha prática para que eu pudesse realizar a função de forma mais coerente e proveitosa. Percebi a necessidade de construção de saberes a partir de minhas experiências. Para Raymond e Tardif (2000)

Os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto, plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificados, provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor que sejam também de natureza diferente. (RAYMOND; TARDIF, 200, p. 223)

Para os autores os professores produzem conhecimentos variados e com influências diferentes. Em 2008, senti a necessidade de voltar a estudar e ingressei no curso de pós-graduação lato sensu da Universidade de Taubaté. A formação se chamava Educação: História, cultura e sociedade. Neste curso, estudei Adorno e a escola de Frankfurt tendo novas visões sobre educação e a indústria cultural. Para concluir o curso, fiz uma monografia sobre a ligação entre desenvolvimento industrial e políticas educacionais no Brasil.

Esta nova experiência na academia me incentivou a ler mais e me fez perceber que é preciso estudar frequentemente para aprimorar a função docente já que a prática também carece de uma reflexão sistemática e de um corpo teórico para se embasar.

Busquei, então, em 2013, o curso de Pedagogia à distância da Universidade federal de São Carlos que possui um polo em São José dos Campos por meio do programa Universidade Aberta do Brasil. Cursei durante dois anos, este novo curso, porém, por motivos pessoais, precisei abandoná-lo. Apesar de não ter concluído o curso, aproveitei muitos materiais e disciplinas principalmente no que se tratava de Educação à Distância.

Minha atração pela Educação à Distância se deu, também, porque ainda em 2013, entrei para ser docente e tutor do curso EaD de História da Universidade de Taubaté. Por meio dele, pude conhecer novas tecnologias em educação, interagir com alunos pelo meio digital, mas o que mais me impressionou foi a possibilidade de ter alunos mais velhos. Como alguns cursos são semipresenciais, lecionei presencialmente para alunos mais velhos do que eu e muitos deles, já com formação inicial. A docência no Ensino Superior me levou a continuar os estudos da área.

Em 2016, ingressei no programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté, onde voltei a refletir sobre minha atuação como docente e pretendo concluir com uma dissertação que trabalha a Mediação Pedagógica na EaD. O programa tem me ajudado a repensar práticas e me indicado leituras que possibilitem a reflexão neste sentido. Para Calil e Ambrosetti (2016)

O mestrado profissional seria, então, um espaço de desenvolvimento profissional dos mestrandos, conferindo uma nova dimensão à trajetória de formação já percorrida por eles, desenvolvendo um olhar mais crítico e fundamentado sobre a realidade educacional, estimulando capacidades criativas e reflexivas, provocando-os a produzirem conhecimentos profissionais que reflitam nas suas práticas. (CALIL; AMBROSETTI, 2016, p. 91)

Desta forma, o mestrado atenderia minhas necessidades e expectativas neste momento de ressignificação da minha trajetória docente.

Também em 2016, entrei na rede particular de ensino onde estou lidando com um público diferente dos quais me adaptei, ainda estou aprendendo e tendo as primeiras impressões.

Finalmente, posso dizer que minha atuação como docente ainda está em um estágio recente já que tenho apenas 11 anos como profissional docente e pretendo seguir na área ainda por bastante tempo. Minha atuação política continua, a política mudou muito desde 2002, mas a esperança que eu tinha na educação ainda existe mesmo nos tempos em que vivemos.

REFERÊNCIAS

AMBROSETTI, Neusa Banhara; CALIL, Ana Maria Gimenes Corrêa. Contribuições do mestrado profissional em educação para a formação docente. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 3, p. 85-104, 2016.

ANDRÉ, M. Políticas e programas de apoio aos professores iniciantes no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 112-129, jan./abr. 2012.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade, Campinas**, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, 2010.

NOVOA, A. **Formação de professores e profissão docente** . In: NÓVOA , A. (org.). Os professores e a sua formação (3ª ed.). Lisboa, Nova Enciclopédia, 1997.

SAVIANI, Dermevalet al. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 143, 2009.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 73, p. 209-244, 2000.